

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Dissertação

**Os Guardiões de Semente no Passo do Lourenço, Canguçu-RS:
a semente crioula e o *habitus* do camponês**

Fábio Dias Ribeiro Elste

Pelotas, 2017

Fábio Dias Ribeiro Elste

**Os Guardiões de Semente no Passo do Lourenço, Canguçu-RS:
a semente crioula e o *habitus* do camponês**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. William Héctor Gómez Soto

Pelotas, 2017

E49g Elste, Fábio Dias Ribeiro

Os Guardiões de Semente no Passo do Lourenço, Canguçu-RS: a semente crioula e o *habitus* do camponês. / Fábio Dias Ribeiro Elste ; Orientador William Héctor Gómez Soto. - Pelotas: UFPEL/PPGS, 2017.

148f.

Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Catálogo na Fonte

Bibliotecária Charlene Brasil – CRB 10/1868

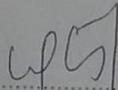
Fábio Dias Ribeiro Elste

Os guardiões de semente no Passo do Lourenço, Canguçu-RS. A Semente Crioula e o *Habitus* do camponês.

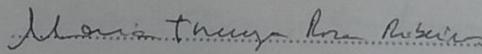
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 23 de agosto de 2017.

Banca examinadora:



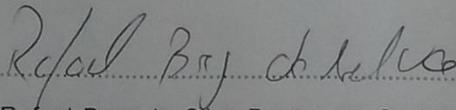
Prof. Dr. William Héctor Gómez Soto (Orientador) Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Profa. Dra. Maria Thereza Rosa Ribeiro Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).



Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Prof. Dr. Rafael Braz da Silva Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Agradecimentos

Primeiramente, meu fora Temer e aos seus apoiadores! Vocês são uma desgraça para o país.

Dito isso, é impossível agradecer a todos e todas que me ajudaram ao longo dos mais de dois anos de mestrado, considerando a precariedade da minha memória, especialmente para lembrar situações e nomes, mas algumas pessoas precisam ser mencionadas.

À minha esposa, Luciana Elste, pela paciência, cuidados e carinho, pelas horas de ajuda, revisando meu texto e corrigindo a escrita que por muitas vezes, encontrava-se desorganizado visto meu pensamento acelerado e confuso. Grato por me esperar naquele longo ano de aulas, provas e trabalhos. Minhas desculpas por não ter sido o melhor marido que podia ser, mas apreciei nossa parceria, mesmo em momentos difíceis.

Aos meus pais, Susana Dias e Manoel Ribeiro, por todo o apoio, carinho e preocupações, afinal, dependendo da perspectiva deles (e dos pais em geral), somos eternas crianças precisando de ajuda. Minha vida é mais fácil com vocês.

Ao meu orientador, pela persistência, apesar da minha arrogância em muitos momentos desse caminho, sem sua ajuda, minha dissertação seria muito parecida com um panfleto de organização sindical.

À minha banca, agradeço por gentilmente terem se disponibilizado a comparecer e contribuir para o meu amadurecimento acadêmico. Ao Prof. Dr. Marcus Vinícius spolle, ministrando aulas em dois momentos distintos, contribuindo na construção de muitas ideias e saberes; à Profa. Dra. Maria Thereza Ribeiro, por toda atenção concedida sempre que solicitei; e ao Prof. Dr. Rafael Braz da Silva, pela disposição em avaliar minha dissertação, a quem me dirijo, pedindo desculpas por minhas limitações.

Aos meus amigos Alexandre Gabiatti, Milene Furtado, pelo incentivo em momentos de descontração e amizade. Grato pela paciência.

À “galera” da especialização em D.H., Milena Ogawa (minha “gurú” de trabalhos científicos e, agora, mestre em História, a japinha de olhos sorridentes), o “bardo” da turma, Bruce Padilha, (que agora termina o mestrado em Ciência Política) e o sempre sereno Anderson Vasconcellos (que terminou a segunda graduação há

pouco). Aqueles momentos de 2014 foram fundamentais para meu crescimento. Nossa amizade é um bem precioso.

Agradeço aos professores Prof. Ms. Maurício Azevedo, meu orientador da especialização, que serviu de inspiração para minha futura carreira de docência, e ao Prof. Dr. Sérgio Botton Barcellos, pela ajuda com as dúvidas que surgiram no processo.

No âmbito institucional, gostaria de agradecer ao PPGS da Universidade Federal de Pelotas e seu corpo docente, discente e administrativo, que me proporcionaram novos horizontes e me fizeram amadurecer.

Aos colegas de turma, que conheciam as angústias dos prazos e as alegrias de vencer etapas, especialmente aos meus amigos e Giovana Lasiniewicz e João Matheus Miranda (aquela parceria na saída de campo foi ótima).

Agradeço também a você, leitor, que estará disposto a ler esse trabalho, fruto de escolhas bibliográficas pessoais (de minha inteira responsabilidade) e que permanece em construção, e aos voluntários do Passo do Lourenço, lamento muito não ter sido possível ficar para o churrasco, mas a contribuição para minha pesquisa foi imprecindível, muito grato pela hospitalidade.

Resumo

ELSTE, Fábio Dias Ribeiro. **Os Guardiões de semente no Passo do Lourenço, Canguçu-RS: a semente crioula e o *habitus* do camponês**. 2017. 148f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Nesta dissertação, investigou-se a disputa entre camponeses, Guardiões de Sementes Crioulas, em Passo do Lourenço, Canguçu-RS, e as empresas do setor agroindustrial, envolvendo a preservação do *habitus*, na perspectiva teórica de Pierre Bourdieu. O estudo procurou analisar como esse *habitus* se transformou em resistência à modernização da agricultura no Brasil, especialmente quanto à forma como foi implantada, que excluiu o campesinato das políticas públicas para o setor; discutindo conceitos fundamentais, tais como *campo* e *capitais simbólicos*, e de que maneira se configurou a luta entre os atores sociais, especialmente após a chamada Revolução Verde e a implementação das sementes transgênicas no cenário da agricultura.

Palavras-chave: *habitus*; capitais simbólicos; modernização da agricultura; campesinato; Guardiões de Sementes Crioulas.

Abstract

ELSTE, Fábio Dias Ribeiro. **The Guardians of seed in the Passo do Lourenço, Canguçu-RS: the native seed and the habitus of the peasant**, 2017. 148f. Dissertation (Master in Sociology) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

In this dissertation, we investigated the dispute between peasants, Creole Seed Guardians, in Passo do Lourenço, Canguçu-RS, and agroindustrial companies, involving the preservation of the habitus, in the theoretical perspective of Pierre Bourdieu. The study sought to analyze how this habitus became a resistance to the modernization of agriculture in Brazil, especially as it was implemented, which excluded the peasantry from public policies for the sector; Discussing fundamental concepts such as field and symbolic capitals, and how the struggle between social actors was set up, especially after the so-called Green Revolution and the implementation of seed transgency in the agriculture scenario.

Keywords: *habitus*; Symbolic capitals; Modernization of agriculture; Peasantry; Guardians of Creole Seeds.

Lista de abreviaturas e siglas

ANDEF	Associação Nacional de Defesa Vegetal
CAPA	Centro de Apoio à Agroecologia
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
CAI	Complexo Agro Industrial
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para alimentação e agricultura
FUNAGRI	Fundo Geral para a Agricultura e Indústria
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INCRA	Instituto Nacional da Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisas Sociais
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
ONGs	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
UNAIC	União das Associações do Interior de Canguçu

Sumário

1	Introdução.....	11
2	O processo de modernização da agricultura no Brasil e seus impactos.....	25
2.1	Trajetória da modernização da agricultura no Brasil.....	25
2.2	Revolução Verde: o avanço da modernização e seu impacto na agricultura brasileira.....	26
2.3	Contradições e problemas: o outro lado da modernização.....	30
2.4	Os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço: origens e perspectivas.....	333
2.5	A criação do PRONAF: o Estado brasileiro e atenção mínima ao camponês.....	355
2.6	A agricultura no Rio Grande do Sul – dois modelos.....	366
2.7	O município de Canguçu: breve contexto histórico.....	378
2.8	A criação da UNAIC e o banco de sementes crioulas.....	399
2.9	Os agentes da modernização tecnológica.....	412
2.10	Da produção científica sobre o tema: as consequências da modernização em Canguçu, organização e estratégia camponesa.....	423
3	Os conceitos de campesinato e a teoria de Pierre Bourdieu para esse trabalho: <i>habitus</i>, campo, capitais e classe social.....	477
3.1	Interpretando os conceitos fundamentais para essa pesquisa.....	488
3.2	Campesinato: uma classe social que resiste à modernização da agricultura?.....	588
3.3	Saber ambiental: explicações possíveis para o camponês contemporâneo.....	644
4	Análise e interpretação dos dados desta pesquisa.....	66
4.1	O estranho para os Guardiões de Semente.....	666
4.2	A resistência camponesa: unidade na distinção.....	733
4.3	Os Guardiões de Sementes pertencem a uma classe social chamada campesinato.....	766
4.4	A Globalização, a agroindústria e os camponeses de Passo do Lourenço.....	788
4.5	Racionalidade econômica: a adaptação do camponês ao mundo moderno.....	811

4.6 Evidências da formação de capital social.....	855
4.7 Capital político.....	889
4.8 Revelando o capital cultural.....	900
4.9 A transformação do habitus do camponês Guardião de Sementes	933
5 Considerações Finais	966
Referências	1055
Anexo A - Roteiro de perguntas para o grupo focal	1111
Anexo B - Transcrição da aplicação da tãcnica de pesquisa grupo focal, junto a um grupo de agricultor@s da localidade de Passo do Lourenço, interior de Canguçu - RS, realizada no dia 21 de dezembro de 2016	1133
Anexo C - Documentos	133

1 Introdução

Essa dissertação visa problematizar o embate entre os camponeses, que são os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, no Município de Canguçu e as corporações industriais do setor agrícola, representadas principalmente pela Bayer CropScience e a MonSanto. Para incursão na temática, utilizou-se o conceito de *habitus* camponês de Pierre Bourdieu (2000) para correlacionar as modificações ocorridas e promovidas entre os camponeses e a área industrial.

A utilização de sementes crioulas é considerada como resistência e autonomia camponesa, e são utilizadas na tentativa de evitar que a modernização da agricultura acabe se consolidando como instrumento de dominação, fazendo com que o ciclo produtivo e a vida dos entrevistados dependam das regras do mercado de consumo.

O Brasil passou por um período de modernização da agricultura, transformando sua matriz de produção, de maneira gradual, passando do chamado “complexo rural”, no qual os insumos para o cultivo eram feitos no interior das fazendas, principalmente por mão de obra escrava, e cujos produtos eram destinados à exportação, passando para o “complexo cafeeiro”, na transição entre o final do período escravista e o início da mão de obra assalariada, impulsionando a criação de um mercado interno, a construção de ferrovias, fábricas para fornecimento de juta, entre outros.

A formação dos “complexos agrícolas industriais” inaugura um período de solidificação do mercado interno e ampliação de culturas para abastecimento da indústria têxtil. Foi durante esse período, que se intensificou com intervenção do Estado brasileiro, especialmente a partir da crise econômica de 1929, que o país começa a produzir máquinas e fertilizantes para uso interno, deixando de ser totalmente dependente da produção externa.

Na década de 1960 teve início a Revolução Verde, período histórico em que as técnicas de plantio e manejo sofreram modificações significativas, transformando a matriz produtiva de indústrias químico-bélicas, como a Monsanto e Bayer, em empresas voltadas a controlar o sistema de produção na agricultura. Durante esse período, os capitais bancário, industrial e da agricultura se unificam, formando um ciclo de interdependência entre os setores da indústria com a agricultura.

Após a regulamentação da propriedade intelectual, garantida através do acordo TRIPS¹, do qual o Brasil é signatário, as sementes passam a ser um insumo incompleto e finito, a depender de recursos econômicos a cada ciclo de semeadura, numa quebra do elo de plantio-colheita-plantio, com o qual o campesinato estava habituado e praticava de forma natural.

Nesse ponto, a pesquisa analisa de que maneira a semente crioula, que é um bem de natureza ambivalente – material e simbólica, ajuda a compreender a disputa entre os Guardiões de Sementes, que escolhem o resgate das próprias sementes, atribuindo novos significados às tradicionais, cultivadas e aprimoradas no decorrer do processo civilizatório, em detrimento das outras, modificadas através de pesquisas científicas e vendidas pelas empresas do setor agrário como o produto que acabaria com a fome.

Com a modernização, as empresas do setor criaram e expandiram seu mercado de consumo, especialmente no chamado agronegócio - grandes produtores de monoculturas como soja e milho transgênicos. No entanto, tais corporações têm encontrado dificuldade para acrescentar o campesinato na lista de consumidores, que resiste através do uso das sementes crioulas, para manter a autonomia da produção.

É justamente a disputa entre corporações e campesinato que revela o *campo* em que ocorre a disputa pela dominação e resistência, envolvendo corporações e camponeses, em um espaço simbólico de luta. A semente modificada geneticamente é o símbolo da modernização, recebendo o significado de propriedade privada industrial, protegida por lei, enquanto as sementes crioulas representam a oposição consciente dos Guardiões, produto de um processo racional de escolha.

Utilizou-se o termo campesinato, em detrimento do termo agricultura familiar, por aspectos que serão trabalhados em momento próprio no texto, mas que, em essência, visa preservar a historicidade do sujeito, e uma identidade de classe camponesa.

O conceito agricultura familiar, trazido por outra vertente teórica, que de certa maneira, acaba por homogeneizar os agricultores como se fossem empresários rurais,

¹ Também chamado de acordo ADPIC, foi celebrado em 1994, e se constituiu em uma articulação feita entre Eua, Europa e Japão, para garantir a propriedade intelectual, o que beneficiou diretamente os países desenvolvidos, em detrimento de outras pautas propostas por países em desenvolvimento. Foi somente após a garantia desse acordo, que as sementes modificadas geneticamente tiveram condições de se consolidar no mercado, agora garantidas pela proteção legal nas nações soberanas. (SILVA, 2009).

cada vez mais inseridos no mercado, como fez Abramovay (1998). Apesar de compreender o pensamento, que coloca o agricultor familiar como uma espécie de produtor moderno, inserido na lógica do mercado, mas com algumas características próprias, entende-se que seus defensores não buscaram debater a exclusão promovida pelo modelo capitalista de agricultura, no qual muitos agricultores são excluídos do processo produtivo, ao não darem conta de acompanhar as exigências de modernização.

Quando o autor traz a questão, os produtos transgênicos estavam começando a ser comercializados nos Estados Unidos, ou seja, ainda não era possível perceber a ameaça constante, caracterizada por este modelo de ciclo produtivo baseado nas variedades geneticamente modificadas, vendidas por empresas do setor.

O que se questionou quando da escolha pelo termo camponês, foi: o agricultor familiar moderno, do qual fala Abramovay (1998), seria ator social que vai permanecer? Não é o que parece sugerir a situação atual da agricultura, com a crescente dominação do processo produtivo por grandes indústrias.

Parece evidente que o autor observou um outro contexto social cujas análises, inovadoras para o meio acadêmico estavam embasadas em momento distinto, no qual as sementes transgênicas ainda não dominavam grande parte das terras cultiváveis.

Preferiu-se, portanto, utilizar as considerações trazidas por Van Der Ploeg (2008), e a ideia de uma condição camponesa, cujo ator social se transforma, mas não deixa de existir. É possível perceber o camponês atual interagindo neste processo, e de uma maneira ativa, deixando de ser apenas um sujeito que se submete às questões externas inevitáveis, como é o processo de modernização da agricultura e o avanço das empresas agroindustriais.

Conforme afirma Van Der Ploeg (2008), o processo de industrialização tende a aumentar a vulnerabilidade dos camponeses e estes reagem de formas diversas, como em Passo do Lourenço, conferindo ao camponês o papel de sujeito ativo nos processos de transição da agricultura e do mundo, o que dialoga com o conceito de *habitus*, da teoria Bourdiana.

Resistir à modernização, escolhendo utilizar suas próprias sementes e técnicas, acarreta em uma disputa árdua pela preservação da maneira com que praticam a agricultura, com implicações no próprio modo de vida que valorizam e escolhem preservar. Para compreender essa realidade, buscou-se os conceitos de *campo*, *habitus* e *capitais*, da teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

A pesquisa ora apresentada busca compreender de que maneira o *habitus* camponês se transformou em resistência à modernização da agricultura, através do resgate e preservação de sementes crioulas e valores sociais existentes, em Passo do Lourenço, Canguçu-RS.

Assim, o **objetivo geral** da pesquisa é analisar a forma com que o *habitus* se transforma em resistência ao processo de modernização da agricultura, através da valorização das Sementes Crioulas e das técnicas de cultivo tradicionais.

Os **objetivos específicos** são:

- Analisar a constituição do *campo* de disputa simbólica identificando a ação dos atores sociais envolvidos.
- Compreender a construção do significado da semente crioula como instrumento simbólico de resistência à modernização da agricultura.
- Analisar o processo de valorização e resgate de sementes crioulas e tecnologias populares compartilhadas, para preservação do modo de vida camponês.
- Identificar os *capitais* simbólicos envolvidos na disputa.

A hipótese assumida foi a de que aquele grupo social rejeitou as sementes transgênicas e os produtos vendidos pela agroindústria, como forma de garantir a resistência de um *habitus* camponês, baseado na guarda, troca e plantio de sementes crioulas, bem como no uso de técnicas compartilhadas e populares, no emprego de força de trabalho familiar e em valores próprios de uma classe social mais ampla.

Compreendeu-se que é mais do que uma forma de manter a autonomia produtiva em relação à agroindústria ou meio de subsistência, constituindo-se em conjunto de ações que representa a preservação do modo de vida que esta comunidade se esforçou para proteger, valorizando aquilo que foi transmitido por gerações passadas, mas adaptado às mudanças promovidas pela modernidade, em um processo constante de acúmulo de múltiplos *capitais* simbólicos, reforçando de maneira permanente o *habitus*, que modifica e é modificado pelos agentes do *campo*.

O *campo*, para o sociólogo francês, é um espaço simbólico de disputa por posições de dominação, em uma sociedade repleta de hierarquias, que delimita a análise do funcionamento da dinâmica social do conflito, no qual os atores são conhecidos e cujas regras de funcionamento permitem a percepção dos processos sociais específicos, proporcionando que ocorra a observação sociológica pretendida.

Utilizou-se a teoria Bourdiana, pois seus conceitos oferecem elementos importantes para compreender como ocorrem as relações entre os agentes e suas percepções acerca da própria realidade social. O *campo* aparece de maneira indissociável, com o de *habitus*, que reflete a relação existente entre indivíduo e sociedade, na construção e reconstrução da estrutura.

O *habitus* aparece, então, como elemento central da pesquisa realizada em Passo do Lourenço, na medida em que permite compreender os motivos que levam os atores sociais, ora investigados, a resistir ao processo de modernização, travando disputas dentro do *campo*. A estrutura que impulsiona as ações individuais, ajudando a reproduzir, naquele espaço geográfico, valores culturais, e outras formas de sociabilidade, encerrados na utilização das sementes crioulas.

Na agricultura camponesa, praticada em Passo do Lourenço, de subsistência e feita através da mão de obra familiar, encontrou-se a possibilidade de uma investigação sociológica que compreende a disputa, aparentemente desigual, envolvendo camponeses e seu modo de vida, em disputa com corporações em busca pela dominação mercadológica.

Partindo da observação realizada na comunidade de agricultores de Passo do Lourenço, com características notadamente camponesas, que valoriza o plantio de Sementes Crioulas e, com ajuda do conceito *habitus*, é que o problema de pesquisa foi construído.

A relevância de investigar o espaço estruturado de luta simbólica (*campo*), da qual os investigados são atores sociais e, o significado simbólico e prático da utilização de técnicas e sementes que não seguem a tendência da modernização da agricultura, se traduz em um estudo que, apesar das limitações, ajuda a perceber os processos sociais envolvidos na preservação do *habitus* camponês.

Com a modernização, empresas como Bayer e Monsanto expandiram seu domínio rapidamente, impulsionados por substanciais campanhas publicitárias, afirmando que os venenos aumentariam a produtividade das lavouras, promovendo a proteção dos cultivares contra “pragas” (organismos biológicos concorrentes). Além disso, aquelas empresas investiram em pesquisa genética de sementes até que, na década de 1990, passaram a comercializar suas variedades geneticamente modificadas.

A necessidade de pagar pelas sementes a cada ciclo produtivo forçou a dependência do produtor com para com as novas tecnologias. O processo de

dominação iniciado tinha o objetivo de expandir os lucros no ciclo produtivo da agricultura, atingindo o campesinato.

Com a criação da UNAIC em Canguçu, uma espécie de associação central, que reunia cerca de trinta associações de camponeses do interior do município, os investigadores iniciaram um processo de fortalecimento do seu próprio *habitus*, reforçando os laços entre eles e outros indivíduos na mesma condição, gerando *capital social*. Tal processo teve seu momento essencial na criação do banco de sementes crioulas, já nos anos 2000, e ganhou importância com a edição da Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares, que contava com apoio de organizações no assessoramento político e técnico.

A realidade parece estar diferente em relação ao período anterior à valorização das sementes, quando o processo de modernização fazia com que os camponeses buscassem a adequação com as premissas ditadas pela agroindústria e por alguns setores da ciência e da política. Ao valorizar a semente crioula como instrumento de disputa, o *habitus* dos Guardiões de Sementes recebeu importante reforço, conferindo autonomia produtiva para manter seus cultivos, sem depender de insumos externos, garantindo as adaptações necessárias para um espaço no mundo moderno.

Todos os fatores apontados acima indicam que os camponeses de Passo do Lourenço encontram obstáculos para manter seus cultivos e vidas nos moldes tradicionais (produção familiar, sementes próprias preservadas de uma safra para outra e com diversidade de culturas), mas a Semente Crioula é o produto de racionalidade camponesa, mas também de um saber ambiental, que envolve diversos atores sociais e que se adapta às contingências e ajuda a compreender a semente transgênica como instrumento de dominação.

Os Guardiões de Sementes são atores sociais na disputa, e se opõe às mudanças forçadas de seu *habitus*, modificando a estrutura que impulsiona suas ações, determinando novas formas de pensar, agir e sentir. Foi justamente dessa percepção que a investigação encontrou, na teoria de Pierre Bourdieu, uma ferramenta possível de compreensão desse fenômeno.

A produção de Sementes Crioulas passou a ter um significado próprio, revelando o papel na disputa dentro do campo, e através delas, aparece uma espécie de racionalidade matemática, indicadora da necessidade de manutenção da autonomia camponesa no ciclo produtivo, que calcula os custos e escolhe produzir através de suas próprias sementes.

A composição e organização dos camponeses, juntamente com a criação do banco de sementes crioulas e, contando com a ajuda constante de grupos ligados à Igreja Católica e da Confissão Luterana, através de reuniões periódicas de formação e assessoramento técnico, agregaram diversos elementos importantes e que ajudaram no processo de rejeição dos produtos oferecidos pela agroindústria, principalmente pelos aspectos negativos que eles representavam (dependência econômica, destruição de valores culturais, degradação ambiental, saúde e perda do patrimônio genético).

A pesquisa traz o conceito de *estranho*, expressão desenvolvida por José de Souza Martins (1993), para compreender a percepção dos camponeses, em relação à modernização. O estranho é representado pelas empresas do setor agrário, grandes proprietários de terra e pelas políticas estatais. Através da justificativa das inovações tecnológicas, o *estranho* aparece ligado às tecnologias e pensamentos que representam a modernização do mundo rural, produzindo contradições e problemas, desconsiderados no decorrer do processo.

O camponês teve seu espaço invadido pelo *estranho* e foi perdendo hábitos, sementes, autonomia, enfim, o modo de vida camponês foi se deteriorando pela modernização. O *habitus* próprio foi dando espaço para o que lhes era imposto e dito como correto, transformando a vida das pessoas que eram atingidas pela expansão capitalista e desconsiderando o indivíduo nesse processo.

O recorte geográfico escolhido para desenvolver a pesquisa foi a comunidade de Passo do Lourenço, no interior de Canguçu RS, e um dos fatores que influenciou nisso foi a existência de camponeses, moradores da região que, em sua maior parte, contribuíram com a fundação da UNAIC e com o banco de sementes. Além disso, a localidade de Passo do Lourenço permitiu a observação de histórias incorporadas pelos agentes, com menos influências e estímulos diários, típicos da vida exclusivamente urbana.

Com a expansão da modernização, as empresas consolidaram seus produtos, afirmando que as sementes modificadas geneticamente, venenos e fertilizantes químicos eram o progresso, enquanto as sementes crioulas e técnicas tradicionais representavam o atraso. Essas percepções, aliadas a outras, como políticas públicas de incentivo aos produtos vendidos pela agroindústria, a massiva propaganda e setores significativos das ciências agrárias, financiados pelo capital corporativo, fez

com que o problema de pesquisa fosse pensado através da percepção na relação entre a perda do *habitus* e a resistência para evitar a perda.

As regras com *campo* foram se tornando conhecidas pelos Guardiões de sementes, e isso permitiu a busca por estratégias que permitiram melhores posições na disputa, construindo o que compreendemos nessa pesquisa como resistência, ou seja, uma oposição consciente dos problemas que resultaram da modernização, que desconsiderou as populações locais, destruiu costumes, formas de pensar, levando os camponeses a um estágio crescente de fragilidade e desigualdade social.

Discorrer sobre essa luta é explicar de que maneira aqueles atores sociais, dentro do recorte geográfico escolhido, tiveram condições de se manter enquanto camponeses, seguindo o seu método de cultivo e vida. A tarefa se tornou possível através da lente sociológica do autor francês, especialmente dos conceitos principais, fundamentais e indissociáveis entre si, como *habitus*, *campo* e *capital*, posto que complementares e conjugados em sua teoria.

A percepção de como ocorre a disputa pelo *campo* é importante, na medida em que, além de situar o trabalho no espaço simbólico observado, permite compreender como as ações individuais daqueles atores sociais influenciam na construção e reconstrução da estrutura (*habitus*), e qual a racionalidade existente na objeção quanto à modernização da agricultura.

O *campo* aparece, então, como meio para localizar os agentes sociais em posições relacionais, na medida em que podem ser percebidas em um espaço simbólico no qual ocorre uma disputa por dominação, praticada pela agroindústria, cujo interesse é controlar o mercado de sementes e acumular capital econômico, e de resistência, por parte dos camponeses investigados, que tentam manter seu modo de vida e autonomia, através do uso de sementes crioulas.

Mesmo que certos processos sociais ocorram de maneira inconsciente, há um conjunto de compreensões e percepções, próprias dos pesquisados que evidenciam o caminho da resistência à influência dos produtos vendidos pelas empresas, justamente porque esta resistência faz parte de suas vidas, se constitui como uma estratégia de sobrevivência, e traz consigo a racionalidade acerca dos custos, materiais e simbólicos, que a perda do controle das sementes representaria em suas vidas. A racionalização sobre os instrumentos de dominação impulsiona a transformação da estrutura e a conservação do próprio *habitus*.

O *habitus* é construído e reforçado através da luta por posições de dominação e controle dentro do *campo*, que visa permitir o acúmulo de *capitais* e a manutenção de seu modo de vida, sem a dependência que a agroindústria busca impor aos camponeses, como ocorre em Passo do Lourenço.

Com o resgate da tradição de utilizar as sementes crioulas, os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço resistem ao processo de dominação, reconhecendo e utilizando as “regras do jogo” para garantir uma luta menos desigual, modificando a estrutura e permitindo que o agir dos atores sociais passe a estar orientado para preservar seu *habitus*.

A semente crioula é justamente o patrimônio simbólico, e material que garante a permanente disputa por espaço dentro do campo, construída coletivamente e resultado de um saber que envolve aspectos complexos e multifatoriais e que atingem ideias e sentimentos que dizem sobre étic e sobre a incompletude do saber científico, como dito por Leff (2009). É a partir do saber contido na semente crioula que é possível a conservação do *habitus* camponês dos Guardiões de Sementes e a reprodução de seu modo de vida, autonomia produtiva e a atenuação da relação de dominação e hierarquia.

A estrutura do *campo* é modificada pelos camponeses de Canguçu, na medida em que, diante de novas situações com as quais não haviam se deparado ainda, se viram obrigados a agir de maneira consciente, promovendo mudanças. O *habitus* foi sendo modificado, houve acúmulo de *capitais*, como será percebido na análise das transcrições da técnica de pesquisa aplicada, especialmente o social, através do compartilhamento de sementes crioulas e dos métodos de cultivo não baseadas em fertilizantes químicos ou venenos, ampliando e formando uma rede crescente que envolve outros camponeses, de diversas regiões do Brasil e da América Latina.

Outro ponto crucial na modificação da estrutura do *campo* em disputa, foi a criação da Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares, permitindo o fortalecimento de uma cultura campesina, expansão do saber e das técnicas de cultivo, diferentemente do que era afirmado pela propaganda e pelo saber científico produzido nas faculdades de agronomia, especialmente após a Revolução Verde, que utilizava a autoridade científica para classificar a agricultura camponesa como atraso.

A rejeição significa a opção consciente por um modo de vida em detrimento de outro, um processo de escolha consciente, no qual as tecnologias produtivas os Guardiões percebem que os produtos lançados no mercado pela indústria do

agronegócio não servem a seus propósitos, deixando claro que não é sobre anacronismo tecnológico, mas em face do conhecimento acerca do significado dessa modernização sem considerar as populações rurais.

Para que atender aos interesses da pesquisa, utilizou-se a metodologia qualitativa Segundo Minayo (1993, p. 21) a pesquisa qualitativa "se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado". Isso representa falar que a metodologia qualitativa permite diversos significados, relacionados aos motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

É através do conjunto de fenômenos humanos, entendido na pesquisa como parte da realidade social, pois nela o ser humano se distingue, não só pelo agir, mas por pensar sobre o que faz, interpretar suas ações dentro e a partindo da realidade em que vive e é partilhada com seus semelhantes.

Nesse tipo de metodologia é mais adequada por privilegiar as informações obtidas diretamente das pessoas, os depoimentos extraídos na aplicação das técnicas de pesquisa que, em conjunto com os dados obtidos nos documentos e nas observações obtidas nas saídas de campo.

Um das técnicas de pesquisa foi a revisão bibliográfica, em autores que trabalharam as categorias de análise utilizadas nessa investigação, como campesinato, Complexos Agro Industriais, e mesmo os conceitos teóricos, como *habitus*, *campo* e *capitais simbólicos*. No mesmo sentido, a sites das entidades e organizações sociais foram consultados, como fonte direta de determinados explicações de determinados fatos relacionados à problematização da pesquisa.

Procedeu-se com a análise de documentos, especialmente folhetos e cartilhas produzidos por entidades e ONG's, como CAPA, EMBRAPA, UNAIC, dentre outras, também envolvidas com a Feira Estadual de Sementes Crioulas. Outros documentos foram obtidos na própria UNAIC, e versavam sobre a valorização da agricultura familiar camponesa, técnicas de cultivo oriundas da agroecologia, explicações acerca dos perigos do uso de venenos e sementes transgênicas, história das sementes crioulas.

A localização geográfica do campo de pesquisa é importante por alguns motivos; o primeiro, diz sobre o ambiente de vida dos entrevistados, o que ajuda a enfrentar a análise do *habitus*, na medida em que a construção do conjunto práticas sociais estruturadas e está conectada com os meios com os quais vivem seus atores sociais. Localizada no 4º Distrito de Canguçu, distante cerca de 40km da área urbana

da cidade de Pelotas, ou seja, no limite territorial de Canguçu (sede da UNAIC e de grande concentração de camponeses). Apesar da proximidade, o acesso à localidade se dá através de uma via não pavimentada, com aclives e declives, repleta de pedras que se projetam ao longo do caminho, fazendo com que o motorista do veículo tenha que estar atento ao trajeto, sem poder desenvolver uma velocidade maior que 50km/h e, em alguns trechos, não superior que 30km/h.

A aproximação com o grupo de camponeses, Guardiões de Sementes Crioulas, começou em maio de 2015, quando foi feita a primeira pesquisa exploratória, na sede da UNAIC. Após o contato com o então Presidente da entidade, Júlio Watcher, através do telefone da associação, houve o deslocamento até a cidade. Na ocasião, se realizava a primeira edição da Feira de Sabores da Terra, promovida pela própria UNAIC, tornando possível conversar com os produtores que expunham tomates, cebolas, alfaces, couves e batatas livres de transgênicos e agrotóxicos.

Foi franqueado acesso aos documentos disponíveis na associação e estes, como fontes primárias, foram utilizados na construção desta investigação, permitindo uma visão mais ampla acerca das sementes crioulas e seus produtores que, em parte, encontram-se em anexo. Naquele momento da pesquisa, ainda em desenvolvimento, era notável que se tratava de um modelo muito diferente daquele que domina o cenário das monoculturas de produtos transgênicos.

Na visita à feira de sabores foi possível ter as primeiras impressões acerca do ambiente, fazer contatos e tomar conhecimento de que haveria, no mês de outubro daquele ano, a realização da VII edição da Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias populares, um evento criado pela UNAIC, que ganhou evidência vem crescendo e atraindo participantes de várias partes do Brasil.

No dia 03 de outubro 15 foi feita nova pesquisa exploratória, que permitiu a coleta informações, observar práticas e colher depoimentos, tudo para garantir a compreensão dos objetivos aqui propostos. Naquele dia, foram reunidos diversos materiais gráficos, filmagens e fotografias, posteriormente analisadas para ajudar a construir o objeto de pesquisa, contribuindo para alcançar os propósitos da investigação, principalmente para “lapidar” o objeto de pesquisa. Naquele momento, ainda não era possível compreender com clareza o problema e os objetivos aqui propostos.

No ano de 2016, após algumas contingências e mudanças de rumo, especialmente com a substituição da teoria, ocorrida após a qualificação, passou-se

a utilizar Pierre Bourdieu. A percepção dos tores sociais envolvidos passou a ser outra, com destaque para o que era importante para pesquisa, de acordo com as novas perspectivas teóricas. Em outubro do mesmo ano foi realizada nova atividade exploratória, desta vez, uma entrevista com um produtor de sementes crioulas, que não faz parte da UNAIC, evento que permitiu que o objeto da investigação fosse (re)construído dentro de parâmetros adequados para realização.

O entendimento da questão nodal direcionou a pesquisa, proporcionando a projeção das questões que precisavam ser enfrentadas nas entrevistas, bem como possibilitou a elaboração de um roteiro de perguntas que dessem conta da tarefa de compreender os Guardiões de Sementes no aspecto proposto: o avanço da modernização na agricultura, e o que ela representa de impacto o *habitus* camponês.

Optou-se por utilizar a técnica de pesquisa grupo focal, pois ela se mostrou adequada como principal origem de dados, sendo considerados fatores importantes como o de os voluntários estarem em casa, em ambiente conhecido no qual se sentem à vontade, o número de pessoas, para evitar dispersões ou conversas paralelas, o que poderia prejudicar a obtenção de dados, e até o emprego de expressões linguísticas e uso do português formal ou informal, capaz de influenciar nas respostas.

O grupo focal como principal origem de dados, espécie que Morgan (1997) denominou de grupo auto-referente, assim descrito como aquele que serve para uma multiplicidade de finalidades e não apenas para explorar fronteiras pouco conhecidas pelo pesquisador, mas também avançar em outras bem conhecidas, os questionamentos da pesquisa ou para perceber opiniões, questões de natureza cultural, atitudes, vivências e expectativas futuras, podendo ser utilizado em conjunto ou de maneira isolada com outras técnicas de pesquisa.

Segundo Kind (2004, p. 125), por ser uma técnica de análise de grupo, para “[...] compreender os conteúdos que se encontram por revelar relações sociais; não apenas com a análise do se encontra explícito nos grupos, mas principalmente no discurso que proporciona apreender o significado oculto, valores e ideologias”.

Os grupos focais utilizam as interações entre participantes, proporcionando a produção de *insights* que dificilmente poderiam ser obtidos sem o uso da técnica. Na obtenção dos dados leva-se em consideração o processo do grupo, admitido como mais amplo que a soma das opiniões, pontos de vista e sentimentos individuais em disputa, bastante adequado a uma investigação de natureza qualitativa.

Para conduzir a técnica de grupo focal foi considerada a postura a ser assumida pelo pesquisador, especialmente quanto à questão da moderação nos debates, evitando interferir ou conduzir as respostas, o que certamente poderia refletir na qualidade dos dados obtidos.

Então, em 2016, após a mudança teórica de mais um trabalho exploratório é que foi efetivamente delimitado o objeto de investigação. Logo, para seu correto estabelecimento, foi realizado apenas um grupo focal. As falas decorrem da gravação e transcrição da reunião, que contou com a presença de dez pessoas, entre homens e mulheres e diversificadas (ver tabela que consta nos anexos). Registre-se que os entrevistados foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa, anonimato das declarações e eventuais dúvidas acerca do uso dos dados que seriam obtidos, e a concordância encontra-se gravada e transcrita.

O trabalho será composto de três capítulos, delineados da seguinte maneira: o primeiro trata da problematização relativa à modernização da agricultura no Brasil, fazendo um breve relato sobre a evolução histórica, a formação dos Complexos Agroindustriais, passando pelo período da Revolução Verde, quando a agroindústria se fortaleceu, até que a disputa pelas sementes atingisse a estágio em que hoje se encontra, revelando os agentes da modernização e sua origem.

Depois, uma breve contextualização sobre do Município de Canguçu, quem são os Guardiões de Sementes, origem da UNAIC e do banco de sementes crioulas.

Finalmente, o capítulo trará uma breve revisão bibliográfica, abordando questões essenciais, que corroboram as proposições deste trabalho.

No segundo capítulo, buscou-se traduzir os conceitos fundamentais da teoria Bourdiana, como *campo*, *habitus*, tipos de *capitais* e sua importância para o objeto de pesquisa, enquanto perspectiva de análise teórica. Buscou-se fazer a conexão disso com o mundo empírico investigado e como se deu a construção dos objetivos da pesquisa, através da teoria.

No terceiro será abordado alguns conceitos que são importantes para compreender e interpretar os dados, como o de *estranho*, de José de Souza Martins (1993), e conecta diretamente com o objetivo da pesquisa, na medida em que proporciona uma visão do que representa o processo de modernização para os camponeses.

Também tratará dos conceitos de classe social e campesinato, demonstrando a trajetória de opções pela utilização do termo, em detrimento de agricultor familiar, mostrando as duas posições acadêmicas para situar a escolha para esta pesquisa.

Por fim, será feita a análise dos dados obtidos, correlacionando a teoria com as informações obtidas, através das interpretações realizadas, baseadas nos indicadores que permitem fundamentar as conclusões de pesquisa, de modo a demonstrar os objetivos propostos.

2 O processo de modernização da agricultura no Brasil e seus impactos

Este capítulo busca compreender o processo histórico de modernização da agricultura, que vem ocorrendo no Brasil, seguindo a tendência de industrialização da agricultura, tal qual ocorreu no mundo, para transformar a matriz produtiva em um sistema agroindustrial, integrado ao capital e à grande produção industrial.

Serão identificados os agentes desse processo de modernização, analisando a conversão da indústria químico-bélica em complexos agroindustriais, perpassando as estratégias utilizadas para tirar do camponês o papel ativo e integral, para o de trabalhador parcial, segundo a perspectiva de José Graziano da Silva.

Vão ser analisadas as manifestações desse processo no âmbito de Canguçu, e a correlação delas com os indivíduos, denominados Guardiões de Sementes, na localidade de Passo do Lourenço. Além disso, será feita uma breve descrição sobre a origem da UNAIC, organização da qual o grupo de entrevistados faz parte, bem como a criação do banco de sementes crioulas.

Para encerrar o capítulo, será feita uma análise dos trabalhos de pesquisa que se relacionam com a problematização proposta nessa investigação, fazendo um panorama das abordagens realizadas em pontos importantes para esta dissertação.

2.1 Trajetória da modernização da agricultura no Brasil

O desenvolvimento da agricultura, segundo o modelo industrial, teve seu começo quando da edição da chamada Lei da Terra, em 1850, pois o Brasil não possuía mercado interno, e a produção agrícola era quase que exclusivamente para produtos de exportação, especialmente o café (SILVA, 1998).

Graziano da Silva (1998) afirma que existia no Brasil o sistema de “Complexo Rural”, no qual a dinâmica era muito simples: a atividade agrícola mantinha pouca, ou nenhuma relação para como as atividades externas às fazendas, excetuando-se o mercado externo, para onde vendiam um único produto, como foi com a cana de açúcar, no século XIX.

O Complexo Rural chega ao seu ápice em 1850, entrando num processo de crise e desarticulação, quando ganha força o “Complexo Cafeeiro” que tem seu período de auge nos anos de 1930, perdurando até a década de 1960.

O processo de substituição do trabalho escravo começou em 1888², quando a mão de obra assalariada passou a ser uma realidade, com a atividade produtiva sendo para o abastecimento externo, mas direcionando alguns pequenos produtores a cultivar com o intuito de abastecer vilas e cidades, bem como produção de algodão, direcionado como matéria prima à indústria têxtil, em crescimento.

No entanto, Graziano da Silva (1998) destaca que foi somente após a crise mundial de 1929, quando o país sofreu o impacto no seu principal produto de exportação, que se iniciou a chamada industrialização pesada. Foi a partir da intervenção do Estado no preço da saca e a formação de um mercado nacional para os principais produtos agrícolas (SILVA, 1998), que a agricultura brasileira iniciou sua industrialização.

O fechamento do período de Complexos Rurais Brasil ocorreu por uma forte ação estatal, cujo objetivo, além da industrialização, tinha como meta a modernização dos processos agrícolas. Houve a transformação da base técnica na produção agropecuária, importou-se tratores, máquinas, fertilizantes e outros insumos, e vai se consolidar quando esses bens e insumos agrícolas começam a ser produzidos internamente em substituição às importações, já na década de 1950.

2.2 Revolução Verde: o avanço da modernização e seu impacto na agricultura brasileira

No período pós Segunda Guerra Mundial, havia o problema da fome, que matava milhares e afetava outros milhões de pessoas no mundo, estabeleceu-se uma preocupação legítima nos governos e populações quanto à capacidade de suprir a demanda de alimentos. A ciência desenvolvia pesquisas, para tentar responder a essa demanda.

² Não se ignora o fato de que entre o trabalho escravizado, cuja proibição oficial ocorreu em 1888, e a mão de obra assalariada, ocorreu um processo migratório significativo, de trabalhadores rurais, especialmente de cidadãos italianos e alemães, mas por uma questão prática, optou-se por examinar apenas os mais importantes para esse trabalho.

Sob o argumento de resolver o problema da escassez de comida nos países em desenvolvimento, especialmente após 1970, se deu a disseminação de um inovador método agrícola, proposto por países altamente industrializados e baseado no uso de insumos químicos para melhoramento do solo e controle de organismos indesejáveis, mecanização e produção em massa, e posteriormente, sementes geneticamente modificadas.

Ocorre que as tentativas de aumentar a oferta de alimentos através da inovação tecnológica não foram bem-sucedidas, conforme afirmam Altieri, Rosset e Thrupp (1998), indicando que no pós Revolução Verde se experimentou um recrudescimento da fome, apesar dos crescentes aumentos na produtividade.

O processo de modernização tecnológica mundo, que começou na Revolução Industrial Inglesa e perdura, segundo alguns historiadores, até o século atual, inicia suas principais inovações tecnológicas na década de 1960, com empresas de tecnologia química, já estabelecidas em mercado específico, assumindo papéis fundamentais na transformação nos métodos de produção na agricultura.

O foco principal de empresas como Monsanto e Bayer, até a década de 1990, foi a venda de produtos químicos voltados à produção de alimentos, e se consolidaram com a pesquisa e liberação de sementes transgênicas. Tais produtos foram substituindo a agricultura “natural”, segundo Graziano da Silva (1998), por outra que induziu a dependência dos produtores destacando que, até 1960, cerca de 70% do pessoal envolvido na produção agrícola brasileira era de mão de obra familiar. Desta forma, o modelo de agricultura que foi criado na Revolução Verde, acabou impactando e pressionando o setor no Brasil, que seguia dependente do mercado externo.

Conforme aponta Martine (1991), o período entre 1965 e 1979 foi de consolidação do parque industrial, projetado no governo de Getúlio Vargas, especialmente para produção de fertilizantes e tratores. Naquele intervalo, o Estado realizou uma intervenção, que consistia em fomentar o crédito rural subsidiado, desde que o tomador cumprisse uma série exigências, como a utilização de técnicas e insumos industriais, tornando-se efetivamente, um dos agentes da modernização.

Conforme Silva (1998), o processo de modernização agrícola promoveu a substituição dos produtos fabricados internamente, no estágio de complexo rural, por “compras extra setoriais”, como máquinas e insumos químicos, e intra setoriais, que consistiam em sementes e mudas. Houve a necessária abertura de espaço para o desenvolvimento de um mercado interno.

É necessário dizer que o acesso a esse tipo de crédito dependia, segundo Martine (1991, p. 12):

A distribuição social, setorial e espacial dos incentivos provocou uma divisão de trabalho crescente; *grosso modo*, maiores propriedades, em terras melhores, tiveram acesso a crédito, subsídios, pesquisa, tecnologia e assistência técnica, a fim de produzir para o mercado externo ou para a agroindústria.

No entanto, Martine (1991) aponta a queda no volume de investimentos estatais no setor, especialmente na década de 1980, seguindo a tendência mundial. Ocorre que, apesar da diminuição nos investimentos, seguiram os privilégios existentes anteriormente

Entretanto, essa aparente maturidade do padrão agrícola pode ter sido, nessa época, mais potencial do que real, pois a retirada do crédito subsidiado genérico foi substituída pelo crédito dirigido ainda mais subsidiado. Ou seja, não houve exatamente uma eliminação do tratamento creditício preferencial, **senão maior seletividade dos beneficiários que, paradoxalmente, passaram a ser mais subsidiados que antes.** (MARTINE, 1991, p. 14, grifo do autor).

A análise realizada pelo pesquisador revela aspectos que não se mostram positivos, especialmente quando levados em consideração a ideologização das políticas

Assim, fortalecem-se, involuntariamente, os posicionamentos político-ideológicos dos setores mais conservadores da sociedade agrária, cujas bandeiras - por motivos distintos - também enfatizam o novo, o empresarial e o grande, em detrimento do atrasado, do improdutivo, do pequeno. Este referencial, por sua vez, é frequentemente fortalecido pela visão agrônômica que, por sua própria natureza, focaliza questões de produção, produtividade e modernização, sem preocupar-se muito com as implicações sociais de médio e longo prazo das mudanças em curso (MARTINE, 1991, p. 16)

É justamente o campesinato quem fica à margem do processo de modernização, alijado do financiamento estratégico, é obrigado a migrar do campo para os centros urbanos ou se tornar mão de obra assalariada.

Os produtores menores, com menos capital econômico, tinham acesso a terras menos férteis e, utilizando técnicas e práticas tradicionais (emprego de mão-de-obra familiar, para subsistência, sem acesso a tecnologia) comercializavam seus produtos em mercados urbanos, cujo público consumidor também detinha pouco poder de compra.

O pensamento de Martine (1991) reforça o que já foi dito: os conglomerados econômicos buscam a extinção do campesinato, a quem atribuem adjetivações pejorativas e rótulos de atraso e ignorância, destacando a importância de grandes escalas de produção, em detrimento de técnicas “inadequadas” praticadas pelos camponeses.

As décadas de 1960 e 1970, foram apontadas como o período em que ocorreu a chamada “modernização conservadora”, pois foi o momento em que, apesar da dinamização da produção agrícola, houve a conjugação de fatores negativos, como maior concentração da terra, desigualdade social, centralização e exclusão no campo. Foi durante o período em que os militares estiveram no comando, que a busca

Conforme Paiva (1979), defensor da modernização na agricultura na década de 1970, a agricultura tradicional tinha boas chances de se desenvolver, caso adotasse técnicas produtivas mais eficientes como as propostas na modernização, refutando a dúvida presente naquela época, de que o agricultor tradicional não seria capaz de modernizar a produção.

Ele afirmava que os agricultores tiveram a capacidade de modernizar suas práticas, adotando uma racionalidade econômica, na crença na expectativa de que o consumo de tecnologia seria o indutor da modernização agrícola, proporcionando e um caráter transformador à modernização.

Há outro fator determinante para explicar a modernização da agricultura no Brasil que foi, segundo Graziano da Silva (1998), a política de crédito rural e a fusão de capitais, com a centralização dos capitais industriais, bancários, agrário, entre outros, em grandes *holdings*, cartéis ou *trustes*, conferindo às terras um papel importante, em razão da especulação. Tal processo é denominado por Graziano da Silva (1998) como “territorialização da burguesia³”.

Graziano da Silva (1998, p. 32) ainda refere que o processo de industrialização da agricultura não se resume apenas à utilização dos produtos da agroindústria, mas o momento onde ocorre a unificação da agricultura e indústria, em um nível mais profundo:

³ Graziano da Silva (1998) traz dados que comprovam suas afirmações, informando que empresas como a *light* e a Aracruz Celulose, para citar apenas dois exemplos, eram empresas que tinham mais de 10.000 Há.

É o momento da modernização a partir do qual a indústria passa a comandar a direção, as formas e o ritmo da mudança na base técnica agrícola, o que ela só pode fazer após a implantação do D1⁴ para a agricultura no país.

Graziano da Silva (1998) explica, ainda, que através da divisão do trabalho, a agricultura se converte em um ramo da produção, que compra insumos e vende matéria prima para outros setores da indústria, modificando a dinâmica produtiva do setor no Brasil. A agricultura passa a crescer, não apenas em função do preço das *commodities* no mercado externo, mas principalmente em razão das necessidades da indústria, estabelecendo um novo padrão agrícola, articulado com a economia globalizada.

O conceito de Complexo Agro Industrial, ou CAI, de maneira geral, é uma unidade de análise, em que as atividades agropecuárias estão vinculadas com as atividades industriais, bem como do comércio de produtos agrários e agroindustriais, através de uma relação de interdependência.

No entanto, a modernização da agricultura no Brasil revelou ambiguidade no processo pois se, por um aspecto, o país aumentou a produção melhorando a economia (pelo menos em tese), as contradições sociais no campo foram ampliadas de forma acentuada.

2.3 Contradições e problemas: o outro lado da modernização

Para compreender os problemas que apareceram no decorrer do processo, Graziano da Silva (1998) explica que custo intermediário é o valor de todos os insumos utilizados no processo produtivo, com exceção da mão de obra, envolvendo fertilizantes, sementes, aluguel de máquinas, rações animais, venenos agrícolas. Tal conceito é importante, na medida em que, no capítulo III, essa ideia será retomada, para explicar a utilização das sementes crioulas e técnicas tradicionais, em oposição às ditas modernas.

Dentre aspectos que causaram problemas está a necessidade de compra periódica de sementes, já que a cada semeadura é preciso adquirir novos insumos, Há um pacote de produtos e aditivos que complementam a semente: agrotóxico,

⁴ Departamento produtor de bens de capital e insumos para agricultura.

adubo, equilibrante do solo, aliados ao empobrecimento da terra e, por fim, a germinação simultânea de toda a lavoura, são elementos que elevam o custo intermediário de produção. Todos estes fatores se somaram para impor dificuldades à produção nos moldes tradicionais, especialmente para os camponeses.

Significa dizer que o modo de cultivo proposto pela indústria é viável apenas para grandes produtores, que contam com solidez econômica para arcar com prejuízos ocasionais, ou recebem significativos incentivos (empréstimos com juros subsidiados pelo Estado, através de bancos estatais) para custear as safras.

No Brasil, quando o cultivo de transgênicos ainda era vedado, pois dependia de licenciamento ambiental, a Monsanto veiculou na mídia uma propaganda exaltando o produto, afirmando o uso dessa biotecnologia diminuiria a quantidade de veneno a ser utilizada, o que motivou o CONAR (Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária) a proibir a exibição, porque a informação era enganosa. Além disso, a soja transgênica começou a entrar no país, especialmente no Sul, por meio de biopirataria, através da Argentina.

A história dos transgênicos está repleta de questões polêmicas, e tem inspirado diversos debates entre pessoas e grupos favoráveis e contrários ao seu plantio, mas o que se pode afirmar, com certo grau de probabilidade, é que a partir do avanço da transgenia de cultivares, é que as sementes crioulas foram ressignificadas em termos sociais, e passaram conter também os sentidos atribuídos pelos indivíduos e grupos que defendem sua preservação ou utilização.

A semente crioula representa muito para o camponês, pois com elas bastava os conhecimentos passados através de gerações, como solo e clima, período de plantio e colheita, e a guarda de uma parte da produção, para garantir a reprodução das lavouras. Com ela o cultivador é livre para semear e colher.

Por outro lado, com as transgênicas negam justamente a liberdade do cultivo, obrigando o consumidor a realizar a recomprar tudo que pretende plantar, tornando a reprodução da vida um mero produto, com registro e sanções legais para quem as violar. Pode-se dizer, enfim, que essa semente é uma tentativa de inserir o camponês no sistema capitalista de dependência, situação impensável antes, quando o ciclo era natural.

Esta consideração é pertinente, tendo em vista que a luta entre o capital corporativo, representado pelas transnacionais, e a agricultura camponesa, carrega

um sentido mais profundo do que simplesmente a questão monetária, porquanto se relaciona também com o *habitus* da população.

Quanto à questão financeira, é relevante lembrar que a agroindústria, busca criar mecanismos de dependência cada vez mais sólidos entre ela e os plantadores, especialmente através da propriedade intelectual das sementes, o que impacta diretamente no direito de plantar livremente a cada ciclo, pois elas precisavam de recompra a cada sementeira.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os agricultores que cultivam soja transgênica da Monsanto são obrigados a assinar um contrato que os sujeita a uma multa prejudicial, que às vezes, significa a propriedade da terra, caso venham a guardar e replantar as sementes, após a primeira sementeira (ALTIERI; ROSSET; THRUPP, 1998).

As sementes que são fruto da manipulação genética tornaram-se um produto comercial sujeito às mesmas normas que outros bens de comércio, devendo ser adquiridas a cada ciclo, pois não podem ser guardadas, trocadas e conservadas pelos cultivadores, sob pena de violar a propriedade intelectual daquele que as desenvolveu e com isso sofrer com ações judiciais pesadas.

Tendo em vista que se trata de uma atividade que visa ao lucro não pelo plantio da terra, mas antes, pela recompensa do trabalho de engenharia, há, desde os anos 1970 preocupação em regulamentar os limites da biotecnologia (VIEIRA et al., 2010), com tratados internacionais e legislação nacional a disciplinar o tema.

O Brasil é signatário do acordo Trips desde 1994, tratado de origem à Organização Mundial do Comércio (OMC), criada em 1995, e que também regula o assunto através da Lei de Propriedade Intelectual, de 1996, tudo isso, criado com a finalidade de proteger os interesses dos países (ou empresas) desenvolvidos, visando impor proteções aos seus produtos.

Entende-se que a nova fase da “modernização da agricultura”, iniciada na década de 1960, atingiu seu auge na década de 1990: aprovou a liberação de seu principal produto (OGM), e recebeu a proteção internacional, através de acordos multilaterais de natureza jurídico/comercial, inaugurando um período de ampliação da dominação das empresas criadas no decorrer da Revolução Verde.

2.4 Os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço: origens e perspectivas

Nessa pesquisa, denomina-se Guardiões de Sementes o grupo de agricultores residentes em Passo do Lourenço, no município de Canguçu, cujas terras têm cerca de 10 hectares, em média, onde o trabalho é desenvolvido apenas pela mão de obra familiar e tem como atividade principal o plantio de múltiplas variedades crioulas, como milho, feijão, arroz, aveia e abóbora.

Assumiu-se os Guardiões de Sementes como um grupo social que reúne diversas aspirações, comuns a todos os seus componentes, que rejeitou a modernização da agricultura, escolhendo reforçar e retomar o plantio de espécies vegetais que estavam sendo esquecidas ou perdidas, e aprimorar as técnicas tradicionais. Suas produções não dependem das empresas do setor, especialmente das que vendem sementes, fertilizantes químicos ou veneno.

É um grupo heterogêneo, de homens e mulheres, que se reúne em torno das sementes crioulas, e a partir delas agregam elementos próprios a uma disputa que é comum a todos, contra as empresas e a modernização agrícola. Tal perspectiva permite que se perceba alguns indicadores da existência de uma classe social (BOURDIEU, 2000), com capacidade de aglutinar os indivíduos que a compõe, para buscar relevância política, visibilidade, ampliando as estratégias de resistência à dominação, conceito que será retomado no capítulo III.

Além disso, dispensam o uso das sementes geneticamente modificadas ou híbridas, e com elas, todos os benefícios aludidos por seus vendedores, praticando o cultivo a partir de sementes crioulas, com transmissão dos conhecimentos e valores obtidos de seus antepassados, observação do ambiente e seus ciclos naturais, seleção de espécies mais fortes, manejo de adubação natural, entre outras. Há, ainda, a preocupação com o bem estar coletivo, o que parece romper com a lógica da competição e maximização de interesses, típicos da sociedade contemporânea.

Sobre esse tema, Aquini (2015) caracteriza a atividade dos Guardiões de Sementes como oposta ao modelo de cultivo instaurado pela Revolução Verde, - este dependente de insumos químicos, mecânicos e biológicos externos ao sistema de produção, enquanto o método mantido pelos pequenos agricultores se baseia na manutenção da tradição de plantio passada através das gerações, soberania da sementeira e modo autônomo de cultivo.

Refere o autor, com aguçada percepção e em referência ao pensamento de Vandana Sheeva e Amartia Sen, que a autonomia do plantio está diretamente relacionada com a liberdade – neste caso, especialmente, - alimentar dos pobres, cada vez mais reduzida à medida em que avança a exploração mercadológica dos recursos alimentares.

Ainda que reconheça não ser pequeno produtor rural sinônimo de guardião de sementes, Aquini (2015) assevera que no atual contexto da resistência as duas figuras se fundem porque, dada a necessidade de sobrevivência de seu modo de plantio, o segundo tipo referido é basicamente composto de representantes do primeiro grupo, propondo o autor auspiciosas reflexões acerca dos papéis dos pequenos e grandes produtores rurais no suprimento das necessidades alimentares ao redor do globo, questionando a ideia de Schneider (2003), por exemplo, para o qual caberiam ao agricultor familiar principalmente atribuições de conservação e turismo agroecológico, e menos de produção e abastecimento, sendo essa uma competência dos que produzem e distribuem em larga escala.

Aquini (2015) relaciona justamente as dificuldades de abastecimento e o custo energético na produção e distribuição de alimentos para os lugares mais isolados com o papel de conservação natural desempenhado pelos guardiões, uma vez que, entre suas práticas de produção estão destacados o plantio sustentável, a preservação do ambiente e a colheita de alimentos saudáveis e livres de contaminantes, destinados ao consumo local, de forma que representam não só uma fonte de abastecimento, mas também boas práticas ecologicamente compatíveis com a exploração não predatória do espaço de cultivo.

Os Guardiões de Sementes de Canguçu estão em constante formação, tanto técnica quanto política - situação que se evidencia nas falas dos voluntários - perceberam que sua luta era a própria resistência camponesa à dominação promovida pelas empresas, na medida em que são incapazes de suportar o custo intermediário de produção, indicando uma perspectiva também econômica, que foi construída, por eles, ao longo dos anos.

Ser camponês, Guardião de Sementes e morador de Passo do Lourenço é, em certa medida, aderir à luta camponesa, se engajar politicamente, compartilhar vivências, técnicas e sementes com outros camponeses, em uma disputa que representa a resistência à modernização, nos moldes em que ela foi construída no país.

2.5 A criação do PRONAF: o Estado brasileiro e atenção mínima ao camponês

Muito embora os problemas estruturais da agricultura, com o controle das terras mais férteis e o volume de recursos para o financiamento da produção camponesa não tenham sido enfrentados, é importante destacar que a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, no ano de 1995, durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso.

O programa representou um marco importante para o debate teórico da categoria agricultura familiar, na medida em que a partir do PRONAF que o termo ganha força, segundo explica Wanderley (2013). Partindo dessa afirmação, seria possível construir ideia de que a ação do Estado, criando o incentivo, foi decisiva para o fortalecimento do setor.

É destacar importância do fomento estatal, uma vez que autores como Sacco dos Anjos *et al.* (2004) consideram o PRONAF o marco da agricultura familiar no Brasil, ou seja, é o produto direto de políticas públicas que atuaram de maneira estratégica no crescimento da atividade.

Gazzola (2013) afirma que os recursos financeiros destinados ao programa cresceram de forma significativa desde sua criação, especialmente entre os anos de 2003 e 2010, nos governos Lula e Dilma, quando subiu de R\$ 2,4 bilhões, para R\$ 16 bilhões. Antes de ser afastada do Governo, Dilma Rousseff era Presidente da República, e em maio de 2016 foi feito anúncio de investimento para o setor (PORTAL BRASIL, 2016), na quantia de R\$ 30 bilhões.

Por um ponto de vista analítico meramente econômico – e não se está dizendo que isso é determinante, é possível perceber a importância do Pronaf para o desenvolvimento da agricultura familiar (que preferiu-se denominar camponesa) no Brasil, conferindo relevância nesse modelo.

No mencionado anúncio, feito em 2016, o Governo Dilma demonstra preocupação com o antigo problema da agricultura no país, que é a questão da concentração de terras, prevendo linha de crédito para reforma agrária, tanto para aquisição de terras quanto para financiamento de atividade em área de assentamentos.

O Rio Grande do Sul é o Estado que obteve o maior número de contratos, chegando, no ano de 1996, a concentrar cerca de 78,6% dos recursos destinados ao programa, número que caiu para cerca de 44% entre 2003-08 (GAZZOLA, 2013), e a

preponderância se explica, também, em razão da quantidade propriedades que praticam a modalidade de agricultura familiar.

Conforme já foi dito, o município de Canguçu passou por grandes reestruturações do seu espaço geográfico, especialmente no que tange ao tipo de propriedade e das atividades desenvolvidas. Segundo Chelotti (2007), o INCRA realizou diversas inspeções no local, buscando localizar os chamados latifúndios improdutivos.

Chelotti (2007) também destaca que a questão dos primórdios da ocupação na região onde se localiza o município, através da divisão do território em sesmarias cujo caráter era a consolidação militar das fronteiras, com atividade econômica determinada (criação de gado), o que terminou formando uma identidade cultural derivada disso, gerando práticas sociais ideologicamente conexas.

Em meados do século XIX, italianos e alemães começaram a imigrar para a região, trazendo consigo formas de organizar a propriedade que seguiam um modelo familiar de subsistência, produzindo bens que os grandes latifúndios não produziam, como destaca Chelotti (2007).

2.6 A agricultura no Rio Grande do Sul – dois modelos

O assunto já foi amplamente debatido no meio acadêmico, mas se torna relevante para essa pesquisa, especialmente no que se refere à década de 1960, período em que a modernização da agricultura (especialmente as técnicas derivadas da Revolução Verde) modificou substancialmente a atividade agrícola no Rio Grande do Sul.

Como destacou Schneider e Fialho (2000), o desenvolvimento tecnológico da agricultura no Rio Grande do Sul já era evidente no início do século XX, quando havia um considerável número de tratores trabalhando nas lavouras de arroz, notadamente nas regiões sul-sudoeste do estado, onde se localiza o município estudado. A utilização de tratores estava praticamente restrita aos grandes proprietários de terra, considerando seu alto custo, no período em que indústria nacional não os produzia.

Além disso, com o final da II Guerra Mundial, a produção de trigo se intensificou, acabando por acelerar a modernização tecnológica da agricultura no Estado, que atingiu altos índices de produtividade neste tipo de cultura (SCHNEIDER; FIALHO,

2000). Na década de 1950, com a estagnação decorrente da diminuição das fronteiras de terras, agora ocupadas, bem como a perda da competitividade do arroz e do trigo, em relação aos importados, a soja começa a ser cultivada em praticamente todas as regiões.

A nova dinâmica da agricultura gaúcha, a partir da década de 1970, com a intensificação do plantio de soja e o uso acelerado de agrotóxicos, máquinas e fertilizantes químicos, transformou novamente o cenário, conforme apontam Schneider e Fialho (2000). Na região nordeste do estado, que compreende o chamado alto Uruguai e as missões, a monocultura de soja tomou grande parte das terras, causando diminuição do emprego e processos migratórios para centros urbanos.

O sul do Rio Grande do Sul, como já foi mencionado, tem como origem da ocupação por grandes propriedades, desenvolveu a atividade agrícola com base no arroz irrigado e na criação de gado, atividades que não demandavam muita utilização de trabalhadores.

As diferenças entre a chamada metade sul e metade norte do Rio Grande do Sul.

2.7 O município de Canguçu: breve contexto histórico

Localizado no sul do Rio Grande do Sul, mais precisamente na região serrana de Tapes, distante 270 Km da Capital do Estado do Rio Grande do Sul e a menos de duas horas de distância da Universidade Federal de Pelotas, pela BR 392, por onde escoam a produção.

A colonização e o processo de ocupação do município, conforme Lima (2009), teve seu início com a ocupação das terras pelos índios Tapes, que orientados pelos jesuítas espanhóis, se estabeleceram nas missões para impedir o avanço dos portugueses. Os Tapes foram expulsos pelos portugueses, porque as terras acabaram situadas entre três fortes, construídos com o interesse de facilitar e consolidar a dominação lusitana na região.

Lima (2009) segue explicando que, posteriormente, o espaço territorial de Canguçu foi distribuído na forma de sesmarias, que eram extensões de terra que variavam de 13 a 263 hectares, aproximadamente, onde havia ficado o gado

selvagem, deixado pelos índios, quando foram obrigados a sair do local. Além disso, aproveitando a segurança propiciada pela proximidade das fortificações militares, muitos habitantes da região de Açores, em Portugal, imigraram para lá, em propriedades que tinham cerca de 272 hectares.

Foi por esse começo de colonização, que observando a metade sul e Canguçu, o INCRA encontrou uma significativa fonte de terras, passíveis de promover a reforma agrária, através de desapropriação. Verifica-se hoje uma drástica mudança na ocupação exploratória do espaço: atualmente o município conta com 16 assentamentos de reforma agrária, tem 55% da população na zona rural e é conhecido por “minifúndio das Américas” por seu grande número de pequenas propriedades rurais.

Segundo Alves, Silveira e Ferreira (2008), Canguçu pertence a macrorregião sul do estado, caracterizada pela estagnação econômica e baixa densidade populacional, em comparação com a região norte, cujas características e indicadores sociais demonstram outra realidade. Apesar de integrar a parte economicamente menos privilegiada do Estado, a comunidade de Canguçu que se dedica ao cultivo e conservação de sementes crioulas não tem dificuldades de produzir, de escoar a colheita ou se alimentar com dignidade.

Ao contrário do que ocorreu no Feudalismo, Almeida (2004) afirma que o camponês brasileiro não tinha terras para trabalhar, situação que foi gerada pelo decreto 601/1850⁵, perdurando até hoje. A reforma agrária, segundo a autora, é uma luta maior, um “enraizamento” necessário por parte dos camponeses no Brasil, posição com a qual concora-se, posto que é notória a concentração crescente de terras no cenário rural.

A reforma agrária, ocorrida no município de Canguçu, ajudou a resolver um dos problemas principais enfrentados pelos camponeses no Brasil, permitindo que a luta passasse a ter outros núcleos, como condições melhores de vida ou apoio do Estado na produção.

⁵ Segundo Souza (2013) no ano de 1850 foi criada, por decreto, a Lei 601, que ficou conhecida como Lei da Terra. O autor afirma que o Decreto 601/1850 serviu para regular as ocupações de terras e preencher um vazio legal fundiário. Refere que a lei determinava quais terras eram devolutas, e dizia, em seu primeiro artigo, que a partir da publicação em 18 de setembro de 1850 ficavam proibidas as aquisições de terra devolutas por outro título que não seja o de compra. A historiografia se refere em geral a essa legislação como “Lei de Terras”, e os historiadores e sociólogos a entenderam como uma lei cuja meta básica era de proteger os interesses dos grandes proprietários.

2.8 A criação da UNAIC e o banco de sementes crioulas

Os camponeses de Passo do Lourenço, diante da percepção acerca do significado e do potencial da independência para o cultivo, passaram a fomentar a própria autonomia na obtenção de sementes.

Com o receio de que o plantio de sementes transgênicas/híbridas gerasse dependência econômica para com as empresas, extinção de variedades convencionais, é que surgiu o primeiro movimento no sentido de rejeitar a lavra das sementes comerciais. Juntamente com outras associações, foram os pioneiros na criação de uma associação organizada e capaz de atingir seus objetivos.

Uma grande inquietação relatada pelos agricultores mais experientes foi a consciência da necessidade periódica de adquirir sementes, venenos e adubos, acaso aderissem ao plantio de transgênicos/híbridos. Tal necessidade significaria, segundo os entrevistados, a perda de autonomia em relação a uma esperada dependência econômica dos cultivadores, em relação às empresas fornecedoras, sendo essa uma das principais causas para que o banco de sementes fosse criado.

Em se tratando de uma atividade que demanda trabalho extenuante e cujo lucro está quase todo concentrado no distribuidor (aquele que compra do produtor rural e vende para os estabelecimentos comerciais), tal dependência poderia significar a impossibilidade de manter a atividade e, por via de consequência, obrigá-los a migrar para os centros urbanos ou trabalhar como empregados rurais, como ocorreu no Brasil, em outras décadas, inclusive no Município de Canguçu.

Em 1988, a UNAIC é criada para atender aos interesses de cerca de 38 associações de camponeses do interior de Canguçu, em situação muito semelhante à do grupo de entrevistados: dificuldade para escoamento da produção, condições precárias de infra estrutura estatal, baixa valorização de seus produtos, falta de acesso a financiamentos para tecnologias e maquinários, pouca visibilidade social e política.

As atividades principais, desenvolvidas pela UNAIC envolvem a seleção, beneficiamento e venda de grãos, como farinha, arroz, feijão e milho, bem como de

sementes crioulas e varietais⁶, produtos que são embalados e rotulados, destinadas à venda para consumidores finais ou para outros camponeses.

Foi apenas com a articulação destas pessoas, que se mobilizaram para enfrentar o desmantelamento de seu modo de vida, que o plantio de sementes crioulas se tornou uma opção possível. Como resultado dos esforços dos que assumiram a liderança da comunidade, entidades como o CAPA, EMBRAPA, EMATER, Pastoral da Terra (ligada à Igreja Católica) e a Igreja da Confissão Luterana, passaram a integrar o movimento de luta daquelas pessoas, que agregando conhecimentos e capacidades a outras associações de agricultores do interior de Canguçu, tornaram possível a configuração daquela comunidade como a vemos hoje.

Assim, pela necessidade de reação à modernização da agricultura, nos moldes pretendidos pela indústria, que empurrava os trabalhadores do campo para cidade, junto com as dificuldades próprias da região, bem como de melhorias na qualidade de vida, é que surgiu a proposta de criar a União das Associações do Interior de Canguçu – UNAIC. Os trabalhadores rurais da região tinham a intenção de buscar políticas públicas e competitividade no mercado. Esse foi o primeiro passo para que os Guardiões de Sementes começassem a compreender como funcionam as regras em seu *campo* e como isso poderia se refletir na conservação do *habitus*.

A UNAIC passou a ser um importante instrumento para os camponeses, posto que assumiu a representação destes em conselhos regionais de agricultura familiar, reuniões com a EMBRAPA, especialmente de cunho técnico, com outras associações de camponeses e com o Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Após a criação da entidade, já no ano de 1997, foi criado o banco Comunitário de Sementes, que tinha como objetivo garantir a promoção e a troca de cultivares entre os agricultores, e por consequência, a reprodução e preservação de um grande número de variedades, que estavam sendo esquecidas ou perdidas.

Em 1999, as sementes crioulas de Milho e Feijão passaram a ser um programa institucional da UNAIC, e para atingir essa condição, realizaram cadastro junto ao antigo Departamento de Produção Vegetal, do governo do Estado do Rio Grande do Sul, que passa a ser oficialmente produtora de sementes, buscando atender novos mercados de comercialização, especialmente no programa “Troca Troca”, do Governo

⁶ Sementes oriundas do cruzamento de linhagens, promovida por instituições públicas ou privadas, mas que não segue a mesma lógica dos híbridos, conforme informações obtidas nos documentos analisados na pesquisa (UNAIC, 2016).

do Estado do Rio Grande do Sul, garantindo acesso às Comunidades tradicionais, como Indígenas e Quilombolas e assentados da reforma agrária.

Já no ano de 2001, a UNAIC, por meio de um programa do governo do Estado do Rio Grande do Sul, recebe uma Unidade de Beneficiamento de Sementes, considerada a primeira da América Latina para processar grãos. Segundo informações do site da entidade (UNAIC, 2016), foi uma das primeiras UBS da América Latina, administrada exclusivamente por agricultores familiares⁷.

A inauguração da UBS foi feita em agosto de 2002, quando houve a primeira edição da Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares⁸, evento que tem importância significativa para o processo de rejeição à modernização nos moldes propostos pela Revolução Verde.

Encontrou-se naquela comunidade um conjunto de crenças, valores, de hábitos culturais, pensamentos e concepções de mundo que serão objeto de análise ao longo da pesquisa, mas que ajudaram a conhecer a realidade dos camponeses, que produzem suas próprias sementes de forma independente, resistindo ao domínio da agroindústria em uma zona rural do interior do Rio Grande do Sul.

2.9 Os agentes da modernização tecnológica

O surgimento da agroindústria acontece no decorrer do processo de modernização da agricultura, durante a nova etapa, denominada a Revolução Verde, impulsionada pelo discurso do pós-guerra, de que haveria uma crise na produção e abastecimento de alimentos no mundo.

Uma das empresas que despontou no setor foi a Monsanto, que já fabricava produtos químicos, transformando a sua produção e se tornando relevante no cenário mundial, ao fabricar o glifosato, um veneno agrícola utilizado em larga escala,

⁷ A maior parte do tempo, a entidade segue a tendência do Estado, e se autodenomina agricultura família, como no documento da fl. 148.

⁸ Tinha como principais objetivos, a divulgação do trabalho de preservação de sementes realizado em Canguçu, além de possibilitar trocas de experiências de produção de Sementes Crioulas de todo o Estado, além desses objetivos a Feira despertou na comunidade local a importância de preservação e conservação da biodiversidade (UNAIC, 2016).

denominado, mais tarde, como Roundup⁹, tornando-se o herbicida mais vendido no mundo há várias décadas (UOL NOTÍCIAS, 2017).

O governo dos EUA comprou, das empresas Monsanto e Dow Química, os produtos que faziam parte da fórmula do agente laranja, uma mistura de 2,4-D e o 2,4,5-T, utilizado na Guerra do Vietnam, de alta toxicidade. Ambos os componentes do agente eram empregados na agricultura, e até hoje o 2,4-D é vendido comercialmente como um dos princípios ativos do herbicida Tordon, vendido pela empresa, agora denominada, Dow Agrosiences.

Outra corporação que passou de químico-bélica para fornecedora de produtos agrícolas, segundo Sutton (1976), foi Bayer CropScience. Conforme afirma o autor, ela fazia parte de uma *holding*, composta por outras três empresas, um complexo industrial químico-bélico, denominado IG Farben¹⁰.

O que se percebe, hoje, é que as empresas que transformaram suas matrizes produtivas, voltando-se para o mercado agrícola e, na esteira da chamada modernização, estão posicionadas em um privilegiado espaço de disputa e, apoiadas em sua capacidade econômica, dominam o cenário mundial e se apresentam como o único caminho para combater a fome, utilizando a mesma estratégia publicitária de décadas atrás.

2.10 Da produção científica sobre o tema: as consequências da modernização em Canguçu, organização

O processo de modernização da agricultura teve impactos no Brasil, o que não poderia ser diferente no Município de Canguçu. Para demonstrar essa afirmação, Moura e Salamoni (2010) traz informações importantes, ao dizer que a comunidade de Favila se adaptou às novas demandas produtivas, passando a utilizar as tecnologias (sementes modificadas geneticamente e produtos químicos) e à mecanização da produção, reduzindo a variedade do cultivo e invertendo a lógica da

⁹ Nome comercial conferido ao herbicida fabricado pela Monsanto, cujo composto principal é o glifosato (WIKIPÉDIA, 2016).

¹⁰ Produzia, inclusive, o gás Zyklon B, usado nos campos de concentração para eliminar matar os prisioneiros judeus, negros e ciganos, além de ser responsável por praticamente toda a pólvora produzida para o exército alemão (SUTTON, 1976).

subsistência e venda do excedente. Segundo Moura e Salamoni (2010), isso ocorreu porque o principal produto é o fumo, que exige o manejo de fertilizantes e veneno.

Como já foi mencionado anteriormente, o “pacote tecnológico” era visto como o caminho para o novo momento da agricultura, fazendo com que muitos camponeses apostassem na modificação de suas culturas tradicionais, para atender às demandas do mercado, uma lógica meramente econômica, disfarçada de modernização, que teve graves implicações para as famílias, como será possível perceber.

Pereira e Soglio (2015), por sua vez, apontam que a organização em associações de Guardiões fortifica a autonomia camponesa e contribui para o fortalecimento da resistência diante do mercado de sementes apropriadas pela indústria da biotecnologia e insumos químicos. Eles indicam que as cooperativas de agricultores guardiões são apoiadas por atores sociais denominados de mediadores, assim chamados por estarem imersos em de mediação com uma categoria social. É importante destacar o papel desse tipo de ator social na construção de uma alternativa que rompesse com a lógica da modernização implantada no Brasil, excludente no ponto de vista dos camponeses.

Pereira e Soglio (2015) explica que fazem parte das associações alguns exemplos desses mediadores, como os pesquisadores e alunos de Universidades, representantes de ONG's, ONGs ligadas a instituições religiosas, agentes de desenvolvimento rural das prefeituras e pesquisadores da Embrapa. Sem a ação direta dos mediadores, o programa de sementes crioulas dificilmente teria atingido o estágio atual de alternativa viável de acesso do campesinato às sementes que dão início aos próprios cultivos.

As constatações dos autores (PEREIRA E SOGILO, 2015) se coadunam com os dados obtidos nessa pesquisa, na medida em que os mediadores, especialmente do CAPA, Pastoral da Terra e EMBRAPA, estão presentes no cotidiano dos entrevistados e influenciaram na criação da entidade e no banco de sementes.

Para ele, a conservação das sementes crioulas envolve processos de construção de autonomia, papel mais complexo do que o cultivo em si, envolvendo a organização camponesa, que se transforma em torno do objetivo de trocar, manter, reproduzir, consumir, usar e plantar sementes crioulas, e diz que as práticas e saberes envolvidos nestes processos são compartilhados entre os associados e cooperados de maneira a fortalecer a luta pela autonomia.

O termo autonomia camponesa encontra evidências nessa investigação, que serão tratadas no capítulo III, mas que se constitui como um dos elementos fundamentais para explicar a rejeição aos produtos vendidos pela agroindústria, justamente pelo aspecto apontado, qual seja, o de envolver uma espécie de organização camponesa que não diz respeito apenas ao cultivo, mas a questões como preservação e reprodução de um modo de vida.

Schneider e Fialho (2000) sustenta que houve a expansão da cultura de soja, na zona colonial do noroeste do Rio Grande do Sul, incluindo as regiões Missões e Alto Uruguai, onde se encontra Canguçu. A monocultura da soja se expandiu, com o crescimento anual da área plantada, entre os anos de 1968 e 1981, (1 075% na área cultivada e de 2 188% na quantidade produzida). Afirma que, no final de 1970, as transformações ocasionadas pela expansão da soja e pela modernização tecnológica da agricultura, mostraram-se particularmente intensas na região, fazendo que um grande contingente de colonos tivesse que abandonar suas atividades rurais, buscando alternativas que resultaram na impossibilidade de incorporação das novas tecnologias, de alto custo para eles, e na tentativa fracassada de adequação ao padrão produtivo que passava a vigorar.

Schneider e Fialho (2000) apontam um dado relevante para que perceber a importância da utilização de sementes crioulas e tecnologias compartilhadas pelos entrevistados: a região onde se localiza Canguçu foi uma das que mais sentiu os efeitos da exclusão tecnológica, especialmente nas décadas anteriores, contribuindo em números expressivos, para o que ele aponta como mapa da fome. Tal situação, segundo o pesquisador, se deu porque os colonos, contando com pequenas propriedades rurais (cerca de 4 hectares) e falta de acesso às tecnologias de produção, empobreceram o solo com a monocultura da soja, encontrando enormes dificuldades, até mesmo para subsistência.

As conclusões são relevantes, pois demonstram que a modernização da agricultura no Rio Grande do Sul, especialmente na região de Canguçu, não foi positiva, pelo contrário, lançou a região no mapa da fome, pela exclusão do processo, especialmente do acesso às tecnologias de produção, causando desequilíbrio e problemas sociais.

Finalmente, para situar a investigação na perspectiva teórica que permitiu a construção dos objetivos, Almeida (2004), reflete sobre a questão do *habitus* específico da classe camponesa, em estudo realizado no Estado de Mato Grosso do

Sul, identificando a existência de um *habitus* que se sobrepõe ao estilo de luta de cada indivíduo camponês ou grupo de camponeses, mas que não inviabiliza.

Conforme será visto no próximo capítulo, é possível falar em uma classe social camponesa no Brasil, conforme as características apontadas pelo sociólogo francês, mesmo que as características históricas do campesinato europeu não as mesmas que as verificadas no Brasil.

Almeida (2004) diz que o camponês brasileiro não tinha terras para trabalhar, o que tornou a reforma agrária uma luta mais ampla, constituindo-se na tentativa do que ela denomina “enraizamento”, que unia as reivindicações por terra no país.

Essa ideia permite perceber o camponês como um ator social, cujas características principais estão ligadas a um *habitus* de classe, que se construiu ao longo da trajetória da agricultura no Brasil, contendo características próprias e, fundamentalmente, ligados à propriedade da terra, questão histórica que se iniciou em 1850, conforme visto anteriormente.

É do conceito de *habitus* que partem todas as indagações da pesquisa, no sentido de compreender a aparente rejeição da modernização na agricultura, frente às concepções teóricas de estrutura estruturante, dentro dos limites do *campo*, conceito que Almeida (2004) utiliza em seu trabalho. A estrutura, que condiciona o agir do camponês vem sendo modificada por seus agentes, em uma disputa por dominância e resistência, e isso se reflete no uso das tecnologias decorrentes do processo de modernização.

Então, retomando as ideias propostas nesse capítulo, a modernização da agricultura no Brasil foi (e ainda é) um processo histórico de transição, entre as práticas produtivas notadamente naturais, para um estágio de complexos industriais, que tornaram a agroindústria, interconectada com a produção industrial de outros setores, na medida em que utiliza os insumos fornecidos por algumas empresas, fornecia matéria prima para outras.

Os impactos da modernização da agricultura no Brasil, especialmente na região em que a pesquisa se desenvolveu, foram negativos, pois os camponeses foram excluídos desse processo, na medida em que não tinham recursos (financeiros e terras) para produzir conforme o novo padrão. Essa exclusão gerou até mesmo falta de recursos mínimos de subsistência.

Finalmente, o capítulo serviu para trazer algumas considerações sobre a utilização do *habitus* na análise da problematização aqui proposta, como forma de

explicar os processos sociais envolvidos, considerando a modernização e sua recepção pelos entrevistados, enquanto atores sociais.

3 Os conceitos de campesinato e a teoria de Pierre Bourdieu para esse trabalho: *habitus*, campo, capitais e classe social.

O presente capítulo tratará da teoria que se buscou para interpretar a realidade social estudada, em conjugação com os dados obtidos, objetivando compreender múltiplos aspectos sobre aquele grupo de indivíduos, que apesar de viver da agricultura, parece resistir à modernização da agricultura e ao controle externo do ciclo produtivo, valorizando e utilizando a semente crioula, como parte fundamental de sua luta por autonomia, dentro de um espaço determinado e com regras próprias.

Será feita uma breve análise da sobre Classe Social em Boudieu, as posições acadêmicas distintas sobre o ator social investigado, expondo o que motivou a escolha do termo camponês, em detrimento da denominação agricultor familiar.

Além disso, buscou-se compreender o termo resistência se articula com a perspectiva teórica utilizada na análise dos dados, especialmente com *habitus*, conceito central dessa pesquisa, e que faz parte de um conjunto de conceitos necessários para compreender a teoria Bourdiana.

Percebeu-se os camponeses de Passo do Lourenço como atores sociais, em atuação na produção de sementes, buscando manter sua maneira de viver, na luta por posições de dominância e resistência, diante das insistentes investidas de um Complexo Agroindustrial voltado para o controle da produção na agricultura. A teoria Bourdiana foi uma ferramenta importante por apresentar elementos conceituais que ajudam a compreender a realidade social estudada e cumprir com os objetivos dessa investigação.

O espaço geográfico, bem como as relações sociais nele existentes, tinham como possibilidade a interpretação dos fenômenos analisando o conceito de *campo*, que se revelava com uma estrutura social própria, impulsionando as ações individuais dos investigados sem que essas fossem necessariamente conscientes. Havia por exemplo, um discurso bastante aparente em torno do manejo das lavouras sem agressão ao meio ambiente, com o desenvolvimento de técnicas para aumento da produtividade, utilizando recursos disponíveis e renováveis, a formação constante, garantida pela assistência técnica dos mediadores, entre outros.

A partir do *campo*, o *habitus* passou a ficar evidente, direcionando os objetivos dessa dissertação para compreender o que motivava a rejeição dos produtos ofertados pela indústria. Os demais conceitos: *capitais*, classe social e campesinato

foram surgindo, na medida em que permitiram uma visão ampla do caminho percorrido até a realização da pesquisa de campo.

Os estudos de Bourdieu (2000) possibilitaram a compreensão de que a sociedade é repleta de hierarquias e disputas por poder, ferramentas de transformação e mecanismos de dominação, por vezes inconscientes, historicamente construídos pelos atores sociais, ao mesmo tempo em que permite gradativas mudanças provocadas por ações individuais ou coletivas, garantindo a alteração nas estratégias de disputa, na medida em que novas situações são postas.

Tal concepção dialoga com a pesquisa, na medida em que a luta pela manutenção do *habitus* camponês se encontra arraigada na vida dos Guardiões de Semente do Passo do Lourenço. O método utilizado na produção de sementes crioulas vai se consolidando e passa a fazer parte da estrutura de funcionamento do *campo*, retirando o poder das empresas e permitindo a acumulação de *capitais simbólicos* para manutenção e transformação do *habitus*.

3.1 Interpretando os conceitos fundamentais para essa pesquisa

Começando por um dos conceitos chave na obra do autor francês, é preciso entender *campo* como sendo o um espaço estruturado de posições ou de postos, que pode ser analisado de maneira autônoma ao de seus agentes, pois existem leis invariantes.

Um *campo*, [...], se constitui, entre outras coisas, através da definição de objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos. [...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 90).

É preciso destacar que, reconhecer as leis imanentes de um determinado campo permite ao agente que nele atua se posicionar, disputar seu espaço, agir de maneira que garanta a manutenção de seus hábitos, costumes e preferências. O *campo* observado é o da produção na agricultura e envolve a agroindústria e o campesinato, com objetivos distintos, mas cuja disputa por posições pode ser compreendida na observação daquele espaço estruturado.

A pesquisa com guardiões de sementes crioulas passa pela observação acerca do objeto de disputa e dos interesses específicos no campo da agricultura, das regras nas quais os agentes orientam suas ações, e de que maneira as interações entre esses indivíduos vai modificando esse conjunto de regras.

Para permitir a compreensão das motivações dos guardiões de sementes em Canguçu, quando optam por utilizar as sementes crioulas e técnicas tradicionais de cultivo, e não pelas transgênicas ou híbridas, é necessário introduzir outro conceito fundamental em Bourdieu (2007), que é o *habitus*.

No livro “A crítica social do julgamento do gosto”, Bourdieu (2007) explica que *habitus* é o conjunto de práticas que carregam vivências do passado, refletidas no presente, e que são abastecidas para que sejam mantidas no futuro, conforme seus pressupostos. Durante a análise de dados, será possível perceber que os Guardiões preservam essas vivências, buscando valorizar esse patrimônio imaterial, na medida em que buscam se adaptar aos novos tempos e suas contingências.

Há uma série de disposições que abrangem estratégias e práticas sociais, através das quais acabam materializando a ordem social, tornando o *habitus* ainda mais evidente e significativo, quando essas disposições são incorporadas e interiorizadas, na medida em que ocorrem as interações sociais, em um contexto constituído historicamente. A agricultura se moderniza no Brasil, através de mudanças estruturais que modificam a matriz de produção, inserindo elementos novos que não faziam parte do conjunto de características da vida dos investigados.

É nesse conjunto de práticas sociais que é possível explicar a preferência dos guardiões pela utilização, proteção e propagação de sementes crioulas, em detrimento das sementes vendidas pela indústria que abastece a agricultura comercial. Inserida nesse contexto, emerge a análise daquele *campo* social, como um espaço de disputas, cujas regras condicionam as ações dos agentes, que passam a tomar decisões e construir alternativas para preservar suas vidas, tradições.

Os entrevistados são conduzidos por regras que os faz agir sem que haja, necessariamente, uma ação consciente que não se constitui como algo insuperável ou fixo, mas em mudança. Quando os agentes compreendem quais são as leis que regulam o campo, tomando consciência do que é necessário para melhorar seus posicionamentos e hierarquias no espaço social, as ações passam a ser direcionadas para o “jogo”, permitindo que a estrutura seja alterada, mesmo que as alterações sejam aparentemente graduais.

Compreender esse conceito em Bourdieu (2007) foi fundamental às pretensões da pesquisa, considerando que o *habitus* foi objeto de críticas, pois a ele são atribuídas características equivocadas de que é mecânico e inescapável, ou mero produtor da “reprodução” social. Se essa premissa fosse verdadeira, não haveria mudanças, e os camponeses de Canguçu não estariam utilizando as sementes crioulas, mas as vendidas pela agroindústria, e a realidade social vivida por eles poderia ser a de tantos camponeses, que em outro momento histórico, se viram incapazes de se manter no campo.

É no momento de formação da identidade que se localiza a força estrutural da economia simbólica, na qual o indivíduo se depara, desde o nascimento, com a estruturação sócio familiar. Esta estrutura se revela, partindo de uma espécie de interiorização por imitação, na qual o conjunto de *capitais* servirão de disposições pré definidas, como o capital econômico, capital cultural, capital social e capital simbólico. No conjunto de capitais inseridos no *habitus* há uma economia simbólica que se forma através das práticas.

Há uma economia das práticas, ou seja, uma razão imanente as práticas que não encontra sua “origem” nem nas “decisões” da razão como cálculo consciente, nem das determinações de mecanismos exteriores e superiores aos agentes. Sendo constitutiva da estrutura da prática racional, isto é, a mais bem feita para alcançar com custo mínimo os objetivos inscritos na lógica de um determinado campo, essa economia pode se definir em relação a todas as espécies de funções, [...] não reconhecer outra forma de ação além da racional ou da reação mecânica, impede-se de compreender alógica de todas as ações (BOURDIEU, 2009, p. 84).

Bourdieu (2007) ressaltou em diversas ocasiões, que a noção de *habitus* tinha por objetivo servir como elemento de ruptura com o determinismo de que toda ação humana é racional, ou seja, priorizando uma análise das razões práticas, aquelas que seriam as mais frequentes na vida social.

Perceber as práticas incorporadas socialmente, internalizadas no indivíduo, permite que ele possa agir conforme o conjunto de normas, ou seja, agir dentro de um espaço social, conforme as “regras do jogo social”, e que podem ser distintas, na medida em que existem diversos *campos* diferentes.

Tal situação leva o indivíduo a agir conforme um grupo de regras de um determinado *campo*, sem a necessidade de que a todo momento tenha que utilizar a racionalidade para proceder com a escolha acerca do que fazer. Os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço identificam essas regras e agem conforme estão

estabelecidas, especialmente quando afirmam que a resistência está neles “enraizada”, o que restará claro no seguimento do texto.

Por isso que, ao direcionar seus estudos para compreender a dinâmica das práticas individuais, Bourdieu(2007) não nega que este possa agir racionalmente, mas destaca a importância de perceber as razões práticas criadas pelo *habitus*. É justamente tais motivações que se buscou compreender nesse trabalho de pesquisa, por que o camponês de Passo do Lourenço, resolveu ser um guardião de sementes, utilizando sementes crioulas, se opondo ao avanço da modernização proposta?

Segundo Bourdieu (1992) o *habitus* é um “operador de racionalidade”, mas de uma racionalidade prática, imanente a um sistema histórico de relações sociais e, portanto transcendente ao indivíduo. Isso é fundamental para perceber alguns comportamentos e expressões que apareceram durante as entrevistas, que claramente fazem parte do sistema que induz as racionalidades de uma maneira prática. Um dos entrevistados chega a afirmar que os transgênicos irão demorar para “entrar” por lá, em função da resistência e da credibilidade do grupo.

Assumimos aqui o conceito de *habitus* como a proposta de identificar um tipo de mediação objetiva, entre indivíduo e sociedade; o *habitus* aparece como um conceito que torna possível a reflexão, viabilizando a convergência entre realidade exterior e realidades subjetivas. Os investigados iniciaram um processo histórico de mudança e ruptura com a lógica da industrialização aos moles de CAI, através de ações externas (valorização das sementes crioulas, busca de conhecimento e técnicas de cultivo, esclarecimento através de formação política, entre outros), mas que nesse momento parecem se operar internamente.

Há uma constante troca entre objetividade do mundo e subjetividade dos indivíduos, podendo ser concebido como um complexo sistema de esquemas individuais, constituído de disposições estruturadas no campo social e estruturantes das mentes; é constantemente adquirido pelas experiências práticas, dentro das condições sociais específicas de existência do campo que se busca analisar, constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano do agente.

Pensar na antiga relação entre indivíduo e sociedade, utilizando como categoria de análise o *habitus* é dizer que ele é uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1992, p. 101), ou seja, algo que se encontra no plano subjetivo e é exteriorizado.

É visto como a reunião de esquemas de percepções, adequações e ações que são experimentados e postos em prática, tendo em vista que as circunstâncias do *campo* o impelem. A realidade social dos Guardiões de Sementes de Canguçu permite visualizar exatamente isso: camponeses, em condições de pobreza econômica e abandono político, auxiliados por mediadores, percebem que a saída para essa condição é disputar o *campo*, associando-se a outros camponeses, como forma de sobrevivência, valorizar suas tradições, heranças culturais, técnicas de plantio. São impelidos a manter o próprio *habitus*.

Bourdieu (2007) aponta um caráter indissociável na relação entre os *campos* e o *habitus*, uma vez que este último indica o conhecimento de como agir, adquirido pelo indivíduo através de seu posicionamento em determinado *campo*. Há um evidente caráter dialético entre subjetividades individuais e sociedade, um sistema relacional que se produz e reproduz no decorrer do tempo.

Entende-se que, superada a análise acerca dos conceitos contidos nas obras do autor, a estrutura do campo específico, com regras próprias, não é imutável e depende da correlação de forças existentes dentro dele. Por isso a observação da realidade em Passo do Lourenço através da categoria de análise do *habitus* é fundamental, havendo uma clara disputa entre duas forças; de um lado os Guardiões de Sementes, camponeses que utilizam as sementes crioulas como instrumento de autonomia, buscando preservar suas tradições, cultura, frente ao mercado de sementes e venenos, que preserva relações sociais, dignidade e valoriza honra e orgulho como valores, não apenas como bem de consumo, que percebe a singela relação entre homem e meio ambiente e demonstra preocupação com questões como alimentação saudável e saúde.

Do outro lado se encontra as forças de dominação da agroindústria, que carrega consigo sua visão de mercado e o ideário de maximização da produção e exploração do homem pelo homem, estimulando a competição e tornando a semente uma propriedade privada, que obriga o camponês a migrar para centros urbanos, enfim, que não se preocupa com a fome, pois a fome e o medo da fome mantém o mercado aquecido e a indústria crescendo.

Outro conceito fundamental para atingir os objetivos dessa pesquisa é *capital simbólico*, pois é das disputas existentes dentro do *campo*, que haverá acumulação de certos tipos de *capitais simbólicos*, determinando a posição de dominância dos agentes em disputa. Envolve a quantificação em termos de concentração de forças

dentro do espaço estruturado, mas que não se trata de um acúmulo de recursos meramente econômicos.

Em decorrência do processo histórico de luta pela terra, por acesso a políticas públicas de apoio do Estado à agricultura camponesa, e da ameaça que representa o avanço da agricultura industrial à manutenção do estilo de vida que querem preservar, percebe-se que o conflito de interesses se cristaliza nas lavouras e avança em direção aos entrevistados.

Com isso, os Guardiões de Sementes são impelidos a mobilizar todos os recursos disponíveis, como estratégia de resistência, buscando evitar o mesmo destino de tantos outros camponeses da região, que após a modernização havida em décadas anteriores, foram obrigados a migrar para centros urbanos em busca de sobrevivência. Segundo a teoria bourdiana, existem muitos tipos de capitais, no entanto, os quatro principais são: econômico, cultural, social e simbólico – e são os que mais importantes para esse trabalho.

A modalidade de agricultura praticada pelos Guardiões não se resume apenas ao aspecto comercial ou de produtividade, mas constitui uma série de razões que são reveladas pelos próprios agricultores, ao longo da conversa realizada em dezembro de 2016.

Enquanto a lógica envolvendo a prática da agricultura “modernizada” é a padronização da produção, com a utilização de produtos e das técnicas desenvolvidas na modernização do setor, como fertilização industrial, agrotóxicos e substituição da mão de obra por máquinas, o pensamento do agricultor camponês é outro.

O campo em disputa, para os agentes denominados Guardiões de Sementes, abrange preservação de tradições culturais e procedimentais, que lhes foram passadas pelos antepassados, modo de vida, valores e crenças. De uma maneira que lhes é própria, lutam para manter a própria identidade de camponeses.

Bourdieu (1983, p. 90) explica que a estrutura do campo é “um estado da relação de forças entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores orienta as estratégias ulteriores”.

A posição dos agentes no *campo* é determinada pelo capital que eles conseguem mobilizar, na busca por posicionamentos dominantes. Conforme dito anteriormente, é no espaço simbólico e estruturado do *campo* que se localiza a disputa por posições, que nessa investigação, ocorre na produção agrícola, como

forma de garantir a substituição da agricultura tradicional, pela produção industrial interdependente.

Percebe-se que os conceitos vistos até aqui estão entrelaçados, na medida em que não é possível compreender de que forma o *habitus* dos camponeses Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço se modifica, sem indicar qual o *campo* da disputa e, com isso, identificar as regras que possibilitam aos agentes a acumulação de *capitais simbólicos*.

Os capitais se diferenciam em econômico, sob a forma de diferentes fontes de produção, como indústrias, trabalho, terras, bem como da reunião de ativos econômicos, como dinheiro e investimentos, patrimônio ou mesmo, de bens. Esse tipo de capital é adquirido, ampliado e reproduzido por meio de estratégias específicas de investimento, bem como de outras, relacionadas a acúmulos culturais, ou ainda pela obtenção ou reforço de relações sociais, que podem possibilitar o estabelecimento de relações economicamente úteis.

O capital social é um tipo diz sobre a maneira com a qual os indivíduos podem ser beneficiados por sua posição, e como podem gerar externalidades positivas para os membros. A família tem papel importante nesse tipo específico, especialmente nas redes familiares, influenciando o desenvolvimento escolar e cognitivo de seus membros jovens. No grupo de investigados existem diversas famílias envolvidas na preservação das sementes crioulas.

Segundo Bourdieu (2000), o capital social pode agregar recursos existentes ou potenciais, mantendo uma ligação próxima com uma rede estável de relações internas de reconhecimento e de Inter reconhecimento recíprocos.

As relações estabelecidas entre os atores pertencentes a um determinado grupo não são provenientes exclusivamente do compartilhamento de conexões objetivas, ou de um dado campo econômico ou social, mas se misturam nas trocas materiais e simbólicas nas quais, para que se estabilizem, supõem o reconhecimento dessa relação de proximidade.

O sentimento de pertencimento que se observa escola, família, clube de futebol, ou na associação de agricultores, forma redes sociais onde o capital social é acumulado e transformado em outros tipos. Os Guardiões de Sementes se sentem pertencendo a algo que os une, criando laços e agregando *capital social*. A reprodução desse tipo de capital é resultado do trabalho empreendido para produzir

e reproduzir a estabilidade das relações na rede, permitindo acessar os benefícios materiais e simbólicos que circulam entre seus membros.

Durante as entrevistas, tornou-se evidente as conexões construídas no decorrer do processo de resgate e valorização das sementes crioulas, primeiro com a formação do grupo em Passo do Lourenço, depois com a criação da UNAIC, do banco de sementes e, especialmente, na ampliação da rede, através da edição da Feira estadual de Sementes Crioulas, que consolida e reforça a rede social, de benefícios múltiplos.

O capital cultural, por sua vez, corresponde às qualificações intelectuais, transmitidas pela família ou através de instituições, como a escola, universidades, ou pela inserção em outros campos. Para Bourdieu(2000), o capital cultural é utilizado para identificar as situações de classe na sociedade.

Em Canguçu, a rede escolar parece ter sido construída para atender a demanda específica de uma cidade majoritariamente rural e voltada para atividades agrofamiliares, contando com duas escolas técnicas agrícolas; além disso, nas escolas de ensino fundamental e médio, as crianças são educadas para manejos ecológicos de adubos, defensivos naturais e por épocas de plantio e preservação da diversidade biológica. Na feira de sementes, as agremiações escolares estavam presentes, e os estudantes apresentavam explicações, distribuíam panfletos explicativos ao público, cujos discursos eram contrários a utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos.

É importante destacar que criação de um conjunto de escolas regulares e técnicas, como a Escola Técnica Estadual Canguçu (ETEC, 2016), ensina novas perspectivas para os futuros profissionais que irão atuar nos plantios do município e da região, ajuda a transformar as perspectivas da produção agrícola, dando conta de reforçar a tendência de manejo agroecológico, cujos princípios são diferentes daqueles observados na agricultura industrial.

Segundo o documento de referência da Secretaria Estadual de Educação, elaborada na gestão do Governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro:

Temos consciência de que, ao propor a transformação do Ensino Médio na perspectiva da politecnicidade nas escolas estaduais gaúchas, estamos enfrentando lógicas que se apresentam como automáticas, como parte da natureza humana desde sempre. Se somos capazes de pensar antes de agir, de produzir história e transformar a natureza e a nós mesmos, temos a obrigação pedagógica de proporcionar às novas gerações a possibilidade de

encarar suas realidades radicalmente, isto é, desde a raiz dos problemas, como sujeitos produtores de novas relações sociais (ARAGONEZ, 2014, p. 8)

É justamente da ideia de pensar antes de agir que decorre a alteração necessária para modificar o *habitus* enquanto estrutura estruturante, permitindo que os educandos possam dar início ao processo de mudança social que inclua camponeses. A consciência dos instrumentos de controle, promovidos pelas corporações permite a mudança nos paradigmas culturais.

O capital cultural permite caracterizar gostos, estilos, estruturas psicológicas, valores e outros elementos, que são resultado das vivências específicas das diferentes classes. No caso dos Guardiões, a cultura é elemento decisivo na construção de um sentimento crescente de resistência à modernização da agricultura, considerando que foi a partir da valorização das sementes crioulas que os indivíduos passaram a agir de maneira diferente, na tentativa de afastar o determinismo das ações inconscientes e sem reflexividade.

A Feira de Sementes Crioulas é um espaço de organização e coleta do acervo de sementes, levadas à exposição e que, por sua vez, reforçam simbolicamente a oposição às sementes melhoradas geneticamente e as tecnologias que fazem parte do conjunto de técnicas para aumentar a produção e reforçar a dominação da Classe Campesina. O evento ajudou a impulsionar a criação de ações e estratégias, visando a obtenção de políticas públicas voltadas à educação ambiental e à utilização de técnicas que não se enquadram na maneira de produzir, baseada no emprego de venenos, fertilizantes artificiais ou sementes modificadas geneticamente.

O material anexo demonstra um pouco dessa cultura que foi criada no município, especialmente através das escolas rurais, que ensinam os indivíduos mais jovens valores éticos e técnicas diversas daquelas que são ensinadas nos ambientes escolares como as mais corretas. São panfletos e documentos explicativos que ajudam a ter uma noção mais aproximada de como funciona a dinâmica da atividade agrícola na cidade.

Segundo Dias (2001), as faculdades de agronomia no Brasil sofreram enorme influência das universidades estadunidenses, em razão dos acordos firmados através de instituições como CAPES e CNPQ, especialmente no período pós Segunda Guerra, que são definidos como acordos de capacitação entre partes desiguais. Os valores que surgem desse conhecimento sob a influência das universidades e, por

assim dizer, empresas daquele país, estão intimamente ligados aos interesses meramente lucrativos e dissociados do desenvolvimento social. A rede de escolas rurais em Canguçu rompe com essa lógica, ensinando técnicas e valores que estão dissociadas daquele modelo introduzido na modernização da agricultura.

As feiras populares e as escolas agrícolas de Canguçu contribuem na formação de uma cultura que se distancia das “verdades” produzidas nas faculdades de agronomia mais conservadoras. Destaca-se que os cursos universitários voltados à agricultura reproduzem o discurso de empresas do setor agroindustrial, se constituindo de verdadeiras invasões culturais, sem capacidade de dialogar com camponeses ou se preocupar com questões como responsabilidade ambiental ou social.

Para o sociólogo francês, capital cultural serve para revelar a existência de diversos mecanismos, que contribuem de forma substancial para garantir a reprodução social de classes, ou seja, é um elemento de dominação e criação de hierarquias e símbolos de poder. Como percebe-se no decorrer do texto a família, religião, mídia e a rede de ensino, tem sido relevantes para modificar e colaborar com o *habitus*. A escola é importante nesse processo, posto que se destaca pela aparente neutralidade e pela confiança que a sociedade deposita em seus agentes.

Para compreender a influência das instituições de ensino na distribuição do capital cultural, inserir outro elemento teórico, que é a ação pedagógica, revelada como o imperativo de uma cultura dominante. Essa ação proporciona, legitima e impõe a cultura, moldando o *habitus* do indivíduo na matriz da cultura dominante. Conforme dito anteriormente, para que a Revolução Verde atingisse o estágio em que se encontra, setores importantes das ciências agrárias e econômicas tiveram seus papéis ideológicos, na medida em que afirmaram (e seguem afirmando) que a agricultura baseada em transgenia, fertilização artificial e utilização em larga escala de venenos, era a única forma de aumentar a produtividade, relacionando isso à ideia de que somente assim a humanidade poderia ser alimentada.

Eficiente para obter a dominação cultural, no método as autoridades pedagógica e científica agem de maneira a impor sanções ou naturalizar as imposições culturais. A eficácia da dominação é mais efetiva, na medida em que maior for o prestígio da instituição que produz a ação, conferindo mais significância à figura de autoridade.

Parece mais evidente que essa visão de agricultura, envolvendo grandes propriedades rurais e complexos agroindustriais, biotecnologia comercial e lucro, têm

um efeito negativo no mundo rural, especialmente para os camponeses. Ocorre que o processo de desnaturalização dessas estruturas de dominação permite identificar as estratégias capazes de se impor em relação a outras formas de conhecimento e de moldar subjetividades, e a cultura é o aspecto na qual essa circunstância se torna mais perceptível.

Quando os atores ou grupos sociais começam a perceber as estruturas que, em certa medida, condicionam seu agir, pensar e sentir, vão sendo constituídos mecanismos de resistência para evitar que sigam reproduzindo a estrutura. O agir camponês dos Guardiões de Sementes se modifica, e as alterações proporcionam mudanças na estrutura social, incorporando ideias e ações que se distanciam da modernização (e das empresas), com características que são construídas em um processo contínuo e relacional, entre a sociedade e os indivíduos.

Ao criar a UNAIC, em comunhão de vontades e impulsionados por mediadores como as Igrejas Católica e Luterana, além da EMBRAPA, ao longo de uma jornada histórica, os agentes passaram a identificar e reforçar um *habitus* próprio, e a acumular capitais variados, como forma de resistir à dominação das empresas do setor.

3.2 Campesinato: uma classe social que resiste à modernização da agricultura?

O debate acerca do conceito de camponês tem sido realizado, e sua conexão com a realidade social brasileira é questionado e parece longe de ser superado, segue impulsionado por fatos que ocorreram no passado e em muitos eventos recentes no campo, especialmente o avanço do agronegócio e das ementas manipuladas geneticamente.

Os autores que preferem agricultura familiar trazem elementos para distinguir o agricultor familiar do camponês, com destaque para Veiga (1991) e Abramovay (1998), indicando integração ao mercado, o papel destacado do Estado como agente do desenvolvimento de políticas públicas e a incorporação de tecnologias.

Para Abramovay (1998), a estrutura social da agricultura não encontra correspondência com a polarização prevista pelos marxistas, entre burguesia e proletariado rural, nem possui características básicas daquilo que pode se chamar de

campesinato, dizendo que deve haver a fusão entre unidade de produção e consumo em torno da família, e um equilíbrio na como a maneira como vende os produtos de seu trabalho e compra.

O autor chega a afirmar que “[...] uma agricultura familiar altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa” (ABRAMOVAY, 1998, p. 22), o que hoje parece, de certa maneira, superado em afirmar, especialmente se for levado em consideração que o “mercado” é algo intangível, incapaz de explicar, por exemplo, o controle promovido com a liberação das sementes transgênicas no Brasil se iniciou apenas quando da edição da Lei Federal 10.688, no ano de 2003.

Quando se está falando de agricultura familiar, parece que existe um agricultor altamente integrado ao Complexo Agro Industrial, que é capaz de comandar os rumos da agricultura em nosso território, e a realidade é muito diferente disso. Evidentemente, era impossível para Abramovay prever a complexidade da transgenia no processo de modernização da matriz produtiva, pois escreveu sua obra no ano de 1992, e as sementes transgênicas só foram comercializadas no ano seguinte, o que impossibilitou qualquer estudo nesse sentido.

O pesquisador afirmou, assim como outros autores anteriores a ele, que o camponês caminha para sua extinção, alertando para esse novo ator social, na condição de produtor moderno, integrado ao mercado, e que racionaliza ao máximo sua produção.

Diante da previsão de Abramovay (1998), que indica dois aspectos na discussão: a) camponês está ligado ao atraso, e a tendência é que desapareça com o avanço do capitalismo (e da modernização que o sistema econômico trás consigo), se transformando em agricultor familiar; b) o novo ator social, integrado e moderno, é necessário.

Acredita-se que, em função da base para construção do termo agricultor familiar em Abramovay (1998) tenha sido em Chayanov, há uma certa incoerência, na medida em que houve a transposição da realidade russa, do início do século XX, para uma agricultura brasileira do século XXI. Tal teoria não se mostra adequada, pois, com as alterações havidas no Brasil, especialmente com a formação dos CAI, e a integração da agricultura com a indústria, é impossível traçar um paralelo plenamente eficaz.

A pretensão é reafirmar a utilização do conceito de camponês, ajudando a compreender a realidade dos Guardiões de Sementes em Canguçu, levando em conta a perspectiva histórica, cultura e aspectos sócio políticos dos atores sociais envolvidos, possibilitando interpretar o sujeito histórico, repleto de complexidades, vivências e experiências, e que está ligado aos caminhos que levaram a modernização ao meio rural brasileiro.

Os Guardiões de Passo do Lourenço se auto denominam camponeses, conforme as falas de J.W (2016) e J.L (2016), no momento de aplicação do grupo focal, e essa visão de si mesmos precisa ser considerada como indicador. A utilização do termo camponês é uma opção feita nesta pesquisa e levou em consideração alguns fatores fundamentais, que servirão de embasamento teórico para sua utilização.

Não é possível afirmar como o termo passou a ser utilizado pelos investigados, em função da provável influência de organizações, como o CAPA, MST, entre outros, que utilizam camponês ou campesino, o fato é que ele é parte da identidade dos guardiões, que os distingue de outros agricultores em situação de equivalência.

Como dito, a origem do termo camponês está relacionada à realidade da idade média na Europa, com características próprias, nascendo em uma sociedade que se localiza às margens do capitalismo e do latifúndio baseado em escravidão. O campesinato europeu tem sua trajetória pela fixação territorial, ao passo que o nosso está em constante mobilidade. Cumpre lembrar que, durante o processo de modernização, ter a propriedade de terras permitia acesso às políticas públicas de incentivo, o que causou grande concentração (SILVA, 1998).

Em função da precariedade da posse da terra, no desenvolvimento dessa classe social, tem resultado em desequilíbrio estrutural, tornando a constante busca por novas terras uma importante estratégia de reprodução social. Nesse sentido, é o seu modo de vida, mais do que a terra, o patrimônio que se sobressai na transmissão entre gerações (WANDERLEY, 1996). Durante as últimas décadas no Brasil, foi a luta recriação do campesinato, mas sim a luta política desenvolvida por meio das ocupações de terra, que se tornou a principal forma de acesso à terra.

No final do século XX, os teóricos da agricultura familiar procuram construir um método de análise em que o desaparecimento do campesinato estava contido no processo de metamorfose do camponês, oferecendo uma imagem desconectada de

conflitos ou contradições, típicas da sua relação com capitalismo, o que ofereceu melhores condições de se desenvolver sem resistência.

Optou-se pela corrente de pensamento que afirma ser apenas mais uma tentativa de submeter o campesinato, posto que a agricultura vive um momento de intensa projeção do capitalismo no campo e nos quais as lutas estão ocorrendo de forma exponencial.

Dito isso, nos apropriamos de Queiroz (1973, p. 29-30), para trazer os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, para uma ideia de camponês, mais adequada à sua realidade:

O camponês é um trabalhador rural cujo produto se destina primordialmente ao sustento da própria família, podendo vender ou não o excedente da colheita, deduzida a parte de aluguel da terra quando não é proprietário; devido ao destino da produção, ele é policultor. O caráter essencial da definição de camponês é, pois, o destino dado ao produto, pois este governa todos os outros elementos com ele correlatos. Assim, dificilmente cultivará grandes extensões de terra; por outro lado, não sendo a colheita destinada a obtenção de lucro, não deve ela ultrapassar certo nível de gastos a fim de não onerar a disponibilidade econômica familiar - de onde se empregar preferencialmente sistema de cultivo e instrumentos rudimentares, e se utilizar a mão-de-obra familiar. De forma geral, o destino da produção define a organização do trabalho no interior da família.

Os entrevistados são agricultores que produzem sementes crioulas, e não tem como primeira finalidade o lucro, tal qual ocorre na agricultura comercial. Seus cultivos se destinam sustentar suas famílias, e o que eles vendem é apenas o excedente de suas colheitas e o necessário para garantir recursos financeiros que lhes permitam a inserção no mundo cuja lógica exige o dinheiro, seja para compra de produtos ou pagamento de impostos.

A ética camponesa, segundo Woortmann (1990) apresenta família- trabalho-terra como categorias centrais e indissociáveis. Não é possível pensar tais categorias independentes entre si, uma vez que são complementares e, por estarem interligadas, precisam ser observadas em conjunto.

O modo de vida camponês, representado nesse trabalho pelos Guardiões de Sementes Crioulas, é marcado pela versatilidade na adaptação, cujo objetivo é reproduzir, tanto material quanto culturalmente, o que lhes foi passado por gerações antecedentes. Não é pautado pela acumulação, mas por questões como compartilhamento, ajuda recíproca, características que são marcantes em comunidades camponesas, conforme explica Shanin (2008).

O campesinato contemporâneo tem como principal característica a reprodução familiar, tanto no aspecto material, como do ponto de vista cultural, norteando suas estratégias de sobrevivência por outras questões, que não apenas a do *capital econômico*, mas de uma lógica de reprodução própria, apoiado na colaboração e apoio recíprocos, tanto nas famílias como fora delas.

A opção pelo uso do campesinato como conceito, rejeitando o de agricultura familiar reside em um aspecto prático bem específico: a historicidade e a lógica de reprodução social do indivíduo camponês está mais próxima da ideia de *habitus*, construído e modificado para se adaptar, diante das novas perspectivas e dificuldades, eis que o camponês vivenciou diversas situações ao longo de sua existência, geração após geração.

A variedade de estratégias encontradas para sobreviver, são percebidas entre os camponeses que persistem às crises, e na conjunção dessas especificidades camponesas, está o papel da economia familiar, segundo Shanin (2008), guardando relação direta com o conjunto de práticas estruturadas que Bourdieu(2000) trouxe em sua teoria.

A forma com que camponês se relaciona com o restante da sociedade, combinando várias características, proporciona uma condição social que permite observá-lo como um modo de vida, que é uma espécie de lente que o camponês utiliza para perceber o mundo.

Seguindo nessa ideia, Shanin (2012, p. 27) diz o conceito de camponês:

Em primeiro lugar, tem-se dito que a economia dos camponeses se caracteriza por formas extensivas de ocupação autônoma (ou seja, trabalho familiar), pelo controle dos próprios meios de produção, economia de subsistência e qualificação ocupacional multidimensional. Outra maneira de apresentar o problema é demonstrar o quanto as condições da vida produtiva camponesa necessitam e se moldam pelo estabelecimento de um ecossistema e um equilíbrio particular entre agricultura, atividade extrativa e artesanato, com uma ênfase particular no cultivo, mais do que na manufatura (um esquema diferente, ainda que estruturalmente semelhante, aparecerá em economias nômades).

Avança-se em Van Der Ploeg (2008), para descrever a forma de produção camponesa enumerando as seguintes características: 1. Busca por eficiência técnica: a melhor produção com a menor quantidades de recursos disponíveis; 2. produção intensiva, porque o trabalho é abundante mas os instrumentos (terra, por exemplo) são escassos; 3. Os recursos materiais e imateriais pertencem aos envolvidos na

produção e as regras que gerenciam as relações decorrem da tradição local; 4. O resultado da produção depende da qualidade técnica dos agricultores e é resultado de suas habilidades adquiridas/melhoradas; 5. Produção independente que deriva do que se obteve nos ciclos anteriores, e não, diretamente, da exigência do mercado.

Os camponeses baseiam o cultivo e dependem da produção obtida a cada ciclo para se manter a si e à sua família, uma ou duas lavouras arrasadas pode significar, - e geralmente significa - a inviabilidade de manter-se no campo, um risco que não estão dispostos a correr.

No capítulo da análise de dados, será possível perceber que o modo de produção adotado pelos guardiões de sementes de Passo do Lourenço é, em sua grande parte, o método camponês descrito por Ploeg (2008). A condição comercial e produtiva dos entrevistados é resultado do aprimoramento artesanal da tradição de plantio, dos conhecimentos trocados pelos agricultores, da propriedade da terra que utilizam integralmente, da autonomia do plantio, entre outros fatores. São construídos historicamente e resultado de processos constantes de racionalização acerca do que compreendem sobre as dificuldades encontradas e as soluções para isso.

Segundo Ploeg (2008, p. 20), o camponês busca autonomia:

Esta luta pela autonomia, que o campesinato compartilha com muitas outras categorias sociais, articula-se, no caso específico do campesinato, como processo contínuo de construção, aperfeiçoamento, ampliação e defesa de uma base de recursos autocontrolada, sendo a terra e a natureza viva (cultivos, animais, luz solar, água) suas partes essenciais (Toledo, 1992; Sevilla Guzman e Molina, 1990). Com esses recursos (que não se restringem apenas aos recursos naturais, mas que incluem um amplo leque de recursos sociais, como, por exemplo, conhecimento local, redes sociais, instituições específicas), os camponeses se inserem na co-produção. Um elemento estratégico aqui é que a base de recursos que permite a co-produção é basicamente composta por não mercadorias (e/ou por mercadorias convertidas em não-mercadorias).

É importante compreender a condição camponesa, cujos aspectos apontados por Ploeg (2008) demonstram a conexão entre *habitus*, *campo* e *capitais simbólicos*, aproximando o conceito de camponês da forma pela qual os Guardiões de Sementes praticam a agricultura, disputando com as empresas do setor, tentando manter autonomia de suas produções, ampliando redes sociais e criando condições materiais para transmissão de conhecimento, técnicas e políticas públicas de incentivo, como na tentativa de manter o seu *habitus* camponês.

3.3 Saber ambiental: explicações possíveis para o camponês contemporâneo

O camponês, Guardião de Sementes, aparenta deter saberes racionais, mas construído através do que Leff (2009, p. 17) descreve como um saber forjado no mundo:

A racionalidade da modernidade pretende por à prova a realidade, colocando-a fora do mundo que percebemos com os sentidos e de um saber gerado na forja do mundo da vida. O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida.

Se observarmos o camponês de Passo do Lourenço como uma construção histórica, influenciado por uma grande quantidade de atores sociais - o que já foi objeto de uma apertada análise ao longo do texto, mas com características próprias, além de complexos processos racionais e experiências de vida, que resultam em saberes novos e dissociados das imposições da modernidade.

Aliás, seguindo em Leff (2009), é possível trazer a essência do que ele denomina saber ambiental, compreendido como uma espécie de sistema que envolve a construção de sentidos coletivos e identidades partilhadas, envolve a sobreposição de tempos e identidades.

O saber ambiental permite a adoção de estratégias que proporcionam a reapropriação do mundo e desconstrói o saber disciplinar, típico da ciência moderna, que nega as verdades incontestáveis e tantas vezes insustentáveis, para pensar o mundo de uma maneira diferente.

Enrique Leff e Luis Carlos Cabral (2006, p. 14) afirmam que a racionalidade ambiental:

La racionalidad ambiental desconstruye a la racionalidad positivista para marcar sus límites de significación y su intromisión en el ser y en la subjetividad; para señalar las formas como ha atravesado el cuerpo social, intervenido los mundos de vida de las diferentes culturas y degradado el ambiente a escala planetaria. La racionalidad ambiental inaugura una nueva mirada sobre la relación entre lo real y lo simbólico una vez que los signos, el lenguaje, la teoría y la ciencia se han hecho conocimientos y racionalidades que han reconfigurado lo real, recodificando la realidad como un mundo-objeto y una economía-mundo.

Para retomar, foram vistos os conceitos fundamentais para essa investigação: *habitus*, como o sistema de disposições adquiridas, por intermédio da aprendizagem do sujeito, que diante de situações novas, pode gerar novas estratégias práticas. É através do *habitus* que partem as indagações da pesquisa, observando o espaço estruturado de observação da disputa, denominado *campo*, dentro do qual estão inseridos tipos específicos de *capitais simbólicos*, como econômico, cultural e social.

Finalmente, houve uma breve análise sobre as posições acadêmicas diversas sobre o ator social, agricultor familiar, e camponês, conceito que resgata a historicidade do sujeito e se coaduna com as categorias teóricas utilizadas na pesquisa, especialmente o *habitus*.

4 Análise e interpretação dos dados desta pesquisa

O objetivo deste capítulo é proceder com a análise dos dados obtidos, trazendo as transcrições das declarações prestadas pelos entrevistados e dialogando com a teoria bourdiana, através de indicadores que demonstram evidências acerca dos objetivos da pesquisa, especialmente da conservação do *habitus* e da acumulação de capitais simbólicos.

Empregou-se o conceito de estranho como ferramenta de compreensão da complexidade que representa para os Guardiões, o processo de modernização da agricultura.

Além disso, o conceito de classe social em Bourdieu (1987, tradução do autor) se apresenta como outro instrumento essencial, na medida em que o campesinato possui características próprias, que permitem unificam os investigados em torno de uma classificação mais ampla, que se conecta a outros grupos semelhantes.

4.1 O estranho para os Guardiões de Semente

Martins (1993) oferece análises importantes acerca da questão agrária no país, especialmente na problematização do impacto ocasionados por grandes projetos econômicos e os reflexos daí decorrentes na vida de populações indígenas e camponesas, abordando aspectos sócio culturais que são ocasionados pela introdução de novas tecnologias, o que acarreta em impactos na vida das comunidades locais.

A Revolução Verde representou, para os camponeses de um modo geral, e para os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, um misto dos dois aspectos apontados, uma vez que foi a partir dela que a tecnologia das grandes corporações foi disseminada, permitindo um avanço significativo dessas corporações nas zonas rurais.

Não havia o pressuposto de introduzir seus métodos ou insumos de produção, mas de dominar, controlar as sementes, empurrando as populações locais para fora de suas terras ou criando uma dependência produtiva cada vez maior e mais difícil de escapar. A fusão entre setores da indústria com a agricultura foi um duro golpe na

agricultura campesina, que vem sendo esmagada pelo avanço do capitalismo, integrado e cada vez mais dominante.

O sociólogo afirma que não se trata de introduzir nada na vida dessas populações, mas de retirar o que elas têm de mais vital, que afetam diretamente a sobrevivência, não somente em relação à economia, mas terras, meios e condições de existência material, social, cultural e política. É a destruição do próprio *habitus* que mais preocupa, e a semente crioula aparece como elemento central dessa análise, pois confere autonomia e permite a reprodução desse *habitus*.

É nesse contexto de expropriação das condições materiais de existência do trabalhador rural que relacionamos o objeto desse trabalho, na medida em que o acúmulo de múltiplos *capitais simbólicos* é que proporciona o tensionamento, possibilitando a resistência ao modelo de agricultura que ignora o indivíduo e transforma culturas, crenças e visões de mundo.

A chegada das sementes modificadas geneticamente representou uma ameaça direta ao modo de vida campesino, e os Guardiões de Sementes estão inseridos nessa lógica, afinal, os planos da agroindústria envolvem a expansão, lucro, dominação ou controle da produção agrícola, e o campesinato representa, historicamente, uma barreira a ser superada.

O camponês se adapta e promove resistência, e é essa visão adotada por Martins (1993), quando afirma que é um equívoco pensar em transformação ou desaparecimento desse sujeito histórico. Foi em razão dessa ideia, como dito anteriormente, que se optou por adotar o termo camponês, porque reforça a consciência do ator, revelando os mecanismos de dominação em disputa.

A historicidade é elemento fundamental para construção do *habitus*, é nela que se percebe o processo de consolidação e transformação da estrutura; o mercado não permite racionalidade, ele é apenas uma abstração ideológica, que se apresenta como a solução para uma sociedade desigual, que destrói valores e desconsidera as condições materiais desiguais. Alterar o *habitus* sem a consciência dos dominados para com os elementos de dominação é reforçar a correlação de forças desiguais, aumentando a hierarquia entre os atores sociais.

De certa maneira, o *estranho* é percebido pelos dominados, mas eles não possuem elementos que garantam as condições de resistência necessárias para evitar o avanço e a consolidação desses projetos. Na agricultura camponesa de Passo do Lourenço, a resistência é reforçada pelo uso das sementes crioulas, incentivado e

acessorado por mediadores. O *habitus* é reforçado e se converte em posição à modernização.

Segundo Martins (2001), a concepção da vítima deve receber importância na análise da expansão capitalista e tecnológica, propiciando uma abordagem que foge das conclusões unilaterais, típicas da perspectiva do impacto, utilizada amplamente nas ciências sociais. Conforme explica o autor, o camponês é um sujeito importante no processo histórico de luta contra o modelo capitalista, baseado no rentismo, na medida em que se mostra como força de contraposição aos avanços e às contradições produzidas no processo de “modernização da agricultura”.

A solução proposta a conjuntura, de maneira que seja possível identificar a resposta dos afetados por projetos econômicos e reformas tecnológicas, de grande abrangência, desvelando a reciprocidade da relação entre os oprimidos e opressores.

É necessário perceber que os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço ajudam e contribuem para tensionar o sistema capitalista, expondo as contradições e desafios que, somando-se a outros sujeitos, lutam pelo reconhecimento de direitos, são ativos e engajados politicamente, plenamente conscientes de seu papel na história e dos rumos e desafios que devem assumir.

Os trabalhadores rurais têm oferecido uma oposição ampla às imposições do Capitalismo, que tenta (e de certa maneira consegue) grandes projetos econômicos, ignorando a existência do desses atores sociais. A oposição se transforma em luta e resistência, propiciando importantes avanços políticos, como as desapropriações de um passado recente, para fins de reforma agrária.

Na região sul do país, em razão do número de pequenos agricultores e do processo de sindicalização dos trabalhadores rurais, organizado em plena vigência da ditadura militar, ajudou a construir um dos maiores, senão o maior, sindicatos rurais do país. Lembrando que foi nessa mesma época que o Estado fez uma intervenção na agricultura, em papel decisivo na criação dos Complexos Agro Industriais, através dos incentivos e financiamentos para os grandes detentores de terra.

No entanto, a luta pela reforma agrária sofreu um grande revés, especialmente na Constituinte, uma vez que os grupos de mediação, como igreja (Católica e Luterana) fracassaram na tarefa de implementar medidas que tornassem inviável, o que Martins (1993) chamou de “reprodução do latifúndio”.

Conforme analisou-se, foi com a ajuda importante dessas duas organizações religiosas, que houve a criação da UNAIC em Canguçu, incentivando a organização

da associação, como forma de garantir a visibilidade para aquele grupo social. A essência disso é a retomada do protagonismo camponês. Os Guardiões de Sementes trataram de mudar seu *habitus* e se adaptar às novas regras de funcionamento da disputa entre dominantes e dominados.

Os investigados estiveram, desde o princípio, na vanguarda dessa resistência, especialmente quando passaram a se reconhecer como sujeitos de direitos, com poder de transformação das próprias vida, recebendo a influência e o amparo das organizações religiosas, para buscar melhores condições de existência.

Houve um destacado papel dos próprios trabalhadores rurais e suas famílias, na mudança significativa por parte da Igreja Católica, que gradualmente passou a reconhecer o direito à terra e direitos políticos e sociais, incorporando tais concepções ao seu próprio *habitus*.

De certa maneira, a organização religiosa percebeu a violência a que estavam submetidos os trabalhadores do campo, vítimas do próprio Estado e de particulares, geralmente latifundiários. Camponeses expulsos da terra, ameaçados de morte, famintos e sem esperança, recorriam aos padres e bispos, como última alternativa.

O resultado disso é que a Igreja foi modificada pela dor daqueles que eram vitimados pela dura repressão policial e política exercida pela ditadura militar, e uma evidente demonstração da influência das ações individuais na modificação da estrutura. O suporte religioso, o que o autor chamou de “consistência doutrinária” à luta dos “pobres da terra”, demonstrando-se mais útil à causa camponesa do que foram os partidos políticos. Tal entendimento está muito marcado na história dos Guardiões de Sementes, e foi um dos fatores fundamentais para o estágio atual da agricultura camponesa em Canguçu.

A mudança estrutural no campo tem sido lenta, mas é parte de um processo histórico próprio do mundo rural brasileiro, influenciada fortemente por grupos que mediam os interesses entre trabalhadores rurais e o Estado, na construção do Estatuto da Terra, durante a ditadura e, no caso específico dos investigados, estiveram presentes e influenciaram na organização da UNAIC.

Note-se que a indústria de químicos agrícolas e sementes modificadas geneticamente, está no mesmo lado da história que os grandes proprietários de terra, seus principais compradores, segundo destaca o autor:

Os povos indígenas e os trabalhadores rurais têm posto em questão, na sua prática, não só o pacto que sustenta o regime político brasileiro, mas também o modelo autoritário e antidemocrático que decorre da associação entre capital e a propriedade fundiária, estabelecida durante a ditadura militar. Os grandes projetos contribuíram decisivamente para despertar o demônio da política, adormecido na alma dos humilhados e desvalidos da terra, que põe em questão mais do que esses projetos – põe em questão o direito de propriedade (tal como está formulado, e função dos interesses do grande capital rentista e especulativo) e as relações de poder, de que os grandes projetos são o produto corrosivo. (MARTINS, 2001, p. 34)

A importância de todas essas questões é tão expressiva, que foi possível identificar os atores sociais envolvidos na disputa pelo controle do poder no campo – aqui concebido nos termos propostos por Bourdieu (2000) e a complexa relação entre a luta camponesa e o reconhecimento de seus direitos, mesmo diante de tantos problemas enfrentados no decorrer do processo histórico.

O *estranho* se manifesta através da indústria, que avança e cria monopólios, através de políticos que são corrompidos e consolidam o rentismo por meio de leis e proteções, justamente para quem delas não necessita, na polícia militar, que arranca o trabalhador da terra, perpetuando as estruturas de poder ilegítimas, alterando de maneira desigual as próprias regras do *campo*.

O sentimento de resistência, manifestado pelos voluntários em diversos trechos do grupo focal, se coaduna com o pensamento de Martins (1993), na medida em que fica bastante evidenciado que o “grande projeto capitalista” no campo é mais um meio de subjugar o camponês, de retirar aquilo que lhes torna camponeses, forçando a dependência e a submissão.

A presença da semente transgênica, dos químicos agrícolas, das máquinas e, principalmente, da ideia única do lucro, representa o intruso, um estranhamento que se apresenta vil, ignorando culturas, crenças, pessoas. A resistência camponesa é a maneira com a qual esses agricultores e agricultores encontraram para seguir existindo, da maneira como eles conhecem.

O reconhecimento do outro como *outro* e a aceitação disso, vem sendo um verdadeiro entrave no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira, que se desumaniza a cada comunidade despejada, para cada espécie vegetal que é perdida pela chegada do “moderno”. A resposta para esses dilemas, pelos dominados, é resistir com os meios que lhe são acessíveis.

As sementes crioulas e a terra, valores sociais como a solidariedade, respeito e os saberes tradicionais, os recursos de adaptação e assimilação dos problemas,

enfim, as estratégias e modo de vida dos guardiões, entram em conflito com as imposições do grande capital corporativo e suas tentativas de normalizar produção pessoas, de ideias.

Na medida em que avança, o Capitalismo extrai as alternativas em uma sociedade economicamente explorada, que extingue crenças, tradições, retira famílias do campo e acaba com a diversidade, tanto do ponto de vista biológico, quanto de ideias e alternativas. A concepção de que o outro é estranho leva ao pensamento complexo e desumanizante que destrói, mutila e mata, que coloca o Estado a serviço do dinheiro e deixa o seu povo na marginalidade, na miséria e sem direitos.

Considerando aquilo o que ensina Martins (1993), percebe-se a grave contradição entre a ideologia liberal, do livre mercado, a lei como elemento de equalização social, e o governo das oligarquias, praticado no Brasil.

Não se está mais falando de uma nação liberal, mas de um país governado pelo grande capital corporativo, que vive de privilégios e favores, que esmagada e massacra os mais humildes, que se contradiz entre a liberdade e a escravidão. É justamente essa a simbologia entre as sementes crioulas e as transgênicas: para o camponês, aderir à modernização, se tornar escravo da indústria, ou valorizar suas próprias sementes como ícone da própria existência livre?

São esses os fatores que, somados, permitem uma visão singular acerca dos Guardiões de Sementes Crioulas de Passo do Lourenço: tornaram-se protagonistas de suas vidas, compreendem que a resistência ao “pacote tecnológico” é o que os protege da submissão ao grande capital rentista e da oligarquia que governa o Brasil, que a organização e a construção de relações sociais é o caminho para autonomia e liberdade. Como disse Bourdieu (2004), toda contestação carrega em si uma ruptura com regras estabelecidas, uma espécie de revolução dos princípios de um campo, fazendo transpor as fronteiras.

A semente crioula se contrapõe à semente modificada geneticamente e, simbolicamente, é a resposta camponesa a uma imposição corporativa, a própria resistência aos interesses ultrajantes das empresas (ou quadrilhas, dependendo da perspectiva de análise) e dos latifundiários do plantio de soja, milho e outras monoculturas.

Plantar sementes crioulas, em um país que incentiva as outras, modificadas geneticamente, é apresentar uma alternativa viável, singular e, ao mesmo tempo, uma

resposta simples ao grande projeto econômico-tecnológico iniciado na Revolução Verde.

O *estranho*, em outra perspectiva de observação, se dá através da globalização econômica que sai dos laboratórios corporativos, atravessa o mundo e se espalha em busca do lucro, submete os mais vulneráveis e ignora os costumes e as práticas locais, em uma tentativa de acabar com as barreiras impostas pelas vítimas desse processo todo. Elimina a autonomia, através das sementes transgênicas, a cultura ao inserir ícones culturais exógenos, os saberes, ao afirmar que o camponês é atrasado e, finalmente, busca eliminar o próprio indivíduo.

Martins (2001) aborda outro aspecto muito importante, em termo de sociologia rural, ao dizer que esse ramo esteve em dissonância com as populações rurais, na medida em que pairava uma certa suposição de que tais comunidades rurais representavam o atraso, em diversos tipos possíveis de análise. Como foi visto, até mesmo autores importantes da sociologia rural, como Abramovay, tem uma ideia que, em certa medida, expressam esse pensamento.

Para além dos estereótipos que foram sendo criados para o indivíduo do campo, os Guardiões de Sementes são pessoas que vivem na fronteira entre o tradicional, seus hábitos, costumes, crenças e tudo o mais que os envolva, ao mesmo tempo em que são forçados a se defender do novo, na medida em que o grande capital está de olho em suas terras, em sua forma de produzir e, em última análise, em sua força de trabalho submisso. É nesse aspecto que compreender as razões para rejeição dos métodos da modernização, permite uma visão sobre o próprio *habitus* que os Guardiões conservam e transformam em resistência.

O estranho vai chegando, dominando e invadindo lavouras e florestas, destrói rios, contamina o solo, ar, abastecimento de água, corrompe, expulsa, mutila e mata, causa câncer e envenena a vida e a sociedade. Os Guardiões, em sua grande maioria, apesar de não ter estudo formal, compreendem os processos sociais nos quais estão envolvidos, resistindo ao processo destrutivo que representa a reunião de uma ciência que já nasce corrupta e completamente submissa ao dinheiro farto do capitalismo.

4.2 A resistência camponesa: unidade na distinção

A resistência representada pelos camponeses guardiões de sementes é factível e lógica, se opera para conservar valores e preservar relações sociais, biodiversidade, representa um marco entre os velhos hábitos e práticas, que se encontram com o novo, causando um estranhamento de difícil adequação. O *habitus* não é uma estrutura estanque, por isso a racionalização dos instrumentos de dominação utilizados pelas corporações obriga o camponês a modificar e transformar essa estrutura, de modo a se adequar aos desafios, definir novas estratégias e formas de agir.

O tempo e a noção de sua passagem, foi modificada com a instantaneidade provocada pela modernização, que através da tecnologia se expande, multiplica as informações que chegam ao indivíduo, ampliando o conhecimento e chegando nos mais distantes locais, sem demandar muito esforço. O indivíduo moderno vive cheio de estímulos, novos compromissos e obrigações que não aconteciam em outros momentos.

Se a vida moderna representa um fluxo contínuo de estímulos e novas perspectivas, ela não permite, com a mesma intensidade, que seja possível assimilar e refletir sobre tanta informação, introduzindo novos conceitos e “verdades absolutas” momentâneas, que a própria ciência confirma, se tornando o saber dominante. Em outros tempos seria uma “heresia” falar em não utilizar a modernização da agricultura e os produtos desenvolvidos para o crescimento da produção. No momento atual, a própria ciência vem encontrando alternativas que não envolvem a compra de produtos vendidos pelas empresas.

Martins (2001) afirma que a sociologia chegou a ser praticada como um instrumento de análise da relação entre agrícola, ocupação dos espaços agrícolas e a produção, dizendo que alguns sociólogos se tornaram tão moldados pelas teorias sociais e por suas próprias convicções pessoais, ligadas à industrialização e urbanização como instrumentos de crescimento, que viam o rural como um adversário, chegando mesmo a dizer que era atrasado e emperrava o avanço do “progresso”.

Conforme já dito em outro momento, Abramovay (1998) chega a afirmar que o camponês representa o atraso, na medida em que esse não está adaptado às demandas da agricultura moderna, justificando a adoção de um novo termo que possa

dar conta de explicar as rupturas necessárias para que o campesinato estivesse apto a viver no mundo contemporâneo.

As populações rurais souberam muito rápido que a “modernização” representava desemprego, destruição de raízes, tradições familiares e comunitárias, enquanto que alguns sociólogos rurais, acreditando praticar uma ciência isenta, ignoravam o que os habitantes do mundo rural tinham para dizer. Em Passo do Lourenço, os camponeses estão incluídos nesse pensamento analítico, que percebe as contradições da modernização e o que ela representa para suas vidas. É o começo de uma ideia de rejeição da modernização da agricultura, que espalhava suas “inovações tecnológicas” no campo, acarretando em grandes deslocamentos de trabalhadores rurais para os centros urbanos, já que suas condições materiais de existência estavam sendo extintas. Aliás, extinção do mundo rural era vista por muitos sociólogos como o caminho natural.

Canguçu era um local onde os colonos passavam enormes dificuldades de subsistência, especialmente ao tentar aderir, sem sucesso, à modernização para qual não tinham recursos financeiros para competir. O que se está falando é de miséria, abandono estatal, falta de condições mínimas de sobrevivência.

Apesar dos recordes de safras, colhia-se cada vez mais soja e milho, que abastece a indústria de alimentos e rações animais, para fechar o ciclo da agroindustrialização intersetorial; o que restava ao camponês era abandonar suas vidas no campo, empurrado para centros urbanos ou se tornar um trabalhador rural de baixo custo.

Em Passo do Lourenço, quando foi realizada a coleta dos dados, percebeu-se o significado de resistência às sementes e insumos, oferecidos pela agroindústria. O grupo de entrevistados¹¹ demonstrou que a rejeição praticada por eles aos “avanços tecnológicos” era uma opção racional por utilizar as sementes crioulas, já que elas não lhes causam dependência, constituindo-se como um instrumento de autonomia. Para eles, perder as sementes é perder a liberdade, abandonar o *habitus* que valorizam e lhes foi passado. A semente crioula aparece como um legado, uma herança de gerações da qual os Guardiões de Passo do Lourenço reaprenderam a se orgulhar e que garante a reprodução da própria vida camponesa.

¹¹ As entrevistas encontram-se no anexo B deste trabalho. Utilizamos as iniciais dos nomes dos entrevistados para preservar sua intimidade.

As alterações entre moderno e tradicional no meio rural, para além do que foi difundido pelo sistema educacional e pela mídia, demonstra que a modernização no campo não era necessária para o desenvolvimento econômico e social. O que, de fato, ela revelou foi muito mais instrumento de dominação empresarial, praticada por grandes corporações, que ignoram o camponês e percebem apenas como um empecilho para seus próprios interesses.

No período em que a Revolução Verde resplandecia, as desigualdades sociais ficavam cada vez mais evidentes, por não ter sido debatida pela classe política com as populações atingidas. Levando em consideração que era um grande projeto econômico, capaz de modificar de maneira tão substancial a vida das pessoas e a forma de produzir alimentos, não poderia ter sido implementada no Brasil, sem a mediação e intervenção do Estado, para garantir os interesses do camponês.

Os Guardiões de Sementes resistem, são sujeitos que marcaram seus papéis na história da agricultura no Brasil, identificados com a causa camponesa, por se tratar de uma questão vital a sobrevivência deles como agricultores. Sua identidade com grupos camponeses de outras partes é apenas mais uma estratégia para formar redes de amparo social, já que são alijados da modernização nos moldes em que foi gestada.

Imputava-se aos vitimados, por uma modernização forçada e particularmente acelerada, a culpa pelos problemas gerados pelo próprio Capitalismo, expondo as contradições existentes entre a “liberdade de mercado”, e a sua “mão invisível”, forçando o desenvolvimento e causando ainda mais desigualdade sociais. A tal liberdade de mercado não existe, o que temos é apenas o interesse das corporações agroindustriais, que determina os rumos da agricultura no país.

Um dos entrevistados mais ativos, quando da realização das entrevistas, expôs de uma maneira bastante simples a essência do sistema produtivo capitalista no campo:

A Monsanto são firmas multinacionais poderosas, e hoje tem umas que se juntaram umas às outras para ter mais dominação, tem muitas que produzem o veneno, produzem o remédio, se tu te intoxicar elas têm o remédio para te dar e como as sementes crioulas ainda é uma coisa muito pequena em relação a eles, mas eu acredito que se isso for tomando corpo que eles vão tentar uma forma de barrar né (J.L, 2016)

Quando se formaram os complexos agroindustriais, o camponês foi retirado dos planos e passou a ser percebido como um entrave à modernização, tal qual os atingidos por barragens ou habitantes de locais que serviram para abrir estradas.

Há uma clareza de ideias do entrevistado J.L (2016), tornando evidente uma das principais contradições do Capitalismo e da sociedade moderna, na medida em que é o próprio sistema quem cria os problemas, para depois vender as soluções, criando mais contradições. As sementes crioulas representam, para os Guardiões, um instrumento de emancipação, pois ficam à margem do ciclo interminável de problemas gerados pela modernização do processo produtivo, gerando possibilidades concretas de definir seus próprios rumos.

O “estranho” encontra o camponês e não consegue avançar; o camponês Guardião de Sementes de Passo do Lourenço resiste e oferece suas experiências, seu trabalho, preserva as tradições que precisam ser preservadas, abraça a tecnologia que está a seu serviço, mas rejeita os instrumentos de dominação capitalista, utilizando técnicas de cultivo, compartilhando as sementes crioulas, preservando, assim, seu patrimônio genético e meio ambiente, ao dizer não a uma modernização disfuncional e forçada.

O *estranho* é uma percepção possível, que avança em direção aos cultivos tradicionais, uma força quase inexorável, que oprime e exclui o camponês de todo o ciclo produtivo, lançando-o a uma condição de expectador e consumidor, que destrói seus costumes, modo vida, crenças e cultura, para dar lugar a uma espécie de ator demitido, sem espaço no novo cenário da produção de alimentos.

Mas, de que maneira os Guardiões de Sementes transformam o próprio *habitus* em resistência à modernização da agricultura? Quais são os *capitais* os *capitais simbólicos* envolvidos nessa rejeição? Como se configura o *campo* da disputa?

4.3 Os Guardiões de Sementes pertencem a uma classe social chamada campesinato

Como último elemento de análise, é necessário compreender *classe social*, utilizando a perspectiva de Bourdieu (1987), eis que se alinha com o entendimento da dimensão política do indivíduo em sociedade, e a necessária diferenciação entre fatores objetivos e subjetivos de sua constituição.

Bourdieu (1987, p. 138) afirma que:

Com efeito, esta identifica, por vezes, sem outra forma de processo, a classe construída com a classe real. [...] outras vezes, distinguindo-as pela oposição entre 'classe-em-si', definida na base de um conjunto de condições objetivas, e a da 'classe-para-si' radicada em fatores subjetivos, ela descreve a passagem de uma à outra, sempre celebrada como uma verdadeira promoção ontológica, em termos de uma lógica ora totalmente determinista, ora, pelo contrário, plenamente voluntarista.

O sociólogo destaca a chamada homologia de posição, que fala em instrumentos de ruptura, através das alianças entre classes, tornando possível haver uma identidade de unificada entre os atores sociais, considerando os indivíduos de diversos *campos distintos*, ou até mesmo em um *campo* específico, com a ressalva de que apenas a identificação não é capaz de gerar uma classe organizada ou um movimento organizado em si.

Destaca-se que é necessária a criação de unidade em torno de uma visão própria de mundo, com interesses semelhantes, mas que a classe não é formada apenas pela aglutinação de indivíduos em situações semelhantes. Para haver classe social, nos termos propostos em Bourdieu (2000), é necessário o conhecimento do espaço e das posições dadas pelas relações de produção, portanto, são conjuntos de agentes que possuem posições semelhantes e que em tais circunstâncias, agem e têm interesses semelhantes.

Em termos reais, de grupo mobilizado para a luta, não é realmente uma classe, é uma possibilidade ou uma classe provável (BOURDIEU, 2000); ela necessita de elementos conceituais para que, de fato, seja identificada como uma classe social, cujo *habitus* específico tem a possibilidade de garantir unidade de ações políticas, capaz de garantir a aglutinação dos atores sociais em torno de uma homogeneidade de interesses, que para essa pesquisa, são os camponeses.

Almeida (2004, p. 13) contribui, dizendo que:

A classe camponesa que se reproduz no capitalismo é diametralmente oposta ao camponês servo. Sua (re)criação se faz contraditoriamente como uma relação não-capitalista, na medida em que o capitalismo convive com sua expansão. Todavia, esse mesmo capital cobra seu tributo subordinando a renda da terra e recebendo do campesinato a resposta por meio da luta de resistência.

Finalmente, nos apropriamos de Santos e Teló (2011), que problematiza sobre a classe camponesa, dizendo que para Bourdieu (1987), mais do que uma estrutura estruturante, as classes sociais são vistas como um *devoir*, um processo que se manifesta, relacionado às posições que ocupam, nas situações em que se localizam e desenvolvem nos diferentes *campos* da ação humana.

A classe, para Bourdieu (1987) se constrói através da identidade de posições semelhantes por parte dos agentes. É através da identidade entre agentes, em *campos* localizados e espaços geográficos distintos, que a classe social é criada, gerando um *devoir*, uma representação política e simbólica que os represente.

Entendeu-se que os camponeses em Passo do Lourenço fazem parte de uma classe social que está identificada por posições semelhantes, se comparadas a outros agentes, em *campos* distintos, considerando camponeses de outras regiões que, embora tenham características próprias e distintivas, possuem identidades de posições capazes de gerar uma identificação política que os coloca em uma mesma classe social, representativa simbolicamente, através de situações análogas.

4.4 A Globalização, a agroindústria e os camponeses de Passo do Lourenço

Se por um lado, a presença dos Guardiões de Sementes é objetivada pela ocupação do espaço territorial em que produzem, o outro lado da disputa (as empresas do setor agroindustrial) não precisa se fazer presente para ser percebido.

Conforme a modernidade foi avançando, a Globalização¹² permitiu que as relações sociais fossem transferidas, também, para outros patamares não vivenciados, permitindo que as relações ocorram, mesmo que não sejam diretas ou presenciais.

Permanecendo na perspectiva José de Souza Martins (1993) acerca do *estranho* e, agregando a ideia de Giddens (2003) acerca do que representa o fenômeno da globalização, indica a existência de luta dentro do *campo*, mesmo diante da aparente ausência de representação física das empresas no município.

¹² Segundo Giddens (2003), é um fenômeno político, econômico, tecnológico e cultural, que se potencializa através dos meios de comunicação, que possibilita as mesmas informações em todos os locais do mundo. O autor aponta que a globalização afeta os grandes grupos, mas também os pequenos, permitindo a proliferação de identidades culturais ao redor do mundo, criando grupos antagônicos.

A própria modernização da agricultura, cujos bens de consumo são encontrados em comércios locais (fertilizantes químicos e agrotóxicos, por exemplo), é simbolicamente a própria agroindústria disputando a dominação, na tentativa de avançar em direção às terras e cultivos campestres.

Giddens (2003, p. 54) afirma que estranho “não é apenas alguém que pertence ao mundo desconhecido fora daqui, mas uma pessoa que, por permanecer, obriga os habitantes locais a tomar uma posição”. Evidentemente que a Revolução Verde (uma das fases da modernização), que se somou a uma fase exponencial da Globalização, fez surgir uma espécie de estranho global, que faz sentir sua presença e suas ações sem a proximidade espacial, típica de outras disputas.

Na medida em que a nova fase do processo de modernização da agricultura era implementada, saindo dos laboratórios de química e agronomia, ocupando os gabinetes executivos das empresas diretamente interessadas em expadir as descobertas tecnológicas e transformá-las em produtos, a Globalização econômica fornecia as condições adequadas para estabelecer, estabilizar e fortificar a dominação do mercado agrícola.

Conforme explicou Silva (1998), com a ampliação dos CAIS, a interdependência entre capital, agricultura e indústria formou um sistema complexo, cuja participação do Estado brasileiro foi fundamental, na medida em que o alvo dos produtos da indústria fornecedora de insumos para o cultivo, é o médio e grande produtor, com maior capacidade financeira ou acesso aos financiamentos do Estado brasileiro.

Na prática, o mercado de consumo para esses produtos foi construído e consolidado, aproveitando a necessidade de modernização do ciclo produtivo da agricultura e o crescimento populacional, criando uma demanda internacional para atender aos produtores que detinham os recursos necessários (terras, dinheiro ou poder político), ao mesmo tempo que a produção agrícola se destinava a abastecer a indústria que processaria os alimentos.

Giddens (2012) aprofunda a questão, dizendo que os processos de Globalização demonstram que a ausência predomina sobre a presença, ou seja, onde antes, nas comunidades tradicionais, havia a interação direta proporcionada pela ocupação e domínio do espaço, hoje a lógica é outra. Para o Giddens (2012) a empresa capitalista é um exemplo bastante significativo dessa afirmação, “forçando o seu caminho meio apartes do mundo antes resistentes, de uma maneira mais completa do que nunca” (GIDDENS, 2012, p. 150).

O sociólogo inglês afirma que a dominação promovida pelo que ele denomina de sistemas abstratos¹³, através da desincorporação¹⁴, provocou a descentralização substancial das relações sociais, da qual a tradição dependia, situação que possui reflexos diretos na disputa entre os investigados. Em um primeiro momento, a tendência é buscar informações sobre representações das empresas da agroindústria em Canguçu, mas essa tarefa não parece ter tanta relevância diante das alterações apontadas por Giddens (2012).

Como dito, Modernidade e a Globalização acarretaram mudanças significativas nas relações sociais, deixando de demandar a presença dos atores envolvidos, outrora visto como elemento fundamental, para transformar até mesmo os processos sociais existentes, promovendo alterações estruturais difíceis de perceber, especialmente para o campesinato mundial – aqui considerando a ideia de Bourdieu (1987) sobre classe social, vista no tópico 4 do Capítulo I.

Empresas como Bayer, Monsanto e Cargill fazem parte de um bem estruturado complexo agroindustrial, voltado a atender as demandas da indústria de processamento de alimentos, e cujos produtos possuem custos elevados e inacessíveis aos camponeses. Tais empresas estão presentes em Canguçu e disputam espaço com os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, cujo caminho já foi aberto há várias décadas, conduzindo a agricultura brasileira para novos e remodelados tempos.

Para Giddens (2012), a dissolução das comunidades locais, pelo avanço da Globalização, não ocorre de modo a fazer desaparecer a vida ou as práticas individuais ou coletivas, mas as modifica por influências remotas, fazendo com que tais práticas recebam novos significados.

Diante da perspectiva do *habitus* em Bourdieu, as empresas agroindustriais, globalizadas e inseridas na lógica do Capitalismo, exportam não apenas os produtos, oriundos das tecnologias em desenvolvimento, mas práticas culturais e sociais, visões

¹³ Ele denomina sistemas abstratos o “conjunto de sistemas peritos e de fichas simbólicas” (GIDDENS, 1991, p. 84), apontados como “mecanismos de desencaixe, pois removem as relações sociais das imediações do contexto” (GIDDENS, 1991, p. 36). Tais sistemas peritos são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p. 35). Fichas simbólicas: “meios de intercâmbio que podem ser circulados sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura em particular” (GIDDENS, 1991, p. 36).

¹⁴ Que ele denomina também desencaixe ou “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação por meio de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29).

de mundo e uma multiplicidade de situações que alteram o *habitus* das populações locais, em um processo contínuo pelo controle de poder.

No entanto, em razão da complexidade do mundo social, das ações individuais e coletivas, a dominação não é um fato determinado, irreversível ou inexorável, podendo gerar respostas, na medida em que os indivíduos estabelecem reflexões acerca dos mecanismos de dominação, permitindo que o próprio *habitus* se modifique, apresentando novas soluções para enfrentar novos desafios.

4.5 Racionalidade econômica: a adaptação do camponês ao mundo moderno

Ao pesquisar o *habitus camponês* em Passo do Lourenço, a interpretação dos dados fez surgir uma questão importante, que ajuda a desmistificar o pensamento de que o sujeito histórico camponês estaria ultrapassado e seria extinto.

Parte essa ideia já foi explicada, através dos conceitos bourdianos até aqui expostos, mas a abstração teórica de Bourdieu, nas obras citadas, encontra evidências empíricas que permitem afirmar: o camponês é uma classe social renovada, moderna e apta a transformar suas ações e mudar as regras de funcionamento do *campo*, na medida em que se deparam com novas situações.

D.R.C (2016) confirma a preocupação com a perda do controle de independência do processo produtivo e do controle sobre as sementes, fundamentais para o plantio nos moldes com os quais estão acostumados, pois garantem a autonomia do agricultor camponês:

Aqui se produzia feijão e milho, e além de não valer nada o que a gente colhia (pra vender) e aí através da cooperativa se teve essa ideia das sementes. Um pouco isso, e **um pouco também pra não perder as nossas sementes, por que a gente tava cada vez mais pobre e cada vez mais difícil comprar a semente, tava indo pro lado do “pacote”, tinha que comprar**” (grifo do autor).

Os recursos disponíveis para o plantio são cada vez mais raros, exigindo um nível constante de aperfeiçoamento para permitir a máxima produção, sem que para isso tenham que comprar sementes, venenos ou fertilizantes químicos.

D.R.C (2016) demonstra perceber que o controle das próprias sementes representa evitar o empobrecimento do agricultor camponês, na medida em que

observou, em um passado recente, o avanço da agricultura altamente industrializada. Outro fator que surge da análise do que foi dito é que havia uma desvalorização dos alimentos produzidos, que antes da cooperativa, não atingiam valores satisfatórios de venda.

Outro trecho das entrevistas torna ainda mais evidente o pensamento econômico:

V2 - acho que hoje todo mundo aqui do nosso grupo produz sementes crioulas, pararam de plantar os híbridos, a gente não nega que vários anos eu plantei híbrido, mas hoje eu vejo assim, **vejo que para agricultura familiar é mais negócio tu plantar, com um custo menor**, mesmo tendo uma produtividade mais baixa... porque tem híbridos aí, com alta tecnologia, que vão ser mais produtivos...

V3 – Com a diferença que **o pequeno produtor não pode usar a outra...**

V1 – É, alta tecnologia hoje e alguns que tentaram usar esse tipo de coisa, como diz aquele ditado gaúcho, deram com os **burros n'água!**

P – por que seu José?

V1 – Não, porque tem agricultores que vão **usar uma alta tecnologia, investe tudo na lavoura, se ele não tiver uma alta produtividade, dá uma seca como tá agora, não existe magia, nem crioulo nem híbrido, pior ainda um híbrido porque ele floresce todo** (ele parece ter dia e hora para florescer).. já os crioulos e variedades não. Tu planta uma lavoura de híbrido ele começa a florescer tudo numa hora só, ele é padrão, e se naquele época faltar chuva, as vezes 15 dias, se a flor secou, a produtividade dele é baixa, e o crioulo não, 15 dias tem variedades que em 15 dias tem pés atrasados, florescendo, então ele vai fecundar..

e acho que traz um resultado comercial razoavelmente bom para os produtores. É uma atividade que eu vejo que é lucrativa, e ao mesmo tempo, tu tá dando uma resistência, esse grupo aqui foi um que apresentou resistência aos híbridos, as transgênicos.. acho que hoje todo mundo aqui do nosso grupo produz sementes crioulas, pararam de plantar os híbridos, a gente não nega que vários anos eu plantei híbrido, mas hoje eu vejo assim, **vejo que para agricultura familiar é mais negócio tu plantar, com um custo menor, mesmo tendo uma produtividade mais baixa...** porque tem híbridos aí, com alta tecnologia, que vão ser mais produtivos...

V1 – É, alta tecnologia hoje e alguns que tentaram usar esse tipo de coisa, como diz aquele ditado gaúcho, deram com os burros n'água. (grifo do autor)

Nas entrevistas com os pesquisados, uma das principais preocupações relatadas foi o potencial de criar dependência econômica que o plantio dos primeiros milhos híbridos apresentava. O receio de não poder manter os custos do plantio os motivou a insistir no cultivo das sementes crioulas, o que indica a capacidade do camponês em se adaptar aos desafios enfrentados de maneira racional.

Os entrevistados referem que experimentaram, no fim dos anos 1990, o plantio milho híbrido da variedade G-28, vendido pela Agrocere, mas perceberam após poucas colheitas que essa era uma opção arriscada a longo prazo e financeiramente inviável.

Apesar da baixa instrução formal daqueles camponeses, a experiência no campo foi capaz de lhes advertir acerca do perigo de não poder manter as sementes cultivadas numa safra para que fossem replantadas. Os entrevistados relatam que apesar do milho híbrido apresentar boa rentabilidade no quesito produção por hectare, em um quadro geral, considerando todas as variáveis: necessidade de compra de insumos, riscos da monocultura e de germinação simultânea de todas as plantas e autonomia do plantio e guarda de sementes, a opção mais segura a médio e longo prazo, e que também se mostrou economicamente viável, foi a de manter o modo de produção agrícola tradicional.

No trecho transcrito, V1 afirma que plantar sementes crioulas é mais vantajoso do ponto de vista comercial, tem boa lucratividade, e em termos gerais, para a agricultura familiar camponesa, investir no plantio de sementes crioulas, mesmo que com menor produtividade, é economicamente melhor.

Para tanto, eles perceberam como fundamental a guarda e troca de sementes crioulas, como meio de melhorar os resultados do cultivo sem abrir mão de sua autonomia, e ainda, se fortalecer enquanto comunidade. Quando V3 afirma que o pequeno produtor não pode usar a outra (referindo-se à semente transgênica), o que se revela é justamente o cálculo econômico, racionalmente elaborado com base nas próprias percepções e experiências pessoais.

Foi a percepção do risco de dependência e a invisibilidade daquelas comunidades, o que primeiro motivou os pesquisados a providenciar a criação da União das Associações do Interior de Canguçu, entidade que congrega dezenas de associações de camponeses da cidade.

V2: o milho só é viável pra quem produzir em grande.. em larga escala em pequena escala quem vai ai produzir o milho transgênico não traz resultado... a gente produz menos ai não é... só viabiliza produzindo esses e esse é o entendimento da gente... nos tiraram a possibilidade de produzir milho se nós não tivesse mais a semente crioula, não ia ter como.

Apesar de já existirem outras associações de produtores, à época do avanço do G-28 no meio rural, a organização daqueles pequenos produtores sob um interesse comum, e que recebeu a soma de esforços coordenados foi determinante para que aquela comunidade se preservasse.

Para além da preservação, através da mobilização de capitais, em um sentido Bourdiano, com o capital específico somado pelos envolvidos no projeto dos bancos

de sementes, houve ainda uma melhora significativa na qualidade de vida dos agricultores e suas famílias.

Foi a partir da fundação UNAIC que os entrevistados começaram a retomar o controle produtivo, primeiro pela reunião de interesses comuns com outras associações, unificando os indivíduos camponeses em torno de um objetivo comum (visibilidade e força política), depois com a criação do banco de sementes crioulas para ajudar a consolidar suas aspirações de autonomia financeira e obter, em decorrência destes primeiros passos, os meios de escoar a produção excedente.

A segurança em vender as safras motivou os Guardiões a seguirem na direção que haviam tomado: manter a produção pelo método tradicional, multiplicar experiências e capitais com produtores de outras localidades, fortalecer o banco de sementes com mais variedades crioulas e fomentar a oposição ao método de cultivo agrícola imposto pela Revolução Verde e seus mecanismos de dominação e controle (fusão entre os capitais e controle da demanda do ciclo demanda-plantio-consumo)

Foi pelo fortalecimento da tradição de guardar e trocar as sementes produzidas a cada nova colheita que os pesquisados conseguiram perceber a ameaça que se apresentava diante deles, permitindo que opusessem, adotando uma posição de resistência em relação controle promovido pelos ciclos de modernização do setor.

J.W (2016) ainda afirma: “V2: é difícil de imaginar, mas eu acho que a situação estaria ruim [...] se nós tivesse feito como os outros , virado pra um outro lado, com a agricultura que usa milho híbrido e transgênico , pra nós estaria pior, bem pior”.

Nos trechos em destaque, é possível compreender que existe uma sintonia entre os investigados com o mundo moderno, pautado também para o cálculo de custos e riscos, típicos de uma sociedade capitalista. Tal fator não demonstra que é esse o fio condutor da rejeição à modernização, mas permite contrapor a ideia de um camponês idealizado, impregnado de uma visão romântica ou caricata. Não é necessário criar outro sujeito, capaz de se inserir nos novos rumos da agricultura, pois o camponês moderno já possui essa capacidade.

E para que fique claro, não se adotou um posicionamento ingênuo, no sentido de afirmar que a luta se dá apenas entre as empresas do setor agro industrial, que produz sementes e insumos para o plantio, com os camponeses guardiões de sementes. Durante o texto, procurou-se indicar a existência de diversos fatores que permitiram perceber os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço como atores

sociais capazes de disputar o *campo* e resisitir à dominação e cotrole dos *capitais simbólicos*.

Foram considerados os esforços de atores sociais diversos, que contribuíram para o fortalecimento dos entrevistados, como o CAPA, Pastoral da Terra e Confissão Luterana, que constribuíram de maneira substancial na aglutinação e apoio, especialmente na fundação da UNAIC. Conforme já se disse antes, sem a presença e as ações diretas dos envolvidos, os investigados teriam permanecido em situação de invisibilidade social, tal qual se encontravam no período anterior, quando eram apenas uma pequena associação de camponeses, sem acesso a qualquer política pública de incentivo.

Além disso, a EMBRAPA e as Universidades Federais também tiveram papel destacado no fortalecimento e na criação de alternativas viáveis ao processo de modernização da agricultura, realizando pesquisas muito importantes, como o manejo sem a utilização de fertilizantes químicos ou agrotóxicos, o melhoramento e o cruzamento de variedades de milho, feijão e trigo, para citar apenas alguns exemplos.

Foi através da EMBRAPA que o projeto do banco de sementes foi desenvolvido e recebeu contribuições científicas, reforçando a mescla entre tradição e modernidade que se percebe hoje. Se a agricultura livre de agrotóxicos e fertilizantes artificiais é viável ou não, o que importa nesse trabalho é indicar que o camponês de passo do Lourenço não está mais à margem do processo histórico de modernização, mas inserido de maneira ativa.

4.6 Evidências da formação de capital social

No decorrer das conversas, J.W (2016), guardião de sementes crioulas, assentado e militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, filho de agricultores, referiu que: “Eu acho interessante, vou pegar para contribuir também, para quem está interessado em saber como que funciona, porque produz, a gente aqui não é um só, a gente aqui produz tudo meio que em conjunto”.

O discurso que se revela nas palavras do entrevistado demonstra a construção de um sentimento de solidariedade, que reforça as conexões sociais, representando um acréscimo valioso de capital social. Tal sentimento de pertencimento é a essência da rede que se formou entre os camponeses de Passo do Lourenço.

J.W (2016), em outro momento reforça esse pensamento: “Esse grupo nosso aqui tá com 20 e poucos anos de existência e não tem por que ficar negando nossa história, temos bastante história, bastante conhecimento”.

Percebe-se um sentimento de coesão no grupo, denotando que a construção do conhecimento se dá de maneira compartilhada, construído ao longo da história, gerando orgulho pela condição que atingiram, aspecto fundamental para reconstruir e reforçar seu *habitus*. Em outro momento dos debates, outro voluntário, J.L (2016), afirma que o grupo de Passo do Lourenço foi pioneiro na criação da UNAIC.

J.L (2016) confirma a importância da unidade do grupo de guardiões, ao afirmar: “É uma atividade que eu vejo que é lucrativa, e ao mesmo tempo, tu tá dando uma resistência, esse grupo aqui foi um que apresentou resistência aos híbridos, as transgênicos”.

O indicador econômico demonstra que a semente crioula se constitui uma estratégia de resistência aos mecanismos de dominação dentro do *campo*, garantindo um meio eficaz e criativo de manutenção de um estilo de vida, que se adapta e combate, gerando novos mecanismos de disputa.

A criação de uma rede de cooperação e compartilhamento, na qual camponeses de Canguçu podem trocar sementes e sabedoria/conhecimento com camponeses de Ibarama ou Nova Petrópolis, para citar apenas dois exemplos, permitiu uma mudança na perspectiva daquelas pessoas, garantindo uma estrutura de produção e reprodução do seu modo de vida, que foi sendo internalizada, passando a estruturar os pensamentos, o agir e o sentir daqueles indivíduos.

Para que o grupo chegasse a esse estágio, de permitir que os Guardiões de sementes atingissem uma posição de certa independência no *campo*, um longo caminho foi percorrido, e é nesse contexto que se evidencia o trabalho de organizações como o CAPA, como mediadores, contribuindo com a mudança na formação do *habitus*, na medida em que atuaram de maneira direta com os entrevistados.

A acumulação de capital social é parte da estratégia de conservação do *habitus* dos camponeses, que buscam na unidade do grupo e na ampliação das relações sociais, uma forma de compensar a ausência de outros capitais ou, pelo menos, de outros *capitais* indisponíveis.

J.W (2016) reforça essa concepção, dizendo:

Para começar a dizer isso, assim, que se sabia que havia várias associações espalhadas pelo interior de Canguçu né [...] Como não havia possibilidade de cada associação comercializar a sua produção, houve uma necessidade de criar uma associação das associações, que se criou a UNAIC né, que é a Associação Comunitária do interior de Canguçu.

Não podemos desprezar que viver em mundo capitalista é estar pautado pela acumulação de capital econômico, o que impossibilita a realização de atividades que deixem de gerar renda. No entanto, a finalidade de produzir sementes crioulas vai além, perpassa questões como cultura, moral e preservação da diversidade genética.

A fala do guardião J.W (2016) indica que a criação da UNAIC foi o primeiro passo, de um longo caminho, que vem sendo cuidadosamente construído, e que acabou permitindo as condições necessárias para possibilitar a autonomia atingida por eles.

O escoamento da produção de sementes crioulas ocorre através da cooperativa União, que funciona como uma espécie de setor comercial da associação, e que tem por objetivo de receber as sementes produzidas pelos integrantes da cooperativa. As sementes são classificadas pelo tamanho e qualidade, para depois receber os cuidados finais para que sejam vendidas.

A parte que mais chama a atenção, é a de que a discussões acerca da questão agrária se urbanizou, aproximando o campo e a cidade, fazendo com que ambas estejam em processo constante de reflexão acerca de suas próprias estruturas. Outrora, acreditava-se que não seria possível que as lutas camponesas fossem tão intensificadas, especialmente em um mundo que se consolidava cada vez mais urbano, como vem ocorrendo nos últimos anos, mas isso é uma realidade que se intensificou.

As lutas camponesas ganham em importância, na medida em que se revelam aspirações de tantas populações, que reivindicam terra, defendem a preservação de sua cultura, dos direitos coletivos sobre o conhecimento, especialmente sobre cultivares e plantas medicinais, e que se somam a preocupações legítimas com os direitos de gerações futuras, como é o caso da degradação ambiental causada pela agricultura industrial.

A coleta de dados permitiu comprovar algumas questões básicas, como a adequação da atividade dos guardiões com a de agricultura camponesa,

obrigatoriamente familiar “Lá em casa somos só nós dois, fazendo as coisas como produtores de sementes”(C.A.F, 2016).

Tal informação que se assemelhou a outras manifestações, como a de J.L (2016), que disse “Eu também, a gente aqui agora, hoje, antes trabalhava mais, a esposa trabalhava mais direto da agricultura [...]”.

Conforme esclarecemos linhas acima, a agricultura camponesa reúne um conjunto de elementos próprios, formando um modo peculiar de produzir alimentos, renda e outros bens impalpáveis, que permitem a criação de condições específicas que não estão presentes no outro modelo de agricultura, reconhecido como agronegócio.

Aliás, a lógica que rege esse tipo de atividade não é outra senão a obtenção do lucro, ou seja, a produção de alimentos com a finalidade de render recursos financeiros aos proprietários das terras e dos recursos que pagam pelos cultivos.

Com as considerações realizadas até o momento, é possível perceber a construção de uma resposta ao problema de pesquisa, na medida em que os guardiões foram contando suas experiências e enfrentando as questões propostas pelo pesquisador, ofertando elementos concretos de que a escolha por não adotar as técnicas de produção e sementes transgênicas é uma escolha racional, fruto de reflexões bastante claras acerca dos problemas que a implementação da “modernização da agricultura” acarretaria.

Os relatos indicam a acumulação de capital social em favor do grupo de Passo do Lourenço, através da criação e consolidação das relações sociais com outros camponeses, que substituíram a dependência desses para com os produtos da agroindústria, na medida em que, diferentemente de outros produtores rurais, eles guardam as sementes para o próximo plantio e não são impelidos a comprar venenos e fertilizantes químicos. As redes de trocas são construídas e ampliam o acesso às sementes e novas técnicas de plantio, que são compartilhadas e passam a ser uma espécie de patrimônio coletivo.

A valorização das sementes crioulas iniciou um processo de acumulação de capitais, como forma de permitir que aquele grupo de camponeses conseguisse reverter um cenário de dominação do capital corporativo sobre suas vidas, cultura e visões de mundo.

Mais uma vez, recorre-se às respostas dos entrevistados para justificar as afirmações feitas, trazendo a fala de J.W (2016), como indicador da existência de capital social acumulado:

V2 - Para começar a dizer isso, assim, que se sabia que havia várias associações espalhadas pelo interior de Canguçu né...Como não havia possibilidade de cada associação comercializar a sua produção, **houve uma necessidade de criar uma associação das associações, que se criou a UNAIC né, que é a Associação Comunitária do interior de Canguçu**. Aí se criou a UNAIC, onde ele tá hoje, e com o passar do tempo, se adquiriu recurso do governo (na época tinha né), **para acessar recursos dentro de uma associação, e com o mudar das leis e dos governos**, eliminou os recursos para associação, onde houve uma necessidade de essa associação estar formando uma cooperativa, onde nós estamos hoje, e a gente também não se afasta disso né, **então disso tudo tem um patrimônio e então tem que garantir e tem as duas coisas lá, tem a UNAIC e tem a cooperativa e nós temos que garantir esse patrimônio né** (grifo do autor).

O trecho demonstra, de maneira concreta, que a associação entre os camponeses de Canguçu, em torno da UNAIC iniciou um processo de formação e acumulação de capital social, nos termos propostos por Bourdieu (2000), conforme visto em momento anterior.

4.7 Capital político

Percebeu-se a formação de capital político, como instrumento de luta por mais espaço na sociedade, permitindo a formação de indivíduos esclarecidos e em condições de dar visibilidade às causas daquele grupo de camponeses. Ressalta-se que há, também, notável benefícios individuais com a acumulação desse capital.

J.L (2016) confirma a formação de capital político quando diz:

Somos quatro na casa, o meu filho é Secretário na Prefeitura e é o dono do comércio [...] hoje é o secretário da agricultura e desenvolvimento rural daqui. É nós temos aqui hoje, membros que foram do nosso grupo aqui, três cargos de confiança dentro da prefeitura, que é o irmão do Clébis, que foi um dos fundadores do grupo aqui, o meu filho, que é secretário da fazenda e o filho dele, que é secretário da agricultura e desenvolvimento rural.

E J.W (2016) robustece a evidência, ao dizer que

Isso (fortalecimento do grupo de camponeses através das sementes crioulas) são resultados positivos do grupo e da própria comunidade, que criou o grupo

e hoje tá cheia de pessoas, que tiveram mais oportunidade de estudo, né? Ajudando o próprio município.

A formação política dos guardiões, ao longo dos anos de existência do projeto de resgate e valorização das sementes crioulas, permitiu que eles compreendessem como funcionam as regras do *campo*. As lutas por melhores posicionamentos envolvem a capacidade de mobilizar capitais, garantindo condições adequadas de resistir à dominação praticada pelo avanço da industrialização do meio rural.

J.L (2016) confirma as reuniões de formação:

Aqui a gente começou a se reunir antes de 90. Foi 87/88, a gente formou o grupo. Se reunia sempre semanalmente. Acho que o grupo foi primeiro (de moradores de Passo do Lourenço). A história do início do grupo foi assim, como nós somos resistentes aos transgênicos.

As informações obtidas permitem identificar a criação e fortalecimento de um *habitus*, que foi sendo revelado e modificado através da ampliação dos recursos disponíveis, descritos em momento anterior, bem como o reforço das relações sociais, a formação de capital político.

Os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço já formaram secretários municipais e outros agentes políticos que são importantes na manutenção do *habitus*, na medida em que se revelam como facilitadores entre a administração pública e os indivíduos, capazes de impulsionar políticas públicas que beneficiam as populações rurais menos favorecidas em outros momentos.

4.8 Revelando o capital cultural

O outro tipo de capital envolvido, cujas características produzem resultados mais profundos em termos de mudanças sociais, se comparados aos demais, que é o cultural.

Essa modalidade aparece de maneira mais destacada, quando se reuniu os dados obtidos com a técnica da observação, realizada na VII edição da Feira Estadual Sementes Crioulas e Sabedorias Populares, organizada pela UNAIC, em parceria com outras organizações, como EMBRAPA, EMATER, CAPA, Município de Canguçu, entre outras.

A feira tem servido como importante instrumento de transformação do *habitus* dos agricultores de Canguçu, pois reúne os mais diversos seguimentos sociais, que se posicionam em um lado oposto ao do capital corporativo, representando pela agricultura industrial, para que, em termos Bourdianos, “joguem o jogo”.

Segundo informações obtidas no site do evento, a Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares, tornou-se um evento que une agricultores familiares do Brasil e de alguns países do Mercosul, buscando por meio de uma variada gama de atividades, como palestras, seminários, oficinas, show's, etc, evidenciar a realidade dos agricultores, incentivando a participação deles quanto a relevância de temas como agricultura familiar, preservação da biodiversidade, da relação com seus antepassados e com as tradições camponesas, economia familiar e a importância da preservação e propagação de sementes crioulas.

Segundo os organizadores, durante as sete edições da feira realizadas até agora (2002, 2004, 2006, 2009, 2001, 2013 e 2015), cerca de cem mil pessoas passaram pela festa, possibilitando a ampliação do conhecimento do agricultor e a ampliação da rede social entre os agricultores de diversas regiões, das organizações e instituições de pesquisa e extensão rural que apoiaram e sempre estiveram ao lado do camponês.

A organização afirma que em outubro de 2015, cerca que um total de 35 mil kg de sementes crioulas foram comercializadas diretamente na feira, entre expositores e através da Cooperativa União, que contou com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Município de Canguçu, o que teria atingido cerca de trezes mil famílias.

Destaca-se que a feira reúne de uma maneira harmônica expositores de sementes crioulas, inventos dos agricultores, farmácia caseira, agroindústria familiar, artesanato, produtos da pesca artesanal, oficinas temáticas centradas na sustentabilidade e agroecologia, seminário sobre sementes crioulas, feira de trocas, feira de livros, teatro, música, dança e celebrações ecumênicas, valorizando as manifestações culturais da região preservadas ao longo do tempo, além da recuperação de inúmeras delas, que foram sendo perdidas ou esquecidas com o passar dos anos e o avanço da tecnologia.

A feira é uma festa, um espaço de celebração das sementes crioulas, de processos sociais novos e alternativos, que pode ser percebida como um tipo de

cerimonial que evidencia e consolida o valor e o prestígio dos agentes envolvidos com a agricultura familiar camponesa.

Há uma clara demarcação de fronteiras entre a agricultura camponesa, politizada, sustentável e autônoma, que se contrapõe ao tipo corporativo de produção, baseado apenas no valor econômico das monoculturas, e na dominação da agroindústria pela imposição de um modelo que força a dependência do agricultor a um conjunto de produtos de alto custo financeiro e social. O orgulho e o prestígio da condição de guardiões de sementes é esclarecido quando J.W (2016) diz “Esse grupo nosso aqui tá com 20 e poucos anos de existência e não tem por que ficar negando nossa história, temos bastante história, bastante conhecimento”.

O mesmo (J.W, 2016) ainda reforça dizendo:

Faz mais de vinte anos que a gente trabalha com isso né, e quando se começou nós valorizamos o projeto, aguentamos e resistimos, com todas as dificuldades que tinha, e hoje vimos que valeu a pena, valeu a pena fazer isso porque hoje já se está fazendo as feiras estaduais, feira de sementes estadual né, reconhecido pelo Brasil todo, e de certas partes, certas instâncias até fora do Brasil, tá sendo reconhecido; então, nem pela feira de sementes, mas pela qualidade do produto, porque historicamente, nós fomos pioneiros nessa história de sementes crioulas, e tem o por quê disso. Lembrando o passado, tem o resgate de um passado que nós estávamos perdendo, dos nossos pais, do nosso avô, dos antepassados e nós estávamos perdendo; nós acreditamos que aquilo tinha um valor e tinha que ser resgatado. **A gente trabalhou com muito sacrifício [...] Nós hoje vemos que valeu a pena investir no projeto, não pensando muitas vezes no dinheiro, mas valorizando aquilo que é do passado** (grifo do autor).

Percebeu-se que, para os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, as sementes crioulas passaram por um processo de atribuição de novos significados e, na medida em que foram percebidas como importante instrumento de autonomia em relação ao capital corporativo da indústria, foram se tornando uma espécie de símbolo de orgulho e valorização da agricultura familiar camponesa.

A semente crioula se revela como o produto que contém, simbolicamente, a cultura campesina, celebra elementos como liberdade, dignidade, solidariedade, respeito ao meio ambiente e preocupação com as gerações futuras. Produzir sementes crioulas reforça o *habitus*, renovando a estrutura para recriar as condições materiais de existência dos Guardiões.

4.9 A transformação do habitus do camponês Guardião de Sementes

Ocorre que, através das sementes crioulas, das feiras de sementes e tecnologias populares, os agricultores camponeses iniciaram processos sociais de fortalecimento e construção de um *habitus*, que lhes permite atingir melhores posições dentro dos limites do *campo* em que lutam.

Ao perceber como funciona a disputa, os Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço passaram a agir de maneira consciente, tentando se adaptar ao novo, já que a somente através do *habitus* (estrutura) não seria possível manter seu modo de produção e de vida.

Como visto, o agir sem a necessidade de uma ação consciente é parte do funcionamento desse *habitus*, mas a constatação de que a ação precisava ser direcionada e consciente, como forma de manter autonomia em relação ao capitalismo agrário, é a prova de que a estrutura social para Bourdieu (2000) pode ser modificada e não é estanque.

A principal evidência da construção desse *habitus* pode ser observada em outra fala de J.W (2016), quando ele diz:

Aqui é uma política, que desde a época a gente criou, e que tem um respaldo bastante grande em toda a região aqui, então ele tem uma credibilidade assim, que a questão do transgênico aqui, ele vai demorar muito a entrar, por causa da credibilidade que teve, da resistência que teve esse nosso grupo. Teve uma resistência grande e ele é bem respeitado.

A medida em que o entrevistado diz que o grupo representou a resistência aos híbridos e transgênicos, está afirmando que o grupo de guardiões de Passo do Lourenço percebeu a existência de uma luta pela manutenção do seu modo de vida, e que era necessário resistir à dominação que se impunha por parte das empresas que vendem sementes, fertilizantes e venenos. O caráter de resistência é reforçado em diversos pontos, mas é através das palavras de J.L (2016) que o *habitus* é exteriorizado de maneira mais clara:

É, e aí, eu acho assim, pegando o que o Clébis tá dizendo, né, eu acho que hoje não só economicamente, hoje mesmo que não tivesse mais comercialização de sementes, está tão enraizado no nosso sangue, **que enquanto nós puder produzir (...) então eu acho que ficou enraizado no nosso sangue essa resistência**

P: Seu Júlio falou em identidade, a semente crioula está ligada em identidade pra vocês também, a identidade como agricultor familiar de Canguçu?
 V1: Sim, ela é, ela tá praticamente enraizada já, na nossa identidade, nesse grupo, produz que produz semente, sim (grifo do autor).

A resistência enraizada é a essência da estrutura que mantém as práticas de vida e produção, que proporciona a reprodução dessas práticas que vão sendo incorporadas socialmente. O processo contínuo de reflexão permite que o indivíduo as internalize, podendo agir conforme um conjunto de regras que garante a sobrevivência do modo de produção camponês, de seus costumes, cultura e crenças.

C.F.A (2016) deixa sua contribuição, afirmando que:

E também tem a resistência, a gente via que ia ficar sem a nossa semente né, ia ficar nas mãos das grandes empresas e ia ficar cada vez mais cara a semente, a gente vê aí isso bem, hoje, a semente do transgênico, tem que comprar o pacote todo e o preço é lá em cima. Nossa autonomia é ameaçada e nossa reação é resistir, é luta constante.

A luta acontece diariamente, os agentes dessa disputa ocupam posições desiguais dentro do campo da agricultura, na medida em que o capitalismo avança e se consolida, empurra os camponeses para espaços cada vez menores. A semente crioula ressurge como alternativa de resistência ao processo de destruição dos camponeses ao redor do mundo, especialmente em Passo do Lourenço, uma pequena localidade, que resiste e luta para manter seu modo de vida.

O combate à fome foi o principal argumento para introdução de métodos comerciais na agricultura, especialmente transgenia e venenos químicos, perigosos ao meio ambiente e à saúde humana. Desde a década de 1960 que a Revolução Verde era anunciada pelo grande capital corporativo como a solução para evitar a fome.

Ocorre que, passados mais de cinquenta anos, a fome só tem aumentado, enquanto a mídia anuncia, em todas as colheitas, que o recorde de produção tem sido batido. A soja e o milho transgênicos expandem suas fronteiras, avançam e transformam as paisagens rurais, sem que isso modifique o mapa da fome.

O campesinato é responsável pela maioria dos alimentos que chegam na mesa dos brasileiros, e tem feito isso com uma considerável falta de recursos, especialmente terras e políticas públicas de incentivo. Os guardiões de sementes de Passo do Lourenço, através do programa de resgate, propagação e utilização de sementes crioulas, mudaram suas vidas através dessas práticas, acumulando capitais

e alterando o *habitus*, evitando o destino de tantos outros camponeses, que se viram obrigados a mudar para a cidade em busca de condições mínimas de sobrevivência.

Diante das reflexões propostas nesse capítulo, foi possível perceber que o *habitus camponês* se tornou resistência à modernização da agricultura, na medida em que os investigados passaram a agir para evitar que fossem dominados pelas empresas da agroindústria, rejeitando de forma racional os produtos e técnicas ditas modernas, através da ampliação de múltiplos *capitais simbólicos*, especialmente, o *social, político e cultural*.

A semente crioula aparece de forma notória como um bem coletivo, compartilhado e gerador de uma cultura camponesa, com características próprias e cujos valores são próprios.

É possível reconhecer os atores sociais envolvidos na disputa pelo *campo*, notadamente os camponeses de Passo do Lourenço, e as empresas da agroindústria, que travam uma disputa por dominação e resistência, na medida em que os primeiros buscam preservar o próprio *habitus*, adotando estratégias de acumulação de *capitais*, enquanto que as empresas se expandem, principalmente pela mobilização de *capital econômico*.

5 Considerações Finais

Pesquisar sobre um grupo de agricultores, do interior de Canguçu nos permitiu ampliar a visão do mundo rural, através da análise de certos fenômenos sociais ali existentes, a partir do diálogo com os conceitos teóricos estudados.

Para grande parte da sociedade, campo e campesinato são automaticamente associados a atraso, trabalho pesado e falta de dinheiro circulando, especialmente em se tratando de uma comunidade pequena, tal como a pesquisada.

Contudo, apesar da escassez de recursos (IBGE, 2016) constatada, ao desenvolver a investigação, percebemos que a realidade social dos camponeses de Passo do Lourenço é complexa e repleta de histórias de vida surpreendentes, capazes de uma série de ações individuais e, especialmente coletivas, que tornam possível viver, para além daqueles fatores que causam angústia nas sociedades modernas, sendo a principal delas, a falta de dinheiro.

O processo de modernização da agricultura no Brasil passou por diversas fases, até chegar ao estágio atual. A primeira etapa, se constituiu da fase de complexo rural. Neste ponto, não existia mercado interno para absorver a produção, que via de regra era a cada tempo, de monocultura (fase do cacau do açúcar), de forma que tudo o que era produzido se destinava à exportação, no qual não existia mercado interno e tudo que era produzido se destinava à exportação. O preço dessas mercadorias dependia do mercado externo.

Entre 1850 e 1890, o complexo monocultor cafeeiro ganhou força, especialmente em São Paulo, gerando excedentes que impulsionaram financeiramente a construção de estradas de ferro para escoamento da produção. Com a abolição da escravatura e a adoção de mão de obra assalariada, a economia passou a experimentar desenvolvimento, pelo acréscimo de pessoas com poder de consumo. Começou a desenvolver-se um mercado interno. O ciclo cafeeiro fomentou ainda fábricas têxteis para os sacos de juta que embalavam a mercadoria, ampliando a divisão do trabalho, fazendo com que as fazendas de café passassem a comprar os insumos necessários o empacotamento e transporte da produção e não mais a produzi-los.

Após a crise de 1929, o setor agrícola brasileiro foi prejudicado pela queda nos preços, o que fez com que surgisse a necessidade de modernizar a base técnica da

produção. O Estado intervém, estimulando a criação da indústria que produziria fertilizantes e máquinas agrícolas, diminuindo a dependência externa.

Porém, a transformação mais radical na agricultura brasileira ocorreu na década de 1960, quando se consolidou a produção interna de insumos como fertilizantes, herbicidas, fungicidas, entre outros, e a formação de Complexos Agroindustriais. Esse sistema tornou a agricultura um ramo da indústria, na medida em que, de forma relacional, havia o fornecimento de insumos para o aumento da produção, na mesma medida em que a agricultura fornecia matéria prima para indústria, uma espécie de trinômio indústria-agricultura-agroindústria.

Um aspecto fundamental para o crescimento do setor foi a integração dos capitais, centralizando capitais industriais, bancários, agrários, entre outros, cujo objetivo era buscar uma média de lucro dos conglomerados que se formaram. O Estado brasileiro teve papel fundamental nessa nova dinâmica, especialmente com a criação de fundos de incentivo para o setor, que privilegiavam a propriedade das terras, concentradas nas mãos dos grupos econômicos que se formaram, destacando-se, dentre estes, o FUNAGRI.

A agricultura passa a ser determinada por essa nova sistemática, tornando o trabalhador rural diretamente subordinado ao capital e que, na mesma medida, perdia espaço para o crescente número de máquinas agrícolas, que substituíam a mão de obra, para aumentar a produção, especialmente de soja, milho e arroz.

Esse modelo agroindustrial foi perverso para os trabalhadores rurais e camponeses, que não foram incluídos no planejamento estatal, criando um grande contingente de miséria, realidade que se verificou em Canguçu, quando os pequenos proprietários de terra tentaram seguir a tendência do Rio Grande do Sul, plantando soja, sem ter acesso às novas tecnologias, esgotando o solo.

O empobrecimento camponês e a incapacidade de subsistência obrigaram aqueles indivíduos a migrar para os centros urbanos, em busca de melhores condições de vida, piorando a situação na região, chegando a localidade a figurar no mapa da fome do Rio Grande do Sul, apesar dos crescentes recordes de produção, obtidos em grandes propriedades rurais, financiadas pelo Estado.

A pesquisa partiu de uma observação empírica sobre o grupo de Guardiões de Sementes, na UNAIC, que mantinha um programa de valorização de sementes crioulas. Tal percepção permitiu importante reflexão acerca das motivações para que um grupo de camponeses tivesse condições de contrariar a tendência da

agroindústria, e não utilizar sementes modificadas geneticamente ou produtos químicos industrializados.

No decorrer das saídas de campo, foi sendo revelado um *habitus* genuinamente camponês, baseado em trabalho familiar, valorização de conhecimentos ancestrais, autonomia de produção, compartilhamento de saberes e recursos, forte sentimento de orgulho da condição camponesa, consciência política, solidariedade e unidade de grupo.

O protagonismo dos Guardiões de Sementes Crioulas na condução dos rumos da agricultura que praticavam foi fundamental para garantir que mantivessem suas próprias práticas e estilos de vida, e foi através da utilização de sementes crioulas que a disputa pelo *campo* se tornou possível.

Foi notório que a vida dos camponeses Guardiões de Sementes melhorou, muito em função da sistemática ajuda de mediadores, como o CAPA e a EMBRAPA, que desempenharam um papel de incentivadores da manutenção de um estilo de vida e produção, visto como atrasado.

O *habitus* camponês passou a ser valorizado, primeiro com a criação de um grupo composto de indivíduos que tinham interesses comuns a todos, muitos deles parentes ou vizinhos, que lutava para vender seus produtos em feiras livres. Mais tarde, o núcleo camponês de Passo do Lourenço se juntou a outros grupos da mesma natureza, criando a UNAIC, iniciando um processo de fortalecimento de um modelo de agricultura que não seguiu o padrão agroindustrial no Brasil.

Com o banco de sementes crioulas, e a ajuda decisiva da EMBRAPA, muitos camponeses locais passaram a contar com uma fonte comunitária de sementes, que recebia múltiplas contribuições para consolidação de uma fonte considerável de acesso às sementes de variedades que estavam escassas ou quase perdidas.

O *campo*, claramente delineado pela disputa entre os Guardiões de Sementes e a agroindústria, demonstrou a existência de um *habitus* camponês, que foi se transformando em resistência à modernização surgida na Revolução Verde, baseada em transgenia e produtos químicos.

A resistência modificou o próprio *habitus*, se “enraizou no sangue” como disse um dos entrevistados, que passou a orientar as ações, individuais e coletivas, dos camponeses de Passo do Lourenço, que gradualmente foi percebendo o que era necessário para garantir melhores posições na hierarquia do *campo*, evitando a dominação das empresas.

As feiras deram visibilidade para os Guardiões, seus produtos e tecnologias, atraindo um número crescente de agricultores familiares de municípios da região e até de fora do Rio Grande do Sul, que procuram a cooperativa em busca das sementes crioulas, criando e aumentando a rede de relações e conexões sociais estáveis, acumulando *capital social*. As evidências do acúmulo desse tipo de *capital* restaram demonstradas no texto, através das entrevistas transcritas.

O fortalecimento das relações entre os indivíduos, bem como a ação direta de organizações como CAPA e EMBRAPA, auxiliou os investigados, especialmente através das sementes crioulas, uma espécie de elemento de ligação indivíduos e grupos de camponeses, conectados em diversas regiões do Rio Grande do Sul e do Brasil. Na medida em que a rede se fortalece, as conexões sociais estáveis, estimuladas pela visibilidade que as feiras de sementes vêm proporcionando, aumenta o *capital social* envolvido.

A disputa que envolve as sementes crioulas expõe o começo de um embate que mantém, em lados opostos, a produção industrial de sementes geneticamente modificadas como um produto privado e sementes crioulas livres de patentes. Muito embora, ambos os polos tenham autonomia e certa organização ideológica, o Estado é quem possui a atribuição de normatizar o uso e conservação das sementes.

Diante disso, a disputa ocorre no campo político, na medida em que as sementes crioulas concorrem com as sementes modificadas, ampliando o uso comercial das sementes crioulas. O conflito que se acentua atinge o mercado de consumo de sementes.

Há uma evidente disputa sociopolítica, na qual *capitais* são expostos e revelam percepções do mundo natural e social; a semente crioula, a partir da concepção em Bourdieu (2000), deve ser considerada em um sentido social, pois passa a ser uma categoria analítica, que expõe a posição ocupada pelos Guardiões.

Os Guardiões de Sementes criaram um espaço de construção e atribuição de valor simbólico às sementes crioulas, cujo objetivo é ver reconhecida por seus múltiplos significados: forma de mobilização, valorização à vida e biodiversidade, como alimento, como instrumento para autonomia, e todos se somam simbolicamente para oferecer alternativas de mobilização de *capitais*.

As feiras são organizadas para constituir e ampliar as parcerias, apoiadores e produzir nestas “relações informais de poder” (BOURDIEU, 2000, p. 64) influências no campo político em busca de políticas públicas de incentivo.

Para os Guardiões, o desafio vencido foi o escoamento da produção, necessária para obter dinheiro, recurso fundamental para o campesinato moderno, pois permitiu a ampliação e a diversificação das fontes de custeio de outros aspectos de suas vidas, com o investimento na própria UNAIC, acesso a bens de consumo e serviços para suas famílias, possibilitando que os filhos estudassem, em busca de melhores condições de vida.

Outra descoberta desta pesquisa foi a capacidade de calcular, de maneira objetiva, os custos de produção e suas consequências para os camponeses, fator que foi ignorado pelos agentes da modernização no decorrer do processo histórico. A racionalidade econômica dos indivíduos, camponeses de Passo do Lourenço, revela o amadurecimento político obtido por décadas de vivências, reuniões constantes de formação técnica e política, que os permitiu um agir consciente, que se incorporou ao conjunto de práticas dos investigados, modificando o *habitus*.

Quando os voluntários participaram da atividade, havia um fator comum a todos em determinadas manifestações, quando mencionavam que a semente vendida pela agroindústria retira a autonomia do agricultor, obrigando a compra de um “pacote tecnológico” e impedindo que ele possa guardar as sementes para o próximo plantio. O significado disso é que a autonomia é parte importante para compreender a escolha dos Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, quando rejeitam as sementes modificadas geneticamente, em tese mais produtivas e que demandam menos trabalho, na medida em que elas tem alto custo de aquisição e são praticamente inacessíveis aos camponeses.

Rejeitar a modernização se revelou como um conjunto complexo de motivações, que passam por cálculos dos custos de produção, resistência em modificar seu *habitus*, através da mobilização de *capitais* simbólicos, percebendo a semente crioula com um recurso de natureza cultural, já que conectado aos conhecimentos passados por seus ancestrais, com as quais aprenderam o ofício de agricultores.

A frase de J.W (2016) “*aqui não é um só, a gente aqui produz tudo meio que em conjunto*” é uma espécie de síntese das modificações introduzidas pelo programa de valorização e utilização de sementes crioulas, se constituindo como uma evidência concreta de que o individualismo típico das sociedades capitalistas não é a lógica que orienta as relações sociais no Passo do Lourenço.

Por outro lado, embora, durante alguns governos recentes, tanto do Estado do Rio Grande do Sul, quanto do Brasil, tenha sido notória a valorização da agricultura familiar e do campesinato, através de políticas públicas que afetam diretamente o setor, o poder econômico do Complexo Agroindustrial permite às empresas, através da edição de leis, a criação de vantagens, como as desonerações fiscais para agrotóxicos. O *capital econômico* acumulado no processo de modernização da agricultura permite as trocas de *capitais simbólicos*, especialmente o político e o cultural, utilizados para criar e moldar leis e alterar as relações de poder, criando vantagens e desequilibrando a disputa.

No entanto, o *capital social* gerado pelas relações entre os camponeses tornou-se uma estratégia para garantir alternativas de conservação do *habitus camponês*, que diante da ameaça representada pelo avanço da modernização, cria alternativas e encontra novos caminhos para manutenção para equilibrar a disputa e garantir a manutenção do *habitus* camponês.

Através das manifestações como a de C.A.F (2016), [...] Nossa autonomia é ameaçada e nossa reação é resistir, é luta constante [...] indica que eles resistem e lutam para não perder a capacidade de produzir e reproduzir suas colheitas, mantendo a independência, que reduz os custos, de produção, ambientais e sociais.

Os valores culturais, garantidos com a ruptura da lógica individualista é manifestado pela racionalização do grupo, acerca do compartilhamento de sementes e técnicas de cultivo e indicam que o risco de perder o controle das próprias sementes é mais do que não ter a capacidade de produzir sem comprar da agroindústria, mas um indicador de um elemento próprio do *habitus* que se converte em resistência.

A rejeição à tecnologia oferecida pelo capital corporativo tem um significado mais complexo do que uma exclusivamente econômica, e não se explica pela falta de adaptação a inovações tecnológicas, posto que os entrevistados, durante a realização da pesquisa de campo, se mostraram à vontade com telefones celulares, computadores e televisão por satélite, por exemplo.

Escolher o plantio e a propagação de sementes crioulas envolve a preservação de tradições, cultura, valores morais e relações sociais, constituindo-se no fortalecimento de um *habitus*, que revela uma racionalidade no agir daqueles atores sociais, da maneira como afirmava Pierre Bourdieu (2000). Há o sentimento de pertencimento a um grupo, a preocupação genuína com os demais participantes,

rompendo com a lógica individualista que é típica de uma sociedade capitalista, que estimula a competição.

A moral, nas práticas e ações individuais, apesar de ser relativa e depender do tipo de cultura na qual o indivíduo está inserido, pode ser objeto de comparação se observada em um determinado contexto. Ao afirmar, em alguns momentos da entrevista, que outros camponeses foram auxiliados com o compartilhamento de sementes (situação de perda da colheita, por exemplo ou entrega de sementes a uma comunidade indígena), é um indicador sobre a orientação solidária daquele grupo, que não está alinhada com o modelo onde a semente é apenas um produto com valor de mercado.

O acúmulo múltiplo de *capitais* é a maneira com a qual os Guardiões conseguem se manter na disputa pelo campo, utilizando a mão de obra da família, valorizando o que foi herdado de seus pais e avós, como cultura, valores morais, senso de coletividade, orgulho de ser agricultor e, especialmente, técnicas de cultivo e sementes crioulas. De certa maneira, as empresas do setor tentam dominar o meio rural através de suas sementes e tecnologias, mas a resistência camponesa vai alterando a estrutura de funcionamento do *campo*, na medida em que seus atores precisam se adaptar para sobreviver.

É justamente a vivência de novas situações, trazidas pela modernização da agricultura, que permitiu ao indivíduo camponês manter e transformar o seu *habitus*, conservando o modo de vida e produção com o qual se identifica, através da racionalidade crescente sobre os instrumentos de dominação e controle, praticados no *campo* da produção da agricultura.

Construir uma rede de relações sociais, manter a autonomia, compartilhar experiências e sementes, são estratégias que despontam como fatores explicativos sobre a importância do projeto de resgate e preservação de sementes crioulas, iniciada e com forte participação dos Guardiões de Passo do Lourenço.

A mudança no *habitus* começou a ocorrer no momento em que se tornou visível a tentativa de dominação da agroindústria, exercida sobre os agricultores expostos à miséria por um projeto de modernização excludente, que privilegiou apenas a formação de Complexos Agro Industriais, ignorando o campesinato, visto como um entrave ao progresso.

A Revolução Verde, por sua vez, deu origem à agroindústria, que é notadamente o antagonista dos camponeses, e cujas sementes modificadas iniciou a disputa pela dominação e aniquilação do camponês e sua autonomia.

A formação política foi parte do processo de fortalecimento do grupo, que contava com reuniões semanais para debater temas importantes, como venda dos produtos cultivados, análise de conjuntura, discutir estratégias para o futuro. Nessas reuniões, houve a percepção de que era necessária a organização e união camponesa, como forma de sobrevivência. Através das sementes crioulas, o grupo de camponeses retomou o protagonismo, ganhou em autonomia e reforçou aspectos significativos de sua cultura e identidade.

Outro destaque desta investigação foi a participação efetiva de mediadores, como as igrejas Católica e da Confissão Luterana no processo de construção da UNAIC e, de constante apoio às iniciativas dos camponeses, no sentido de promover melhorias nas condições materiais de vida dos envolvidos. A associação foi o primeiro passo, de um conjunto de medidas tomadas para que os guardiões de sementes atingissem o patamar em que se encontram.

O *habitus* criado e reforçado pelos camponeses guardiões de semente de Passo de Lourenço permitiu uma mudança efetiva, que alterou as ações individuais, criando uma perspectiva de vida diferente, baseada em valores morais e culturais que guardam poucas semelhanças com o agronegócio.

A semente crioula recebeu o significado de resistência à dominação econômica e cultural da indústria de sementes e veneno, permitindo que os Guardiões de Passo do Lourenço evitassem que, através da “Revolução Verde”, o capitalismo acabasse com a noção mais básica de autonomia para um agricultor, que é a possibilidade de guardar suas próprias sementes para o ano seguinte. É o produto da soma dos capitais acumulados, especialmente o social, cultural, político e de prestígio, para um grupo social, que nega e rejeita as sementes patenteadas, os fertilizantes artificiais e o uso de venenos.

É um patrimônio cultural e coletivo, que celebra a soma dos esforços dos camponeses, para sobreviver e reproduzir sua própria existência, livre e autônoma. Ao valorizarem as sementes, herdadas dos antepassados, iniciou-se um processo de fortalecimento e reconstrução de um *habitus* de classe, que está “enraizado” na vida daquelas pessoas, promovendo mudanças importantes e permitindo que novas perspectivas surjam, para resolver problemas antigos.

Percebeu-se que os agricultores de Passo do Lourenço não rejeitam a tecnologia, nem as inovações, tampouco deixam de aplicar técnicas científicas em seus cultivos, tendo em vista a participação ativa da EMBRAPA no projeto de sementes crioulas, com uma abordagem técnica e descompromissada com as empresas, o que é uma das descobertas mais importantes dessa pesquisa.

O que eles combatem, lutando para manter longe de suas terras é a tecnologia que lhes torna dependentes e vulneráveis, que nega o direito de produzir alimentos a partir de sementes selecionadas e adaptadas, sem fertilizantes artificiais e venenos, que agridem o meio ambiente, a saúde e a dignidade humana.

A semente crioula é, finalmente, a celebração da vida camponesa dos orgulhosos Guardiões de Sementes de Passo do Lourenço, e para isso que lutam e disputam o *campo*, modificam o *habitus* e acumulam *capitais*, caso contrário, já estariam nos centros urbanos como estatísticas de desemprego ou trabalhando em condições precárias para grandes proprietários de terra.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Os paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo /Rio de Janeiro / Campinas: Hucitec / ANPOCS / Editora Unicamp, 1998.
- ALMEIDA, R. A. Classe camponesa e Habitus específico: identidade e distinção no campo. **AVEPALAVRA**: Revista de Letras. Campus de Alto Araguaia-UNEMAT-MT, Cuiabá, n. 5, p. 8-21, 2001/2004.
- ALTIERI, Miguel A.; ROSSET, Peter; THRUPP, Lori Ann. **The potential of agroecology to combat hunger in the developing world**. 1998. Disponível em: <<http://www.fao.org/docs/eims/upload/207906/gfar0052.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.
- ANJOS, Flávio Sacco dos; GODOY, Wilson Itamar; CALDAS, Nádia Velleda; GOMES, Mário Conill. Agricultura familiar e políticas públicas: impacto do PRONAF no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 529-548, jul./set. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032004000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2017.
- AQUINI, Daniel Marques. **Guardiões de sementes do Sul do RS e a construção de um sistema intersocial**. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Pelotas, 2015.
- ARAGONEZ, Iara Borges. **Educação profissional integrada ao ensino médio – Documento Referência**. 2014. Disponível em: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/dp_cgemep_docto_ref_epiem.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.
- BEVILAQUA, Gilberto A. Peripolli; ANTUNES, Irajá Ferreira. Agricultores guardiões de sementes e o desenvolvimento *in situ* de cultivares crioulas. **Infobibos**, 2008. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/.../1/artigo_Bevilaqsement.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley journal of sociology**, v. 32, p. 1-17. 1987. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2290040/mod_resource/content/1/bourdieu%20-%20What%20makes%20a%20social%20class.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- _____. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Usos sociais da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Agroecologia em assentamentos rurais: estratégia de reprodução camponesa na Campanha Gaúcha (RS). **Agrária**, São Paulo, n. 7, p. 94-118, dec. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/131/131>>. Acesso em: 3 oct. 2017.

DIAS, Cleimon Eduardo do Amaral. **Abordagem histórica e perspectivas atuais do ensino superior agrícola no Brasil**: uma investigação na UFRGS e na UC Davis. 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ETEC – Escola Técnica Estadual de Canguçu. **Portal**. 2016. Disponível em: <<https://www.escolaetec.com.br/projetos/agricultura>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

GAZZOLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. Qual "fortalecimento" da agricultura familiar?: uma análise do Pronaf crédito de custeio e investimento no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Porto Alegre, Editora UFRGS, v. 51, n. 1, p. 45-68, jan. 2013.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: _____; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernidade reflexiva**. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O seu município em números 2016** – Canguçu. 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/downloads/folders/eleicao2016/43/4304507.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

KIND, L. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213115340.p df?PHPSESSID=c8d2b9be6d58bc0232ff2ec41ef332a2 Acessado em 10 de outubro de 2007

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17-24, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uacm.kirj.redalyc.org/articulo.oa?id=317227055003>>. Acesso

em: 10 nov. 2017.

_____. CABRAL, Luis Carlos. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. In: **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. 2006.

LIMA, Sandra Aparecida Kitakawa. **Agricultura familiar, sustentabilidade e desenvolvimento**: um estudo sobre os avanços, dilemas e perspectivas da UNAIC- União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (RS). 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

MARTINE, George. A trajetória da modernização agrícola: a quem beneficia? **Lua Nova**, São Paulo, n. 23, p. 7-37, mar. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451991000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2017.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. v. 1. São Paulo: Hucitec, 1993. _____. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOURA, Lucimára dos Santos de; SALAMONI, Giancarla. Integração ao mercado e produção para o autoconsumo: estratégias socioproductivas na agricultura familiar de Favila, Canguçu (RS). In: FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira; FERREIRA, Enéas Rente; MAIA, Adriano Corrêa (orgs.). **Estudos agrários**: a complexidade de rural contemporâneo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 247-261.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

PAIVA, Ruy Miller. **A agricultura no desenvolvimento econômico**: suas limitações como fator dinâmico. São Paulo: IPEA/INPES, 1979.

PEREIRA, Viviane C.; SOGLIO, Fábio D. Os guardiões da agrobiodiversidade no Rio Grande do Sul, Brasil, na construção de autonomia camponesa. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE AGROECOLOGÍA-SOCLA, 5., 2015, La Plata. **Anais...** La Plata: La Plata, Argentina, 2015.

PORTAL BRASIL. **Novo plano safra da agricultura familiar vai oferecer crédito**

recorde de R\$ 30 bi. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/05/novo-plano-safra-da-agricultura-familiar-vai-oferecer-credito-recorde-de-r-30-bi>>. Acesso em: 29 set. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro.** Cidade: editora, 1973.

SANTOS, Anderson Luiz Machado dos; TELÓ, Fabrício. O lugar do campesinato no capitalismo: as múltiplas dimensões do processo de (re) criação de uma classe e de um modo de vida. **Agrária**, São Paulo, n. 15, p. 145-170. 2011.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. ; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Pobreza rural, desequilíbrios regionais e desenvolvimento agrário no Rio Grande do Sul. **Teoria e Evidência Econômica**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 117-149, nov. 2000.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações—o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, n. 7, p. 1-21. 2012.

_____. **Lições camponesas.** Campesinato e territórios em disputa. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SILVA, Francisco Viegas Neves da. **Os tratados de livre comércio e o acordo TRIPS:** uma análise de proteção patentária na área farmacêutica. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Programa de Pós-graduação em Direito, Florianópolis, 2009.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas: UNICAMP, 1998.

SOUZA, Almir Antonio de. O Brasil Império, a lei de terras, seu regulamento e os índios do planalto meridional (1850-1870). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17., 2013, Natal-RN. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013.

SUTTON, A. C. **Wall Street and the rise of Hitler.** Nova York: Arlington House Publishers, 1976.

UNAIC – União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu. **Sementes crioulas.** 2016. Disponível em: <<http://unaic.blogspot.com.br/p/sementes-crioulas.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

UOL NOTÍCIAS. **EU propõe renovação da licença do glifosato por período reduzido.** 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2017/10/24/ue-propoe-renovacao-da-licenca-do-glifosato-por-periodo-reduzido.htm?mobile>>. Acesso em:

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

VEIGA, José Eli da. Fundamentos do agro-reformismo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 23, p. 39-65, 1991.

VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto et al. Patenteamento da biotecnologia no setor agrícola no Brasil: uma análise crítica. **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 323-354, jul./dez. 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 21, p. 42-62, out. 2013.

Verbete de **Glifosato**. 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Glifosato>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 35-53, jan./jun. 1990.

Anexos

Anexo A - Roteiro de perguntas para o grupo focal

Informações básicas:

- Nome completo?
- Quantas pessoas compõe a sua família?
- Quantas pessoas trabalham no plantio?
- Qual o tamanho da sua propriedade?
- Qual a renda familiar?
- Estudou? até que nível?
- Está afiliado a alguma cooperativa ou sindicato?
- Pratica alguma religião?
- Qual a finalidade da produção de sementes crioulas (sobrevivência, preservação de tradições familiares, etc..)?
- Quantos amigos/vizinhos participam do projeto de sementes crioulas?

Informações que dizem respeito ao problema:

- Qual a importância a semente crioula em sua vida (vale relatar experiência profissional ou da vida privada)?
- Sabe como se deu a participação do agricultor nesse processo de construção e valorização da semente crioula? Explicar?
- Utiliza ou já utilizou insumos vendidos pela indústria do agronegócio, como fertilizantes químicos, herbicidas e assemelhados, ou ainda, sementes transgênicas ou híbridas?
- Se utilizou, mas abandonou a prática:
 - por quanto tempo?
 - ainda usa?
 - segue as instruções do fabricante em termos de periodicidade e quantidade?
 - quais os motivos para deixar de usar?
- Se ainda utiliza:
 - tem conhecimento sobre eventuais riscos, seria capaz de indicar o produto que utiliza e o risco ligado a ele?
 - razões para que utilize tais produtos? (ex: produtividade, exigência de instituição bancária...)
- Como era a sua vida social (festas, encontros religiosos e etc) antes e como é agora, depois do programa de resgate das sementes crioulas? Você tem mais contato com

outros agricultores ou não sentiu diferença?

- Há alguma agência governamental que participe, de alguma maneira, na preservação e seleção de sementes crioulas aqui em Canguçu?
- E organizações não governamentais, atuam por aqui?
- A agricultura familiar em Canguçu foi modificada, de alguma maneira, pelo processo de resgate e valorização da semente crioula?
- Costuma participar de eventos (culturais, religiosos, sociais, de trabalho, etc..)?

Onde isso ocorre geralmente?

- O que pensa a respeito do modelo de agricultura controlado pelas empresas do setor, como Monsanto, Bayer e etc.?
- O que levou a adotar esse tipo de prática (utilização e preservação de sementes crioulas)?
- Qual a percepção que tem de si e de suas práticas?

Anexo B - Transcrição da aplicação da técnica de pesquisa grupo focal, junto a um grupo de agricultor@s da localidade de Passo do Lourenço, interior de Canguçu - RS, realizada no dia 21 de dezembro de 2016

Clebs Aquino Ferreira e Lucimeri Valdão	47/45	2 com 15 e 16	5	6 hectares	Católicos
Júlio Watcher e Noélia Watcher	65/63	2	2	5 hectares	Católicos
Gerci Silveira Menegoni e Avani da Cunha Menegoni	61/63	2	3	8 hectares	Católicos
José Luis e Lourdes Cardoso Prestes	57/63	4	3	6 hectares	Católicos
Darneci Rodrigues Cardoso e Nelma Lucina da Mata Cardoso	62/64	4	3	6 hectares	Católicos
Sérgio Airton Moreira e Vanilda Garcia	48/45	<u>4, 1 filha</u> com 16	3	5 hectares	Católicos

- 1- Nomes
- 2- Idades
- 3- Número de filhos/ menores de idade
- 4- Quantos Trabalham no cultivo
- 5- Grau de instrução
- 6- Tamanho da propriedade
- 7- Religião?

Observações:

- a) Dados que constam no diário de campo e das entrevistas.
- b) Todos os filhos menores, que moram com os pais, estudam regularmente, mas ajudam em tarefas relacionadas ao cultivo de sementes crioulas, ou com as atividades complementares (criação de gado para leite, produção de ovos, hortaliças, etc.).
- c) Com exceção do Sr. Sérgio Airton, e do Sr. Clebs, todos frequentaram a mesma escola (extinta) e foram alfabetizados por uma pessoa da família do Sr. José Luis, e tem até a 5ª série primária.
- d) Todos herdaram suas terras, com exceção do Sr. Júlio e da Sra. Noélia, que são assentados do MST, quando do programa de reforma agrária do município.

Transcrições das entrevistas

V1 - José Luiz

V 2 - Júlio Watcher

V 3 - Clebes

V 4 - Sérgio

V 5 - Noélia

V 6 - Zamir

V 7 - Lourdes

Pesquisador - Fábio Dias Ribeiro Elste

P- Gente, eu vou começar explicando para vocês qual o objetivo que eu tenho com a pesquisa. Quando eu entrei no mestrado em sociologia, a ideia era trabalhar com a questão daquelas sementes geneticamente modificadas, de entender os riscos que isso representava e etc.. Mas fui modificando ao logo do tempo e aí, inclusive contato com o seu Júlio, fui na Feira de Sementes do ano passado e fui amadurecendo a ideia e o que eu quero pesquisar é o que faz o grupo de vocês escolher e optar pelo plantio, pela propagação, por esse processo todo envolvendo as sementes crioulas, é isso que eu quero traduzir para o papel, do que vocês vão me dizer. Eu fiz um roteiro de perguntas que preciso fazer, mas não é nada formal ou fechado, na verdade eu só quero entender vocês. Depois eu vou transcrever, vou passar para o papel e tentar compreender como funciona esse sistema todo das sementes crioulas; o que motiva, quem participa.. E aí, é assim, eu tenho algumas perguntas, mas vocês são livres para fugir da pergunta, para falar o que vocês consideram positivo, interessante

P- Trazer experiências né

V 1 - Desde que a gente souber responder..

P - Isso que eu queria deixar claro para vocês, não existe resposta certa ou errada, na verdade quem está errado sou eu que não entendo nada, vocês é quem podem esclarecer, vão trazer as informações que vocês acumularam ao longo desses anos trabalhando com semente crioula, porque na vida acadêmica é isso, nós ficamos lá dentro da universidade e a gente não sabe o que se passa aqui, por isso a gente faz questão de conversar com vocês, para que a gente consiga entender esses fenômenos que vem acontecendo, principalmente porque a gente não sabe o tamanho da indústria da semente, é por isso que a gente quer entender essa parte das sementes crioulas, o que de fato fez vocês começarem, o que fez vocês seguirem plantando, fazendo feira de sementes crioulas. Essas perguntas são mais um guia para eu não esquecer de perguntar, as coisas que eu preciso que sejam respondidas. Mas se vocês quiserem fazer uma dinâmica diferente, vocês podem contar como começou essa história de sementes crioulas, fiquem à vontade, se quiserem fazer uma rodada de apresentações....

Pesquisador - pelo menos digam o nome.

V 2 - Eu acho interessante, vou pegar para contribuir também, para quem está interessado em saber como que funciona, porque produz, a gente aqui não é um só, a gente aqui produz tudo meio que em conjunto... O principal é isso né, por isso, o que eu não souber responder o José Luis responde, o Airton... A gente tem feito isso, por exemplo, na semana passada tu não teve lá, num dia de campo na EMBRAPA, então passou vários grupos, querendo saber essa história, tudo que vocês estão perguntando agora, e a gente teve para dar essas informações e de por que a gente não desistiu. Sabe, desde a história de por que a gente não desistiu. Posso deixar pro Zé Luis contar a história..

V1 - Não, acho que vamos se apresentar, pode começar por ti.

V2 - Eu sou o Júlio, sou agricultor e guardião de sementes crioulas, assentado e hoje

representando a UNAIC também, junto com a Cooperativa União.

V4 - Noélia.

V5 - Zamir, sou técnico agrícola, faço parte da equipe técnica do CAPA- Pelotas.

V1 - Eu sou o Zé Luis, José Luis, eu sou pequeno agricultor, fui presidente da UNAIC também, faço parte do conselho administrativo da CRENOR

P - O que é a agrinor?

V1 - CRENOR (COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL HORIZONTES NOVOS).

P - É daqui de Canguçu ?

V1 - Não, a central é de Sarandi.

V2 - E só para acrescentar uma coisinha, faço parte da coordenação do Forum da Agricultura Familiar.

V3 - Eu sou o Clébis, sou produtor de sementes, trabalho na Cooperativa União também.

V4 - Sou Sérgio Airton, sou produtor de sementes, faço parte do Conselho Agropecuário da Prefeitura, fiz parte do Conselho Distrital. É só isso.

P - Uma coisa que preciso entender, qual o tamanho das famílias que trabalham com vocês e compõem o núcleo familiar de vocês?

V1 - Pode começar pelo Júlio.

V2 - Lá em casa somos só nós dois, fazendo as coisas como produtores de sementes.

V1 - Eu também, a gente aqui agora, hoje, antes trabalhava mais, a esposa trabalhava mais direto da agricultura, hoje o meu filho tem um comércio e ela ajuda mais no comércio, então é eu e meu filho mais novo, o Pablo, que trabalhamos na agricultura, mas meio que tudo ajuda as coisas, tudo se ajuda, cria uns bichinhos, umas ovelhinhas, mas a gente tudo se ajuda, meio que.. Somos quatro na casa, o meu filho é Secretário na Prefeitura, que é o dono do comércio; hoje não sobra mais tempo para ele ajudar na lavoura, mas às vezes, quando libera tem que lidar com um animal e ele tá em casa, ele ajuda, mas basicamente somos dois. E o forte é as sementes crioulas e varietais.

V7 - A gente faz suco também.

V2 - Mas aí já parte para o orgânico também, agroecológico... É, artesanal, mas..

P - Qual o seu nome?

V7 - Lourdes.

P - Vamos resumir então, não tem ninguém aqui que contrate terceiros que não sejam da família, basicamente agricultura..

V2 - familiar..

P - Tá, deixa eu fazer uma pergunta..

P - Não é que.. não, pode continuar, eu só fiz essa observação para tentar entender..

V3 - Lá em casa somos cinco, um não tá mais trabalhando em casa, tá fazendo faculdade e trabalhando fora, dois guri pequeno, mas trabalham... É semente de milho, antes nós tínhamos a vaca, quando tinha a rota nós tirava leite.. Deixaram de buscar.

P - quem é que buscava antes?

V3 - Era a COSULATI, depois ficou a COPAR, que parou de buscar e não se teve mais para quem produzir. Aqui eram poucos que produziam, e eu considero que era uma renda boa, porque era algo mensal né, planto fumo também, e basicamente é isso, somos quatro que trabalhamos.

(durante alguns segundos, mesmo que de maneira descontraída, surgiu o problema que representaria se o poder público soubesse que existem menores trabalham, ajudando nas atividades).

P - Eu não cheguei a dizer para vocês, mas os dados que estou obtendo aqui vão

ficar restritos à pesquisa...

V1 - para mim não tem problema nenhum, pode usar a vontade (houve uma sobreposição de vozes, mas houve consenso nesse mesmo sentido).

P - Isso que ele falou é importante, para deixar vocês a vontade em relação a isso, se não quiser que divulgue...

V2 - Esse grupo nosso aqui tá com 20 e poucos anos de existência e não tem por que ficar negando nossa história, temos bastante história, bastante conhecimento.

P - Eu estou louco para chegar lá. Essas são perguntas que preciso fazer são acessórias à pesquisa, ou seja, não serão utilizadas diretamente, mas pode ser que sejam necessárias. Eu queria saber, em média, a renda familiar, não precisa dizer exatamente, podem usar como referencial o salário mínimo, ou dinheiro mesmo direto, não tem problema nenhum, e se a atividade principal de vocês é o plantio e venda de sementes crioulas. Não tem problema nenhum se vocês não quiserem ou puderem responder.

V2 - Não, eu acho que a nossa história, assim falando, isso eu tava comentando, a gente comentou bastante lá nos grupos da EMBRAPA, se eu tiver mentindo alguém me corrige, faz mais de vinte anos que a gente trabalha com isso né, e quando se começou nós valorizamos o projeto, aguentamos e resistimos, com todas as dificuldades que tinha, e hoje vimos que valeu a pena, valeu a pena fazer isso porque hoje já se está fazendo as feiras estaduais, feira de sementes estadual né, reconhecido pelo Brasil todo, e de certas partes, certas instâncias até fora do Brasil, tá sendo reconhecido; então, nem pela feira de sementes, mas pela qualidade do produto, porque historicamente, nós pioneiros nessa história de sementes crioulas, e tem o por quê disso. Lembrando o passado, tem o resgate de um passado que nós estávamos perdendo, dos nossos pais, do nosso avô, dos antepassados e nós estávamos perdendo; nós acreditamos que aquilo tinha um valor e tinha que ser resgatado. A gente trabalhou com muito sacrifício (...) Nós hoje vemos que valeu a pena investir no projeto, não pensando muitas vezes no dinheiro, mas valorizando aquilo que é do passado.

P - Deixa eu lhe perguntar uma coisa, se Júlio, de quem foi a iniciativa de começar o projeto, a criação do banco de sementes que se sabe ter sido um dos primórdios...

V2 - Para começar a dizer isso, assim, que se sabia que havia várias associações espalhadas pelo interior de Canguçu né... Como não havia possibilidade de cada associação comercializar a sua produção, houve uma necessidade de criar uma associação das associações, que se criou a UNAIC né, que é a Associação Comunitária do interior de Canguçu. Aí se criou a UNAIC, onde ele tá hoje, e com o passar do tempo, se adquiriu recurso do governo (na época tinha né), para acessar recursos dentro de uma associação, e com o mudar das leis e dos governos, eliminou os recursos para associação, onde houve uma necessidade de essa associação estar formando uma cooperativa, onde nós estamos hoje, e a gente também não se afasta disso né, então disso tudo tem um patrimônio e então tem que garantir e tem as duas coisas lá, tem a UNAIC e tem a cooperativa e nós temos que garantir esse patrimônio né. Todos os recursos que estão vindo, vem por intermédio da cooperativa.

V3 – A iniciativa, na época, veio da UNAIC né, junto com esse grupo de produtores.

V1 – É, aqui quem trouxe a ideia, na época, foi o Cléo, que é irmão dele (apontando para V3), que começou a difundir a ideia da gente resgatar essas sementes né, aí se começou esse trabalho, através da UNAIC, como o Júlio já falou, e que começou a ideia, a gente se desafiou, como o Júlio já havia falado, já havia sido dos nossos antepassados. Quando eu era guri a semente que se plantava era a semente que se colhia em casa, se separava ali, umas espigas melhores, se fazia a sementes por

variedades de crioulos mesmo, e depois surgiu a Revolução Verde né.. aqui para nós surgiu a Agrocere, com um milho que era o G28, foi o primeiro que apareceu o híbrido e ele tinha uma produtividade razoavelmente boa e o pessoal começou a se desafiar e se perdeu um pouco daquela história das sementes crioulas, mas depois começou a resgatar né, e acho que traz um resultado comercial razoavelmente bom para os produtores. É uma atividade que eu vejo que é lucrativa, e ao mesmo tempo, tu tá dando uma resistência, esse grupo aqui foi um que apresentou resistência aos híbridos, as transgênicos.. acho que hoje todo mundo aqui do nosso grupo produz sementes crioulas, pararam de plantar os híbridos, a gente não nega que vários anos eu plantei híbrido, mas hoje eu vejo assim, vejo que para agricultura familiar é mais negócio tu plantar, com um custo menor, mesmo tendo uma produtividade mais baixa... porque tem híbridos aí, com alta tecnologia, que vão ser mais produtivos...

V3 – Com a diferença que o pequeno produtor não pode usar a outra...

V1 – É, alta tecnologia hoje e alguns que tentaram usar esse tipo de coisa, como diz aquele ditado gaúcho, deram com os burros n'água!

P – por que seu José?

V1 – Não, porque tem agricultores que vão usar uma alta tecnologia, investe tudo na lavoura, se ele não tiver uma alta produtividade, dá uma seca como tá agora, não existe magia, nem crioulo nem híbrido, pior ainda um híbrido porque ele floresce todo (ele parece ter dia e hora para florescer).. já os crioulos e variedades não. Tu planta uma lavoura de híbrido ele começa a florescer tudo numa hora só, ele é padrão, e se naquele época faltar chuva, as vezes 15 dias, se a flor secou, a produtividade dele é baixa, e o crioulo não, 15 dias tem variedades que em 15 dias tem pés atrasados, florescendo, então ele vai fecundar..

V3 – E também tem a resistência, a gente via que ia ficar sem a nossa semente né, ia ficar nas mãos das grandes empresas e ia ficar cada vez mais cara a semente, a gente vê aí isso bem, hoje, a semente do transgênico, tem que comprar o pacote todo e o preço é lá em cima. Nossa autonomia é ameaçada e nossa reação é resistir, é luta constante.

P – O pacote todo é o fertilizante e o ..

V3 – Sim, para funcionar tu tem que comprar o pacote, não adianta comprar só a semente né..

P – e vocês chegaram a ter alguma experiência com um vizinho que, como o sr. Disse, tenha dado com os burros n'água? O que aconteceu, tem alguma experiência..

V1 – o que acontece é que o produtor investe numa alta tecnologia se ele não é, não tem uma alta produtividade, acaba ficando endividado por usar uma tecnologia que não é adequada para ele..

V3 – E as vezes o cara tá acostumado com o híbrido e planta o transgênico, aí já não produz tão bem..

V2- Tava lembrando de uma coisinha, por exemplo, nós nos dizemos produtores de sementes crioulas, e para isso tem que ter uma justificativa. No ano passado nós tivemos a fiscalização do Mapa (Ministério do abastecimento, pecuária e agricultura) e ele acompanhou lavoura por lavoura, todos os produtores de sementes crioula, e o que eles queriam? Saber se as lavouras estavam contaminadas ou aproximadas de um transgênico. Eles estavam fiscalizando, não o produtor de sementes, mas o vizinho que de repente plantava transgênico. Nós visitamos todas as lavouras, nenhuma deu problema, mas se tivesse dado, por exemplo, eu planto milho com a semente, e o Zé Luis planta milho transgênico, eles iam condenar a lavoura né... Qual delas eles iriam condenar? Eles não iam condenar a do Zé Luis, iam condenar a minha, porque eu sou produtor de sementes, e com toda a razão, pois se eu digo que

estou trabalhando com semente, com produto diferenciado, como eu vou justificar que o meu vizinho tá plantando transgênico ao lado? Acho mais que justo que nós temos que provar que o produto tem qualidade.

P - Foi um atestado de qualidade então?

V2 - Com certeza.

P - A certificação da semente crioula é uma coisa muito cara, como vocês trabalham com isso, é uma rede que vocês estão criando, como é isso, para comercialização. Um dos objetivos é a venda através da cooperativa União, não é? Como está se formando esse gosto pelas sementes crioulas, como estão fazendo essa multiplicação, como a semente crioula está avançando?

V2 - Eu posso justificar assim, cada ano que aumenta a procura, porque acontece a feira de semente a cada dois anos, então aparece gente do Brasil inteiro e isso vai aumentando. O Clévis é testemunha disso, se entregou dez mil quilos na secretaria do meio ambiente rural e faltou semente, nós vendemos quinze mil quilos lá, e segundo as informações que se tem, se hoje procurar, não tem mais nenhum quilo disponível. Para ter uma ideia, ano passado se vendeu 19 mil quilos ao total, esse ano passou para 25. Claro que a procura e a propaganda é a alma do negócio e essa questão da certificação é muito polêmica, porque nós trabalhamos com parceria, então nós temos que saber quais são os nossos parceiros.. Então, são EMATER, EMBRAPA, pesquisadores né, que trabalham com bastante cuidado, para não acontecer problema, porque onde cair nos ouvidos de uma Monsanto nós ó (sinalizando que estariam com problemas).É uma busca, um trabalho que se tem, bastante sério, existe uma possibilidade enorme de se poder fazer isso.

V1- Uma coisa, não sei se.. Eu acho assim, que até, então a gente, que teve um grupo de esquerda que meio que deixou umas brechas para produção de sementes crioulas, porque hoje você sabe que a direita, isso não deu mais contra porque não é ameaçador para eles ainda, a produção de sementes crioulas é uma gota d'água num oceano, porque na medida que isso fosse ameaçador para eles, eles elegem deputados, senadores e o diabo a quatro até presidente da república, se for o caso, porque hoje a Monsanto são firmas multinacionais poderosas, e hoje tem umas que se juntaram umas às outras para ter mais dominação, tem muitas que produzem o veneno, produzem o remédio, se tu te intoxicar elas tem o remédio para te dar e como as sementes crioulas ainda é uma coisa muito pequena em relação a eles, mas eu acredito que se isso for tomando corpo que eles vão tentar uma forma de barrar né, e ao mesmo tempo que eles estão soltando o transgênico, eles tem uma outra forma de nos barrar, aqui na nossa região não, porque vocês estão vendo que aqui é puro mato, tu planta uma lavourinha aqui, outra ali, não vai dar contaminação, mas vamos dizer assim, municípios como Cruz Alta, Palmeira das Missões, que são municípios extremamente agrícolas, que as lavouras são tudo pegado umas das outras, não tem como tu produzir uma semente crioula, vai dar uma contaminação, e aí o cara vai dizer que a semente crioula deles já tão transgênicas também né.

V2 - Nós já perdemos produtores assim, por causa disso..

V4- Mas não foi a Monsanto essa que tiraram de linha hoje?

V2 - Hoje? Não sei, não escutei o jornal.

V3 Não? Tiraram 12..

V1 - Ahh, não, aquilo foram entidades que foram votadas no pacote (fundações que foram extintas no pacote do Governo do Estado do Rio Grande do Sul), aquilo é outro tipo de coisa.

Murmurinho de vozes, no qual se concluiu que a entidade extinta foi a Fepagro.

P - Eu vou aproveitar um gancho no que o sr. estava falando seu José, vocês

acreditam que a localização de vocês aqui, por ser mais afastados, permite que vocês sigam sem ter problemas relacionados aos transgênicos...

V 1. : Não é muito, uns 10 hectares

V 2.: até mais, um uns 20/25

(todos concordam em 20/25)

vocês acreditam que seja possível produzir semente crioula fora dessas condições aqui, ou por que vocês estão mais isolados e sem vizinhos plantando é que vocês conseguem fazer esse trabalho?

V1 .: é que aqui é mais propício, pela localização, por ser uma região que não é...

V 3. Por ser uma região pobre. Do lado de lá da faixa não dá. Do lado de cá da faixa, dá. Tu vais ver que aqui os transgênicos são muito poucos, raro, aqui bem na nossa zona nem tem quem plante milho transgênico. Eu sei quem plantou aqui: o João, o Eduardo...não tem quase ninguém que plante transgênicos. Do lado de cá da faixa é meio que essa a tendência. Do lado de lá da faixa é agronegócio.

V 2. Aqui é uma política, que desde a época a gente criou, e que tem um respaldo bastante grande em toda a região aqui, então ele tem uma credibilidade assim, que a questão do transgênico aqui, ele vai demorar muito a entrar, por causa da credibilidade que teve, da resistência que teve esse nosso grupo. Teve uma resistência grande e ele é bem respeitado.

P - Deixa eu aproveitar essa deixa, s. Júlio: vocês tiveram a ajuda de alguma entidades, como vocês já chegaram a mencionar. O CAPA era uma delas, a Embrapa, a Emater...alguma outra entidade que

(todos falam ao mesmo tempo): alguém menciona a pastoral e a cooperativa, o resto é ininteligível

V 3: Tem um técnico da cooperativa que trabalha só com a questão das semente. Acompanha a campo, e depois acompanha dentro da cooperativa também

P:Ele percorre as propriedades de vocês quando tem dificuldade?

V 3 :não, até (???) conhecimento: variedade, lavoura, extensão, acompanha as famílias também

P- E esses grupos, como a Embrapa, o Capa, vocês se reúnem com frequência, essas entidades participam mais da vida de vocês como agricultores?

V2: Como entidades, acho que mais participam do foro de agricultura familiar

P:quando acontece esse fórum?

V2: é uma região como 25 municípios. Se reúnem todas as entidades, e cada um representa um determinado grupo

P:uma vez por mês?

V2: é, uma vez por mês

P: e onde é?

V2: nas segundas terças do mês, na Cascata

P:É na Embrapa da Cascatinha?

V2: é, na Cascata;

Voz 1: e aí tem as reuniões do grupo também, que a gente faz aí dependendo se tem algum assunto pra tratar a gente faz mais seguido, e a cooperativa também faz as reuniões não só com o grupo daqui, mas com os outros agricultores que produzem sementes crioulas noutras regiões.

P: vocês tem uma rede fora de Canguçu?

V2: Não, é só de Canguçu, mas tem outras localidades, então, aí a cooperativa faz essas reuniões também com os agricultores da região. Junta todos os agricultores, mas só de Canguçu.

V1 : Antes tu tava falando da região. Uma das coisas que favorece bem a região aqui

é por ter bastante mata nativa, que hoje o milho é polinização aberta. Então tem casos de 4km de distância. O vento leva o pólen e tu nota principalmente na questão de 2 cores, quando tem um milho amarelo e um branco. Quando vê, aparece uma espiga amarela lá no meio do branco, aí então a gente vê isso aí. Aqui a região tem bastante mata nativa, então não deixa passar tanto esse pólen, não se formam tantas correntes de ar.

V3: aí que tá a importância da parceria que a gente fala, na questão dos pesquisadores, e isso a gente conseguiu: chegar num patamar assim de garantir a minha qualidade da semente. Por distância territorial, ou por distância de plantio. São dois tipos diferentes, que nós podemos garantir a qualidade da semente. Eu posso plantar uma aqui e outra ali, mas eu tenho que ter no mínimo 30 dias de diferença....

P: então é possível eu ter um milho plantado ao lado do outro?

V2: Tem que ver a variedade, por que tem variedade com ciclo maior, ciclo menor

V3: isso, ciclo parecido, por que se tu plantar precoce, 30 dias depois de um tardio, eles vão florescer quase juntos;

V4: então tudo isso foram dificuldades que a gente enfrentou, sabe, como o tempo a gente vai aprendendo, cada ano um pouquinho melhor que o outro

P: esse grupo de vocês foi uma das associações que formou a UNAIC? vocês se reuniram com outros grupos e formaram a UNAIC? E a UNAIC começou a funcionar...e na questão da criação do grupo de sementes? Como é que funciona o banco de sementes? Pelo que eu entendi, algumas sementes vocês já não tinham mais...vamos supor: o milho branco, o S. José já não tinha mais E aí? Como funcionou esse banco? Como funciona até hoje? Como funcionou essa rede?

V3: com certeza (afirmando que o grupo deu origem à UNAIC)

V3: Pareceria, né? Então a gente sabe que Santa Maria acontece uma feira, a gente tem representante lá. Ibarama acontece uma feira todos os anos, a gente tem gente lá, aí nós fomos agora em Nova Petrópolis, dá quatrocentos e não sei quantos quilômetros, fomos lá. Então, a gente troca experiência, troca a semente, e qualquer lugar desses que a gente vai, geralmente aparece uma semente nova, uma semente que a gente ainda não tem, então a gente traz essa semente e distribui ela, pouquinho que seja, dentro dos produtores de sementes. Essa é uma responsabilidade do nosso técnico que trabalha lá dentro. A gente traz e entrega nas mãos dele: “agora tu define quem que vai produzir essa semente”.

P: Isso tem a ver com a terra, com a localização?

V3: exatamente.

V1: só pegando um gancho do que o Júlio tá dizendo: tem muitas sementes dessas que são mais pra tu ter ela como patrimônio. por que tem muitas sementes dessas que não são economicamente viáveis de ser plantadas, mas que algum produtor tem que produzir ela até pra levar pra adiante, por que se não, de repente, nós vamos produzir só as que são economicamente dão resultado, produzem mais, tem mais comercialização né? Mas tem várias outras sementes dessas que cada produtor geralmente planta mais que uma variedade, as vezes a localização da lavouras da gente não se presta para várias variedades, e às vezes é uma variedade que não é economicamente viável mas, se tu não tiver uma área separada ali, tu vais plantar um quilo, dois quilos dela, pra ter aquela semente. Como apareceu aqui...eu conheci depois da feira de sementes, (para ver) o quanto isso é importante: uma semente que ela em cada grãozinho de milho ela tem uma palha, ela é fechada separada. Eu conhecia só esse milho que tem todo ele pegado no sabugo e uma palha por fora de toda a espiga. Essa não: cada grãozinho de milho é fechado com uma palhinha. É muito interessante!

V 4: eu tenho um punhadinho desse

P:É um miudinho?

V 2: Não, não, ele não.

V1 : Clinicato é o nome dele

V 2: mas além disso aí, uma outra variedade de semente, (ininteligível) acho que é muito legal isso: nós conseguimos uma variedade de milho, que ela serve só pra suco. Pra fazer suco!

P: Suco de milho?!

V2 : Suco de milho! Só pra ter uma ideia: o quanto assi, mesmo sendo um trabalho bastante pesado, mas tem vantagem. É um projeto que a gente tem que valorizar, por que aparece de tudo um pouco e um pouco cai na mão (...)

P: Quando vocês começaram esse resgate de sementes crioulas, em 1996, quando formou a união, o grupo de vocês, que já vem juntos há mais de 20 anos, vocês se reuniam com frequência? Em que situações vocês se reuniam?

V3: Nós temos aqui a nossa sede, o nosso grupo aqui

P:(...) eu falo assim: aniversário, igreja...qualquer evento?

P: Não necessariamente para falar de semente, é isso?

P:Não, não necessariamente pra falar de sementes. Eu digo: a partir do momento em que vocês criaram essa cooperativa, vocês tiveram uma frequência maior, ou vocês já se reuniam assim antes?

V3: se reunia antes sim. Foi criada essa associação dentro do debate, dentro das discussões. por que a gente tirava dirigentes, representantes de sse grupo, com representantes de lá outros grupos, de outras partes, onde se juntou e se criou essa união de associações que funciona até hoje.

V1: Aqui a gente começou a se reunir antes de 90. Foi 87/88, a gente formou o grupo. Se reunia sempre semanalmente. Acho que o grupo foi primeiro. (tumulto, muitos falando ao mesmo tempo) A história do início do grupo. Assim como nós somos resistentes ao transgênicos, e tivemos assistência técnica, uma época, da pastoral rural, depois a pastoral rural meio que caiu na rotina e aí o CAPA entrou, nós estávamos com dificuldade, nos deu assistência, e como a gente já tinha um trabalho do CAPA dentro da UNAIC, no caso, eles entraram mais forte no nosso grupo. Mas foi uma resistência, “Nóis sonhava”, e a partir dessas reuniões com a Igreja Católica, com Pastoral rural, a gente começou...eu participei uma época de uma reunião por mês da pastoral rural e a gente foi criando ideias, esse grupo foi criado um grupo grande e depois veio “juerano” (????). Na primeira reunião que nós fizemos tinha 44 pessoas, e aí aquilo foi fazendo uma eleição automática. Aí de pois, esse grupo ficou em 16 famílias um bom tempo. A gente fazia feira. E depois, quando foram surgindo as dificuldades foram ficando só os mais resistentes. É como tu botar um defensivo num parasita, mas tem uns que vão morrer, mas tem outro que vão resistir. E eu acho que nós fomos aquela resistência. Nós batalhamos muito por uma venda direta ao consumidor, porque a gente não tinha. Hoje aqui quase todo mundo tem um carro, tem uma moto. Mas não tinha. “Nós saía” de ônibus, bicicleta, cavalo, não tinha (veículo) e a gente sonhava com a comercialização direta.

V2: Essa foi uma das finalidades do grupo: comercialização direta, tirar o atravessador. Essa foi a criação do grupo. Foi a partir daí: comercializar direto aos consumidores da cidade. (...) a partir daí surgiu o grupo. A partir da Cáritas nós conseguimos um transporte para esse grupo, nós fizemos a feira. A gente começou em Herval do Sul, fizemos em Piratini depois, em Herval do Sul quando começou o congelamento do Sarnei, era uma caminhonete com capacidade de 4.000Kg, nós levava pra Herval, vendia tudo. Só que quando surgiu o congelamento do Sarnei,

comeu a metade, nós começamos a vender a metade e como a gente achava que a porcentagem era muito, tinha que ser baixa, né? “Nós quando chegava” a 7% que “nós tinha” que descontar dos nossos produtos para viagem, a gente achava que era um excesso. Quando passava de 5(%) era muito, e foi o nosso erro. E o dia que deu esse problema nós ficamos com uma caminhonete depreciada e o pessoal muitos saíram do grupo, e aí começou a dificuldade. Depois a gente fez a feira ecológica e a gente fazia uma venda, além da venda ecológica, nós fazia uma venda aí já era em pelotas, nós fazia uma venda para terceiros, nós vendia nos armazenzinho pequeno de vila, só queí aquilo também, foi chegando num ponto, um ponto... nós tinha uma dívida muito grande. Aí foi chegando num ponto, meio que quebrou, na época nós paramos, acho que ficou uns R\$4.000,00 na rua, me parece...

P:Que ano isso, Seu José?

V1: que ano seria aquilo? Não me lembro mais?

V3: 88/89

Começa uma discussão sobre qual seria o ano. Todos falam simultaneamente.

Voz masculina: 95/98

V1: eu não tenho os números exatos, me parece que uns R\$4.000,00 e aí pra gente ficou sem condições (de ir fazer a feira). Aí começou a produzir ecológico e a continuar produzir ecológico e a cooperativa vir buscar os nossos produtos e comercializar na cooperativa, na sul ecojoia. E os outros produtos, com semente, a gente produzia pra UNAIC, hoje pra cooperativa União. Mas essa, um pouco, assim, resgatando a história do nosso grupo.

V 5: durante esse tempo que tava na ativa, a gente se reunia semanalmente, durante o tempo que tava na ativa de feira aí.

V1: às vezes duas vezes por semana. Nessa época de Herval, nós fazia duas vezes por semana;

V 5: depois ficou um pouco distante. Não havia necessidade de se reunir tanto assim, sendo pra comercializar de ano em ano sementes. Não tem uma necessidade de se reunir com tanta frequência assim.

V1: e tem umas coisas que caíram assim, no abandono. A gente, no início do nosso grupo nós lia um trecho da Bíblia, fazia uma reflexão daquilo ali, depois fazia uma reunião pra avaliar. E quando nós fazia a feira era uma confraternização.

(tumulto)

V1: A gente tinha o coordenador da reunião, e o pai dele (apontando para V3) foi um dos sócios fundadores, uma pessoa que trabalhou muito pela localidade. Uma das pessoas que mais trabalhou pela localidade. Colégios, a fundação da igreja, da comunidade católica, tudo, a rede de luz foi ele quem puxou, ele já era uma pessoa mais de idade...

P: como era o nome dele?

V2: Alci Ferreira. Ele se reunia com a turma mais jovem, e quando ele coordenava a reunião, que nós tinha um coordenador, da reunião de hoje nós escolhia o coordenador da próxima reunião, e o pai dele pediu licença...

V1: É que a gente tinha um ritual assim: começava a reunião, só se falava a pauta da reunião, não foge, não dispara pra um lado. Eu tenho problema até hoje com isso: eu não gosto que dispare. Tu me faz uma pergunta, eu gosto de responder ela, direto. Tá me cansando de ouvir a história do Júlio, comprida, comprida, e não responde o que tu pergunta. (conversas e risadas) E aí a gente tinha aquele ritual assim que respeitava. (...)

V1: nessa época que nós fazia a feira em Herval, nós fazia a reunião normal, e nós fazia a prestação de contas, nós se reunia; Aquele grupo que fazia a feira se reunia,

fazia as contas, se reunia duas vezes na semana, aquele grupo ali que tinha, era uma escala, né, hoje é “fulano e fulano que vão na feira” e no dia da reunião a gente levava a prestação de contas pra reunião.

P: A maioria de vocês aqui pratica alguma religião? Eu percebi que alguns estão ligados à Igreja Católica, Pastoral da Terra, é isso?

P: Mas tem a Luterana depois, né?

V1: É. hoje a prestação de serviço e prestação de assistência técnica (...corte). Eu acho que não tem ninguém mais que participe da Igreja Católica, mas da Pastoral Rural...acho até que a pastoral rural tá meio que esquecida, acho que os amigos podem até...é que o cara que puxava mais a pastoral rural hoje faleceu...

P: Mas vocês se consideram católicos?

V2: Sim, alguns com bastante participação mas outros com pouca (tumulto, muitas vezes).

P: E vocês vão com frequência?

V 2: Fui participante, mas hoje to meio que...ainda é a religião que...

Voz de mulher: a gente é católico. Quer dizer, eu não sei se a gente é católico, a gente é o que a gente acredita. A gente é católico sem participação (citam nomes dos participantes (praticantes)

P: Eu queria entender o que a semente crioula significa para vocês? Qual é a importância dela, o quê que vocês acreditam que ela represente na vida de vocês, qual é a importância dela na renda da família de vocês? Eu queria entender porque vocês estão plantando semente crioula, por que vocês estão vivendo essa semente crioula, como vocês pensam a semente crioula na vida de vocês e pensariam a vida de vocês em a semente crioula?

V 2: por que vale a pena a semente crioula?

P: Alguma coisa eu já consegui captar que não é exclusivamente econômico; é também, mas não é exclusivamente econômico. Eu quero entender o além disso.

57'03" (vozes, pessoas chegam e tumultuam a conversa)

V2: pra mim ela significa vida.

..a sul ecológica, UNAIC, cooperativa, essas coisas tudo que tá ligado a essa parte (conversas casuais, agricultor explica por que chegou atrasado e explica que faz parte do conselho de desenvolvimento agrário da prefeitura há 16 anos)

59' Gerci: Sou o Gerci, não fiz parte do grupo, não participava do grupo e depois que comecei a participar com eles aí, e começamos a produzir para a cooperativa sul ecológica

P: A Sul Ecológica é daqui de Canguçu ou Pelotas?

V1: Pelotas. Eu tenho um filho que foi técnico no Cape e prestava serviço pra nós aqui, assistência técnica, trabalhou muitos anos no Cape e hoje é o secretário da agricultura e desenvolvimento rural daqui. É por aí que nós começamos a produzir pra cooperativa sul ecológica e sempre conseguimos recuperar alguma coisa que a gente não conseguia vender pra ninguém, não tinha mercado e aí começamos a através da cooperativa vender pra cooperativa e fazer um dinheirinho

V1: É nós temos aqui hoje, membros que foram do nosso grupo aqui, 3 cargos de confiança dentro da prefeitura, que é o irmão do Clébis, que foi um dos fundadores do grupo aqui, o meu filho, que é secretário da fazenda e o filho dele, que é secretário da agricultura e desenvolvimento rural

P e P: praticamente um núcleo político

Voices citam outros indivíduos que fazem parte do conselho distrital;

V2: isso são resultados positivos do grupo da própria comunidade, que criou o grupo e hoje tá (...) pessoas, que tiveram mais oportunidade de estudo, né? Ajudando o

próprio município.

V2: Tá, mas e a pergunta dele?

V6: eu acho que há um tempo atrás era muito difícil aqui era a comercialização. Aqui se produzia feijão e milho, e além de não valer nada o que a gente colhia (pra vender) e aí através da cooperativa se teve essa ideia das sementes. Um pouco isso, e um pouco também pra não perder as nossas sementes, por que a gente tava cada vez mais pobre e cada vez mais difícil comprar a semente, tava indo pro lado do “pacote”, tinha que comprar. E eu acho que um pouco foi não se perder a semente e a dificuldade que se tinha, já tava inviável plantar milho pra vender, e a gente vivia dessas duas coisas (milho e feijão) e produção de leite. E foi por aí que se começou a discutir a ideia da semente crioula e resgatar a semente crioula.

V1: É, e aí, eu acho assim, pegando o que o Clébis tá dizendo, né, eu acho que hoje não só economicamente, hoje mesmo que não tivesse mais comercialização de sementes, está tão enraizado no nosso sangue, que enquanto nós puder produzir (tumulto)...então eu acho que ficou enraizado no nosso sangue essa resistência. Embora terminasse a comercialização de sementes, e nós não pudesse mais produzir pra comercialização, eu penso que dentro desse grupo aqui tem uma resistência, que nós não perderia as nossas sementes, que nós continuaria, mesmo que economicamente não fosse viável, nós...por que não é só por que é economicamente viável, a gente tem essa...

V1: A gente teve sempre muita dificuldade de comercialização quando começou. Hoje não tá tanto. Hoje se abriu bastante espaço. Mas a gente sempre reunia o grupo de produtores de sementes. Se reunia ele até para discutir a venda, quanto era o custo que a cooperativa tinha para beneficiar as sementes

V2: nós não vendemos o milho pra cooperativa, nós entregamos para distribuir. Quando não se consegue comercializar toda, a semente tem que ser devolvida para o produtor pra ele vender como grão. Nos últimos 2 anos não se teve problema. Esse (2016) foi o melhor ano da caminhada, se vendeu todas as sementes. Nos outros anos um pouquinho sempre sobrava.

P: E o ano que tem a feira? Como vocês fazem com a produção?

V2: A feira de sementes a gente nunca considera uma feira comercial, a gente considera uma feira demonstrativa, só que na verdade a pessoa que vai lá leva, e geralmente vende. (barulho de móveis arrastados e vozes). Toda semente é por quilo produzido ela aparece lá na (...) e muitas vezes ela é feita em troca, em venda, e muitas vezes é doada.

67” Não sei qual foi o sentido da tua pergunta: “o que se faz no ano da feira”

P:É por que o senhor disse q esse foi o melhor ano. vocês venderam toda produção, e esse ano não teve a feira...

V1: mas um pouco isso é (efeito) da feira, por que ela dá conhecimento (publicidade) para toda a região, não é só vendida em Canguçu.

P: Já está na sétima edição. Vai pra oitava. vocês conseguem sentir a diferença da primeira pra sétima em termos de...? Pra nós, nosso grupo de avaliação, e da cooperativa, foi a melhor feira. Não quer dizer que fosse a maior, em público, talvez não, mas a melhor assim, nessa questão, da integração das pessoas q tavam lá, do próprio comércio e das coisas q foram demonstradas, os grupos q trouxeram, as pessoas que trouxeram coisas, foi muito bem vista a feira.

67’55” P:A feira começou com a UNAI?

A Unaic e a cooperativa tão junto ali. A coperativa foi criada depois, faz uns 4 anos.

68’14” P:E vocês conheceram agricultores de outras regiões? Fizeram algum tipo de rede de relacionamento com esses agricultores?

José: sim, vem gente de todo país

V1 : a gente como representante, a gente foi até Santa Catarina, a gente visitou o grupo, tem umas experiências, em SC tem uma associação também. Como a associação não acessa mais recursos públicos, ela é obrigada a se transformar numa cooperativa. Com eles lá aconteceu a mesma coisa que pra nós: a associação teve que se transformar numa cooperativa pra sobreviver. O sistema lá é diferente: é completamente ecológico (...) “acolhida da colônia”, é umas experiências muito parecidas com as nossas. Pelo que a gente acompanha, no Brasil todo as dificuldades são parecidas, não são igual, mas são bastante parecida, é um povo que tem vontade de transformação.

(fala do entrevistador)

69' Voz baixa: para comercializar a semente, uma coisa q deu um (.....) boa também é que a Secretaria da Agricultura se interessou em colocar a semente lá dentro. Esse ano foram dez mil kilos. Colocou semente de milho e feijão. E aí começou a comercializar a semente. É o terceiro ano consecutivo. Essas pessoas que saíram desse grupo e hoje estão à frente dessas secretarias levaram essa ideia. Foi uma bandeira defendida pela Secretaria de desenvolvimento Rural de Canguçu de não ter sementes transgênicas no sistema de troca-troca, que tinha antes, e de colocar as sementes crioulas. Isso é um ganho para os agricultores, para o grupo, para a cooperativa, e é uma bandeira que se levantou. Se teve dificuldades no início. Tem uma resistência inicial com a semente crioula, (as pessoas pensam) que não produz...por desconhecimento. A gente vê que a partir do momento que o agricultor planta o primeiro ano a semente crioula, ele volta, quer outra variedade, segue produzindo a semente crioula, por que é uma semente que se adapta melhor ao ecossistema, resiste mais à seca, tem toda essa questão de ser uma semente mais resistente. O agricultor começa a ver tudo o que ele investe em adubação, nesse pacote tecnológico que vem com a semente transgênica ou até híbrida...bom, se produz menos, mas se eu botar todo esse pacote, ela pode chegar quase igual a um híbrido, e eu não tenho o custo da semente. Então tudo isso o agricultor começa a pensar. Vê também a questão nutricional, a importância...tu bota um punhadinho de milho crioulo, a galinha come e deixa. Tu bota um milho transgênico, a galinha come, come, e tá sempre com fome. Então tudo isso o agricultor começa a observar no seu dia a dia e vai mudando, Também tem a questão da cooperativa incentivar os seus sócios (os demais sócios) a produzir o milho crioulo. Teve uma chamada pública que a (.....) participou, que esses agricultores receberam sementes. Tudo isso vai incentivando a compra das sementes crioulas da cooperativa, ou de pegar no troca-troca, e tudo isso vai dando credibilidade às sementes crioulas. E aí se dá o mérito ao grupo do Passo do Lourenço de ser um grupo q defende essa bandeira, que aposta nas sementes crioulas, q tem como base do grupo isso.

V1 : antes quando eu falei (...) que produz vida. Ali é que tá um pouco a história. por que a gente diz isso? Economia e qualidade. Essa nossa semente aumentou a divulgação. Com essa divulgação se conseguiu aumentar as vendas dos produtores de Canguçu e por que isso? por que ela tem qualidade. Vai diminuir um pouco a quantidade, mas tem qualidade. Então isso deu pra perceber em todos os (...) que a gente comenta, que a gente conversa, essa qualidade de vida tanto pra gente, quando pro animal que a gente trata. Se percebe, na questão do transgênico. Não precisa repetir. É isso mesmo, a gente fez a experiência.

P: Vos conseguiram verificar isso na prática?

V1: Com certeza. A gente fez mais por experiência. Vendo o preço do transgêncio, que não tem qualidade nenhuma e o animal não se alimenta.

V3: a gente teve um pouco de sorte nessa questão aí dos transgênicos, que el não aprovou como parecia q ia tomar conta, pelo menos no mais pequeno.

V 7: Hoje já é estudado, de ser feito alguns documentários assim, de escrever, e também em forma de vídeo do ministério da Agricultura, em Novembro a gente participou da reunião da CPO em Porto Alegre e aí o próprio fiscal do Ministério da Agricultura, José Cleber, falava de ter acompanhado um caso que a gente perdeu essa sensibilidade do que que é bom e do que que é ruim, mas o animal ainda tem, do agricultor botar no coxo o milho crioulo e o milho transgênico, e o boi comer o crioulo e deixar o transgênico, e ele relatar de ele acompanhar uma lavoura que o quati atravessava uma lavoura de milho transgênico e ir lá comer o crioulo, ele fazendo esse relato da gente documentar isso pra mostrar o que é que tá sendo consumido. O que é esse milho transgêncio. A diferença é grande.

P: Seu Darneci mencionou o início. Qual foi o sentimento de vocês quando vocês perceberam que o milho transgênico estava avançando e vinha todo aquele pacote que tem que comprar junto. E o que vocês sentiram quando perceberam que estavam perdendo essa...esse terreno...essa guerra pra Monsanto e outras empresas?

V2 : vou responder não só a nível de Canguçu, mas a nível de região. O que a gente percebeu dentro das reuniões do foro da agricultura familiar é que houve um debate muito forte contra a produção do milho transgênico, mostrando essa realidade que recém tava comentando, mas ela apareceu em toda a região e ela foi uma denúncia pro Ministério Público e foi onde aconteceu uma redução, que a gente conseguiu segurar a produção do milho transgênico em Canguçu.

V 4: A gente ficou bastante assustado. Parecia que aquilo ia vir e tomar conta. Um ano produz, e no outro não,e o que tiver perto... a gente não desistiu, mas a gente ficou pensando, podia acontecer, né?

P: Mas esse receio era o que? Era o milho em si?

V4: Que chegasse ao ponto do milho crioulo não produzir mais. Porque o vizinho planta....Foi pregado isso, que na lavoura que botasse o milho transgênico, o outro não produzia

V2: A resistência a gente ficou assim, que pudesse ter uma contaminação, eu não sou produtor de milho transgênico (mas) daqui a pouco meu milho crioulo tá contaminado, que ele não é mais crioulo, porque tá contaminado pela transgenia do outro, porque ele fez cruzamento...mas (o milho transgênico) não apresentou nem a produtividade que eles esperavam que tivesse. Eu acho que quando não teve a produtividade, caiu um pouco a comercialização. Porque a ideia é que o transgênico fosse que nem o pacote da revolução verde. O transgênico veio semelhante à revolução verde, trazer aquilo de novo, vender o pacote todo. Só que a produtividade dele foi diferente da época que surgiu o híbrido. A produtividade negativa. Tem um amigo meu que trabalhou numa fazenda que produziram milho transgênico e disse que é um cisco, não tem nem cor de milho, ele não sabe nem como venderam.

P: vocês precisaram em algum momento recorrer a banco? Em algum momento de dificuldade sofreram alguma restrição por estar plantando milho?

V1: Isso foi uma das coisas. Antes não tavam querendo financiar(todos falam ao mesmo tempo). Tu financiava mas não tinha direito a PROAGRO.

P: Zoneamento já terminou?

V2: Não, zoneamento é obrigatório pra proagro. Se não tiver zoneamento, não tem PROAGRO.

V3: e ainda hoje tem as dificuldades. Se tu queres proagro, tem um monte de requisitos que se tu não respeita, coisas criadas, eu não entendo direito, se tu não plantar esta e esta variedade tem que ser do dia 15 deste mês, até o dia 15...Tal e tal

variedade tem outras datas. Se tu não souber disso, tu não consegues, tem umas que tem dois, três dias só.

Fábio: Se eu não me engano o seu José tinha me contado uma história, na verdade ele tinha me narrado que em determinado momento a cooperativa fez uma doação de sementes para uma comunidade indígena. Como é que foi essa história?

V2:Essa história, ela está em aberto não foi entregue essas sementes ainda.

P: Ahh, foi esse ano?

V1: é foi, ...era pra ser entregue agora, mas é pouquinho. E esses caras vieram .(incompreensível)..até eu e o Júlio e eles querem que eu vou lá fazer uma reunião com eles , colocar algumas ideia., mas ai não tem uma data pra fazer isso e junto com isso fazer essa entrega dessa semente.

P: Uma coisa que eu não cheguei a perguntar pra vocês... como é que funciona a questão, por exemplo, eu tenho milho canjiquinha e eu quero hãããã aquele milho pra pipoca. vocês não comercializam uns pros outros, principalmente o grupo de vocês aqui, mas como é que funciona... vocês fazem troca de semente, vocês... como é que vocês fazem esse intercâmbio de semente porque em um determinado momento vocês não tinham algumas sementes e ai vocês foram adquirindo essas sementes e tal . como é que funciona?

V3: Isso ai é um trabalho da própria cooperativa e dos técnicos que trabalham na cooperativa pra buscar essas sementes eee....os milho crioulo também vão mudando assim um pouco, vão melhorando... a Embrapa ... essas coisas assim... sabe dizer melhor q eu..

V1: é que nem sempre é técnico porque tu vê quem fez isso agora esse ultimo ano fui eu . eu fui, nos fomos lá em Nova Pretrópolis e de lá a gente trouxe algumas sementes, algumas a gente trocou e algumas a gente comprou e a gente trabalhou no troca troca lá e as sementes a gente trouxe as que a gente não tem ... sim.. sim e agora depois a gente foi la em Ibarama?! e já é parceria né e ai fica mais como guardiões, entendesse...então lá eles tem pouca quantia mas tem grande variedade, então a gente trouxe algumas sementes tu perguntou a questão da pipoca que aqui não é , não é costume de planta, então a gente trouxe lá também não é uma quantia enorme assim, mas que deu pra contribuir pouquinho assim pra cada produtor, e ... ve se consegue amanha ou depois avança nesse processo.

P: Por que eu tenho um colega do mestrado em sociologia lá que tá fazendo , que fez a pesquisa dele dos guardiões da sementes do sul, não era sobre o pessoal especificamente de Canguçu, mas era sobre os guardiões de semente do sul, e ai quando eu comecei o mestrado eu me deparei com a chamada da feira estadual de sementes que foi em 2013... foi la que eu conheci o grupo de ..de.. guardioes daqui de Canguçu através da ..(incompreensível) ..e ai foi que eu resolvi vir ate aqui pra entender como tá se dando esse processo pra vocês e eu to percebendo que ela tá ligada a vida de vocês... esse é o significado da semente pra vocês? Que o sr me falou seu Júlio que fez a comparação da semente a vida . o que que seria .. o que que seria se ela hoje, a semente crioula fosse tirada do poder de vocês da.. do controle de vocês? Como vocês iriam lidar? Como vocês iriam seguir?

V2: Com muita dificuldade , a primeira coisa é isso, com muita dificuldade até..acho que até (incompreensível) sem trabalhar...da pra dizer isso claramente sem esconder dá pra ...vontade de trabalhar...a gente acostumo é um trabalho com toda dureza que a gente tava comentando...a gente trabalhou pra conseguir chegar ali... se hoje a gente tivesse que mudar ai eu acho que nem sei o que a gente faria , sinceramente, no meu ponto de vista eu não sei .

V3: Hoje até nas questões de custo , porque hoje na questão da semente crioula .. a

gente consiga trabalhar sem ter problema de mistura de transgênico e a gente consegue ter ela sempre né... porque da pra fazer a semente em casa, vai ter dificuldade só se tu .. se a região aqui começar todo mundo plantar transgênico a larga escala, aí a gente vai ter dificuldade.. bem grande... por que ...desde que a gente tenha o cuidado de não perder a semente a gente tem ela sempre... isso é um lado assim...é um lado ruim pra quem pensa só em comércio ..e as pessoas que quiserem plantar semente crioula e não plantar mais desde que elas cuide .. desde que elas cuide as suas sementes elas vão ter sempre.

V 2 : Tá e uma coisa assim e eu acho assim.. que uma questão de custo assim... vamos supor que nos não tenha mais comércio pra plantar semente crioula , terminou...a história da semente crioula terminou , nos vamos pegar milho híbrido por um preço alto, pra vender o grão por um preço, geralmente é baixo , esse último ano o preço do milho tava alto, mas geralmente é baixo , não é viável produtor pequeno como a gente , a nossa questão aqui que é agricultura familiar aqui, plantar milho pra vender o grão pra consumo não é viável não faz dinheiro nem pra sobreviver , então a semente é isso aí , e a conservação de uma semente , é o que o Júlio disse ela nos dá a vida porque ela é um alimento sadio, bom né, tanto pra gente como pra o bicharedo e dá o retorno financeiro que nos temos ... recebemos ontem os trocos da semente a dois reais o quilo né. Onde tu vende aí ahhh. Esse ano foi vendido a setenta... oitenta centavos ...u8nos recebemos dois reais .. aí tu vai comprar essa semente pra vender por quarenta...cinquenta centavos o quilo não é viável né...então inviabiliza quase que a produção da propriedade ... ou híbrido ou transgênico pior ainda... o custo é muito alto e a questão é ..

Voz: o milho só é viável pra quem produzir em grande.. em larga escala .em pequena escala quem vai aí produzir o milho transgênico não traz resultado... a gente produz menos aí não é ...só viabiliza produzindo esses .. e esse é o entendimento da gente... nos tiraram a possibilidade de produzir milho se nos não tivesse mais a semente crioula, não ia ter como

Voz: Eu acho.

P: Vou perguntar uma coisa pra vocês...o seu José falou várias vezes que a semente crioula é uma espécie de resistência pra ele...ele falou ... eu queria que vocês me dissessem ahhh ... se vocês entendem da mesma forma do seu José ou o que que significa essa s sementes pra vocês ?

Voz: Faz em torno de 15...16 anos que eu planto ... pra mim também.. é o que eu disse não tenho a mínima ideia de deixar de plantar .. o guri que tá sentado ali do lado de cá é meu filho , trabalha comigo aí, já tá enganado nessa questão de plantação de crioula.. já começou e acredita nisso também ..nem se fala lá em híbrido... transgênico muito menos .. é uma coisa que a gente conseguiu passar pro que tá na agricultura aqui pra ficar no mesmo caminho né de ... e é por todos esses motivos aí que não penso em mudar

Voz 3: eu acho difícil, eu acho difícil mudar ...seguir plantando... acho que não tem outro jeito ... (trecho incompreensível)

P: Na verdade eu vou até refazer a pergunta. É que eu estava tentando entender qual é a ... até onde ela vai na vida de vocês? por que ao longo da conversa eu comecei a perceber que vocês melhoraram, desde que a semente crioula surgiu e que ela começou, esse banco de sementes crioulas vocês foram melhorando e essa melhora foi visível pra vocês e aí ... ninguém nem pensa na possibilidade de... desse milho transgênico tomar conta do mundo mas se vocês não tivessem hoje a semente crioula, era nesse sentido, se vocês não tivessem hoje a semente crioula em comparação com a vida de vocês naquele período lá que antecedeu q foi antes desse

período das sementes crioulas . o que q seria ser agricultor em Canguçu?

V2: a eu acho que a gente comentou não tem nem imaginação, por que a gente começou a trabalhar com o milho híbrido ne, e a gente começou .. e depois qndo surgiu a gente se contentou com aquilo e a gente imagina assim que essa semente crioula eh uma segurança que a nos temo, uma segurança alimentar , essa, essa eh a verdade , que se nos perdendo isso, nos vamos perder a nossa entidade . acho q curto, curto e grosso ai, nos perdendo a nossa entidade nos perdemos essa semente crioula.

V1: acho que eu consegui entender a pergunta. Se não tivesse acontecido a semente crioula na nossa vida, não eh essa a pergunta não eh mais ou menos nesse sentido. Como a gente acha que estaria hoje seria meio assim?

P: É.

V2: Dai é difícil de imaginar , mas eu acho que a situação estaria... só que a gente tivesse com os outros, virado pra um outro lado, ai que tivesse dado certo, mas dentro da agricultura que nós vivemos aqui com milho híbrido e transgênico , pra nós não, só se pensa que estaria pior, bem pior.

P: Seu Júlio falou em identidade, a semente crioula está ligada em identidade pra vocês também, a identidade como agricultor familiar de Canguçu?

V1: Sim, ela eh, ela tá praticamente enraizada já, na nossa, nesse grupo, produz semente , sim.

P: uma outra pergunta , eu e o teu pai eu sei q tinha essa atividade , já era agricultor e tu aprendeu essa atividade com ele, acontece nas outras famílias também a agricultura, as sementes estão sendo passadas, a agricultura, os conhecimentos em agricultura, as formas de vocês viverem, a forma de vocês enxergarem o mundo, tem sido passado de pai pra filho, avô pra neto ou tem alguém aqui tenha começado na agricultura na sua geração?

V2: isso ai, quer ver uma coisa, deixa eu só falar uma coisa e depois tu pode completar. Na feira de sementes do ano passado a gente teve um tema da feira, todas a feria tem um tema um diferente do outro. O ano passado na feira que teve , em Miriti, foi sucessão familiar e eh justamente isso do pai , e isso pra gente muitas vez, eu custei a entender o que significava sucessão familiar, ai quando nos começou a entender, ai a gente percebeu que nós estávamos atrasado e ai a gente começamos uma batalha bem dura, trabalhamos pesado em cima disso e parece que nós estamos conseguindo com os jovens hoje que tão com bastante vontade (trecho incompreensível).. um deles com a gente tava comentando a recém, tá ai junto de nós, tem mais outro guri que entrou ai e eu acho que esse nosso trabalho de tá fazendo baseado na sucessão familiar. Não sei se eu respondi,

P: humm rum

V3: acho que os demais também, os pais era...

Voz4: É, eh o que eu ia colocar o meu pai, faz 29 anos que é falecido, mas quando eu era piá como diz o Júlio aqui, ele plantava, na época, naquela época não existia milho híbrido , quando eu me criei era milho crioulo, tinha milho branco , tinha milho amarelo, tinha...eu cheguei a planta milho pipoca, pipoca (incompreensível) quando era , quando comecei a trabalhar , então eu venho dos pais, ate dos avós a questão de ser agricultor e já trabalhar com híbrido depois de um certo tempo foi perdido essa historia , passou tudo pro híbrido , ai era o só híbrido, o crioulo foi indo e findo, inclusive la no meu pai findo não se comprava mais, se plantava pouco ,praticamente pouco mais que o gasto da casa e plantava milho, todos os anos tinha que compra né. Quando surgiu velho , quando eu já tinha casa já uns tantos anos, passou ah, meu pai nem existia mais, surgiu a ideia deu de... , desse ramo de sementes, foi criada...

(incompreensível) fui o primeiro, direto buscar a identidade, eu me lembro de nos triar na maquinazinha de mão (incompreensível) qualidade, quando era bom tinha muita espiga que nem entrava na máquina não cabia tinha 24 carrera na volta, era chamada de 24 carrera e eu tinha vontade de que aquele milho aparecesse de novo, o milho crioulo e aí a gente começou a plantar e aí no segundo ou terceiro ano eu... (incompreensível) híbrido ..a favor hoje nem terço. (incompreensível)

V4: talvez 99% do pequeno agricultor do pai dele e o avô era agricultor

V3: e plantava milho crioulo

V1: tá se mantendo a **distância?** a próxima geração tá pegando junto. Que não era agricultor, vem ser pequeno agricultor, eu não conheço aqui ninguém, acho que é muito difícil, já vem dos pais, dos avôs

V6: 65% da população é rural, acho que de gente que pode, se nascer e se criar na cidade, é muito difícil. E vir um filho pra cá e virar agricultor... acho que não.

P: vocês têm alguma história que vocês se lembrem de alguma semente crioula específica que vocês tivessem perdido o contato e que depois reapareceu? Alguma coisa que vocês queiram me contar porque basicamente acho que a gente já fez todas as perguntas que a gente precisava. Mas se vocês quiserem contar mais alguma coisa vocês fiquem a vontade

V1: Acho que assim, a gente que tá aqui na produção, a gente não sabe dizer muito isso, mas os técnicos que estão trabalhando mais direto nas sementes têm algumas variedades de milho que nós temos produzindo hoje que talvez elas seja as mesmas, quase as mesmas que existiram antigamente só que tem outro nome né. Eu acredito principalmente o milho branco, exista ele bem parecida, eu plantei esse ano milho branco, tem nome de taquarão que eu não me lembro quando era novo de existir só me lembro de era bem parecido o grão daquele milho com esse que eu plantei agora, talvez que ele ainda vem daqueles milho, tem q ser dali,

V3: sem dúvida que é.

V1: Só que esse que eu tava me referindo 24 carrero, esse o Cunha, é um milho meio parecido com esse, um grão cumprido, estreito, é só tu contar a espiga vê se tem 24 tu sabe é que 24.

V3: é mas, é aqueles milho parecido, mas a gente não, a gente acha que eles, que talvez tenha alguma coisa a ver com aqueles s nomes que eram diferentes. Aqui tinha um milho que hoje existe, tinha aqui os caras plantava, me lembro do meu pai planta, um tal de bagualão, um milho amarelo, te lembra? Que os Ferreira plantava aqui assim.

V1: Existe ainda.

V2: Pois é, então é tudo são coisas que já vem, vem com outro nome né, mas vem da mesma semente a gente acredita que seja

V3: Então alguém pega semente pra si, patenteia ela bota o nome que ele. Aí deixa de existir aquela, deixa de existir, e daí vai existir só o nome do cara daí tu perde a identidade né.

Voz: é, esse caiano... esse caiano rajado

Voz O Caiano rajado e o pampa, meu pai plantava, eu plantava também, o palha roxa, se chamava de primeiro, pra mim era aquele palha roxa que o q tem hoje eles que dão o grão rajado e a palha, alguma palha da espiga também arroxada. Acho que vem daquele milho também né,

Voz: E eles diziam que o palha roxa, a palha era forte

V3: A é, é, uma palha grossa né...

V2: e esse do caiano do rajado ... é..palhudo...

V1: o milho ao longo do tempo vai sofrendo algumas modificações genéticas, começa

a plantar se tu tira as só espigas que tem o palha roxa , com o tempo ela vai produzir toda a lavoura de palha roxa né, mas ai como as vezes vai dando uma misturadinha ne, até o próprio agricultor ne, tipo esse 24 carrera, as vezes tu pega e não não... separa só os que tem 24 carrera, ele vai em torno de 5 anos tu consegue limpar uma semente né, ai tu escolhe essa semente , oh, todas iguais, com o mesmo numero de carrera, o mesmo tipo de palha, mesma coloração , ai tu vai plantando só aquele , ai tu consegue limpar uma semente, mas se tu vai, as vezes não da muita importância pra isso ne, e geralmente a gente já colhe vai tudo pra cooperativa e la é feito esse processamento então tu não sabe se realmente que tipo de espiga que tipo de coloração de palha era né, então ele tem algumas mudanças ao longo do tempo.

P: uma coisa que me ocorreu agora , hoje pra vocês plantarem vocês precisam bem bagualão, vocês precisam de uma enxada, um punhado de sementes, a força de trabalho de vocês e a terra e o sol, e a agua , e a chuva. Mas antes vocês conseguiam fazer isso? Antes de vocês começarem esse projeto de sementes crioulas, antes de vocês começarem a trazer elas de dentro dos galpões e buscar elas de outros lugares, a terem contato com essas sementes, vocês conseguiam guardar as sementes de vocês de um ano pro outro.

V1: não, não... milho híbrido não produz. Não plantou esse ano, ano que vem não precisa nem plantar que ele não produz. Tem que comprar todos os anos, já é híbrido por isso porque ele não vai se produzir . já é aquela ideia né, de vender as sementes todos os anos.

V3: Mas tem, no transgênico tem um(????) guardado que eles pode botar na semente que ela no ano seguinte ela não produz, e tambem ai tem , no caso de uma contaminação o agricultor tem uma lavoura de semente crioula e cruzou com a transgênica, deu vento era muito perto, aquela semente crioula não vai produzir também. Chama o gene extermineite, no ano termina a semente.

V2: Semente é vida ne, é vida

Voz: é , esse ai é o grande problema da identidade, tem semente que tem que conservar pra toda a vida. Lá tem que ter cuidado ne, pra não contaminar e nem misturar muito essas sementes pra não perder essas identidade que o Zamir tava falando , (...) crioulo se for um o milho branco e o amarelo costado lá na outra é claro que tu vai misturar ne, dai tu vai ta perdendo a qualidade mas se cuidar isso ai pode plantar todos os anos o mesmo que não tem problema, não diminui a produção de um ano pro outro

Fabio: Gente, assim oh, inicalmente era as perguntas que eu tinha preparado pra vocês, eh o que disse se vocês tiverem alguma coisa que vocês queiram acrescentar , alguma coisa que vocês queiram dizer, não tem, pode ficar a vontade, mesmo que não estejam nesse roteirinho que eu soh fiz pra me basear mesmo , mas assim ate aqui eu consegui muitos dados que eu vou precisar agora transcrever pro papel tudo que vocês me disseram aqui e que não foi pouco por que acho que a gente ficou umas duas horas reunidos e todo mundo falando um pouquinho, mas em principio o que eu tinha pra perguntar pra vocês eu acho que a gente já consegui perguntar se vocês tiverem alguma coisa pra acrescentar fiquem a vontade .

V1: Eu queria ver assim , antes de, se só se conseguiu te responder, mais ou menos, o que deu pra vocês entender o que vocês precisavam por que a gente só vai ficar contente se conseguiu contribuir né.

P: não, conseguiram sim! conseguiram sim. o meu objetivo quando eu vim pra cá, eh, eu sou de rio grande , eu vivo na cidade, então, o mundo que eu to acostumado é o mundo urbano, eu até tenho contato com o mundo rural, o inicio que eu comecei a pesquisar era sobre as “terminator”, o risco que tinha as “terminator” . Mas abandonei

a ideia por que eu achei um universo mais interessante que era essa experiência que vocês tem aqui em Canguçu com as sementes crioulas justamente por todos esses fatores que vocês acabaram me contando essa noite eu não sabia exatamente o que eu iria descobrir ,mas digamos que pra quem veio de rio grande não tah acostumado com a vida de agricultor eu consegui entender perfeitamente como funcionou essas sementes crioulas pra vocês e o que que ela tah representando hoje pra vocês. Então pra mim foi perfeito, eu ate peguei os endereço , nomes e os telefones por que pode ser que algumas coisas podem ser que eu queira complementar, eu tenho um orientador que provavelmente vai querer me fazer perguntas e talvez eu tenha que fazer algumas perguntas pra vocês, mas nada que eu tenha que comprometer a vida de vocês de novo...

V1: naaa, não.. a gente tá a disposição, o que puder ajudar

V2: Acho que pra gente é uma satisfação assim, né, dizer que podia ser não conseguimos responder hoje o cara vai ficar preocupado pensando nessa prosa e de repente amanhã ou depois vamos ter como responder com mais qualidade acho q nos temo a vontade, os telefone tao ai a hora que quiser entrar em contato nos temo disposto a responder.

P: Ah, muito obrigado . Eu só, só a única coisa que eu vou perguntar pra vocês, que eu não cheguei a perguntar e provavelmente o meu orientador vai querer saber é as idades de vocês... o cleber, o clebis.

V3: 69... não... já era... 47.

P: Eu ia te dizer, ..to me mudando pra cá amanhã , vou largar a minha vida e venho pra cá.

P: Seu Júlio?

V2: 51

P: O seu Gerci?

V6: 61

Fabio: 61. Sergio?

V5: 48

P: Reforça a relação aos nomes, na participação os dois chegaram depois, sobre os anonimato.

P: Ahmmm, pra quem, seu Gerci e seu Darneci , eu não cheguei a dizer pra vocês mas eh, eu não , se vocês não tiverem problemas eu até posso usar o nomes, não tem problema nenhum ... eu inicialmente ia usar so as iniciais de vocês, por que tem gente que não gosta de responder certas perguntas ou que não gosta de ter seu nome vinculado a qualquer ... por que disso aqui, essa pesquisa vai se tornar uma dissertação de mestrado e provavelmente em março do ano que vem eu deva estar concluindo ela , inclusive eu vou trazer uma copia pra vocês aqui, um compromisso que eu faço, por que não adianta nada eu vim aqui fazer esse monte de pergunta pra vocês e depois vocês: - tah mas e aí? Eu vou trazer uma copia pra vocês

Voz: pra vocês entender o pra quem se...

P: mas assim oh, se vocês me autorizarem eu posso botar o nome de vocês, eu nao preciso botar o nome completo mas,eu posso falar Clebis, eu posso falar... ah não tem problema então..

Voz: Não tem problema nenhum ne cara.

Voz: mas oh, ficou uma duvida assim oh, o que vao botar ai a idade ou o ano de nascimento?

P : idade

Voz: então tá, tem alterar ai... oh não 51, eu tenho 65.

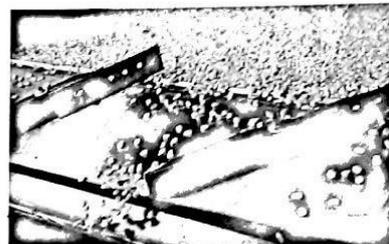
Anexo C - Documentos

Como funciona a Tecnologia Social Produção e Preservação de Sementes Crioulas

A tecnologia começou a ser desenvolvida em 1994. A ideia era sensibilizar e mobilizar os pequenos produtores para a necessidade de preservar as sementes crioulas e assim reconquistar a independência da agricultura familiar em relação às grandes companhias do agronegócio.



Foi criado um Banco Comunitário de Sementes, que promove a troca de cultivares entre os agricultores. Essa troca favorece a disseminação das espécies crioulas e, em decorrência disso, sua preservação. Também foram introduzidas as sementes varietais, que são variedades crioulas melhoradas em pesquisas e seleção de campo realizadas pelos pequenos produtores, em parceria com a Embrapa.



A necessidade de atender a um número cada vez maior de agricultores interessados na tecnologia fez com que a Unaic passasse a produzir e comercializar sementes crioulas de milho e feijão, em regime cooperado. Os principais compradores são agricultores familiares, assentados da reforma agrária e comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas.



Além de favorecer a interação de todos os envolvidos na busca conjunta de soluções, a tecnologia social também ajuda a difundir novas práticas de produção. Em inúmeros eventos de capacitação, os agricultores familiares participantes aprenderam sobre manejo e conservação do solo, captação e uso de recursos hídricos e implantação de sistemas agroflorestais.

A experiência de sucesso hoje é divulgada em feiras e seminários. Unidos, os agricultores familiares protegem a biodiversidade e promovem a autonomia da agricultura familiar e a sustentabilidade.



O resgate da biodiversidade para as próximas gerações

A biotecnologia está transformando as lavouras brasileiras em um imenso monopólio de grandes corporações, que fazem o melhoramento genético das sementes, registram a patente das variedades obtidas e estabelecem sua própria política de preços. Isso dificulta o acesso de pequenos agricultores e comunidades tradicionais às sementes e ainda ameaça de extinção um rico material genético: as sementes crioulas, aquelas variedades nativas que não sofreram modificações genéticas.

Por acreditar que a prática da biodiversidade é a chave para a preservação das espécies crioulas, a União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (Unaic), no Rio Grande do Sul, decidiu apostar na agricultura familiar como a melhor forma de proteger os recursos genéticos vegetais brasileiros. Assim, foi desenvolvida a tecnologia social Produção e Preservação de Sementes Crioulas, que faz da proteção à biodiversidade um negócio lucrativo para as famílias de pequenos agricultores.

MANEJO ECOLÓGICO DO SOLO COM PLANTAS DE COBERTURA



O MANEJO ECOLÓGICO DO SOLO CONSISTE EM:

- cultivar o solo de acordo com sua aptidão agrícola;
- corrigir a fertilidade e adubar as culturas com resíduos vegetais e orgânicos;
- trabalhar o solo com mobilização mínima e em sistemas de rotação de culturas intercaladas com plantas de cobertura e melhoradoras;
- controlar as plantas indesejáveis, as pragas e as doenças sem agrotóxicos.

BENEFÍCIOS DAS PLANTAS DE COBERTURA E MELHORADORAS DO SOLO

- Protegem o solo do impacto da gota da chuva, reduzindo a velocidade do escoamento das águas e a erosão;
- evitam o aquecimento excessivo da superfície do solo e as perdas de água por evaporação;
- rompem a camada adensada e melhoram a estrutura aumentando a infiltração e o armazenamento de água no solo;
- elevam o teor de matéria orgânica, pelo aporte contínuo de material vegetal no solo;
- incorporam nitrogênio no solo, principalmente, através das leguminosas;
- reduzem a lavagem dos nutrientes para o lençol freático;
- melhoram a atividade biológica e reciclam nutrientes do solo, permitindo reduzir a adubação de manutenção e de cobertura para as culturas;
- auxiliam no controle de plantas espontâneas (invasoras);
- ajudam a diminuir a incidência de pragas e doenças.

O Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) é uma organização não governamental que trabalha com assessoria técnica em agroecologia na produção de alimentos, organização comunitária, saúde comunitária e cooperativismo. Sua proposta é pela afirmação da agricultura ecológica familiar como parte de uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

Para o CAPA – que atende grupos e associações de agricultores familiares, agricultores assentados, quilombolas e indígenas – o respeito à diversidade biológica, cultural, étnica e religiosa é fundamental para a manutenção da vida e para a construção de independência e de autonomia.

www.capa.org.br

Organizações parceiras do CAPA que comercializam produtos ecológicos:

PARANÁ

Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos (Acempre)
Travessa Brasília, 10 – centro
Marechal Cândido Rondon – PR
acempre@hotmail.com
45 3254-0212

Associação dos Produtores Agroecológicos de Verê (Apav)
Avenida Getúlio Vargas – Centro
Verê – PR
associacaoapav@hotmail.com
46 3535-1779

Cooperativa Agroecológica e da Indústria Familiar (Coperfam)
Travessa Brasília, 10 – centro
Marechal Cândido Rondon – PR
coperfam@yahoo.com.br
45 9138-5307/45 9997-5195

Indústria de Sucos Viry
Parque Industrial – Cx. Postal 25
Verê – PR
sucosviry@hotmail.com ou
capa@vere.com.br
46 9972-9720/46 3535-1119

RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA

Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (Arpa Sul)
Av. Fernando Osório, nº 2889
Pelotas – RS
associacaoarpasul@gmail.com
53 9989-0244

Cooperativa das Atividades Agroindustriais e Artesanais dos Agricultores Familiares de Turuçu (Cooperturuçu)
BR 116, Km 482 – Turuçu – RS
cooperturuçu@gmail.com
53 8431-3480

Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecológicos Ltda (Ecovale)
Thomaz Flores, 805 – centro
Santa Cruz do Sul – RS
cooperativaecovale@hotmail.com.br
51 3713-4152

Cooperativa dos Agricultores Ecológicos Solidários (Cooperfas)
Rua Gaurama, 470 – Erechim – RS
cooperfas@uol.com.br
54 3321-5951

Cooperativa dos Apicultores e Fruticultores da Zona Sul (Cafsul)
Vila Maciel, 8º distrito – Pelotas – RS
cafsul@gmail.com
53 3224-5072

Cooperativa dos Produtores Bioorgânicos (Cooperbiorga)
Rodovia SC 469 Km 27,5
Saltinho – SC
biorga@biorga.com.br
49 3656-0263

Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul (Coopar)
Estrada Boa Vista, 6º distrito
São Lourenço do Sul – RS
coopar.boavista@terra.com.br
53 3611-8028/533611-8029

Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda
Rua Barão de Santa Tecla, 510 – centro – Pelotas – RS
sulecologica@gmail.com
53 3028-1300

União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (Unaic)
Av. Exército Nacional, 225
Canguçu – RS
uniaoass@gmail.com
53 3252-1011





**Cada brasileiro consome em média
5,2 litros de agrotóxicos por ano
Até quando vamos engolir isso?**

CAMPANHA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA

Segundo dados do Sindicato Nacional para Produtos de Defesa Agrícola (Sindage), em 2009, foram comercializados legalmente 1 bilhão de litros. Distribuindo a quantidade de veneno utilizado chegamos à média de 5,2 litros de agrotóxicos por habitante ao longo do ano.



Secretaria Operativa Nacional
 contraosagrototoxicos@gmail.com
 fone (11) 7181-9737
 skype contraosagrototoxicos



AGROTÓXICO MATIA

CAMPANHA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Em média, ingerimos **5,2 litros de veneno** por pessoa a cada ano.



A maior parte dos agrotóxicos está na nossa **alimentação, terra, água e ar**. Isso gera um sério problema de **saúde pública**, que afeta a população em geral e os camponeses e trabalhadores rurais em particular, com milhares de casos de mortes registradas.



FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS LIVRES DE AGROTÓXICOS TÊM MAIOR POTENCIAL PROTETOR CONTRA CÂNCER.

O uso de agrotóxicos é associado ao aumento da incidência de câncer, pois favorece a alteração do DNA de uma célula, o que pode dar origem a tumores. Dados do **Instituto Nacional do Câncer (INCA)** estimam que a doença afetará **1 milhão** e matará **400 mil pessoas** nos próximos anos.

MALES À SAÚDE CAUSADOS PELOS AGROTÓXICOS:

Cefaleia, tontura, fraqueza, náuseas, vômitos, dor abdominal, convulsões, coma, depressão, suicídio, lesão nos nervos, fígado e rins, anomalias nos fetos, potencial carcinogênico, risco de vida.

A **ANVISA** alerta que 14 tipos de agrotóxicos prejudiciais à saúde e já proibidos em outros países devem ser banidos imediatamente do Brasil. **As empresas do agronegócio seguem comercializando esses venenos.**



A **contaminação** existe na maioria dos nossos alimentos, principalmente por: (1) níveis de agrotóxicos acima do permitido; (2) agrotóxicos não permitidos para certos tipos de cultivo; (3) agrotóxicos proibidos no Brasil.

Dados do Censo Agropecuário 2006 do IBGE:

	AGRONEGÓCIO	AGRICULTURA CAMPONESA
EMPREGOS POR 100 HECTARES	1,7	15
ALIMENTOS PRODUZIDOS	30%	70%
TERRAS UTILIZADAS	76%	24%
CRÉDITOS DO GOVERNO	84%	14%

O AGRONEGÓCIO É UM MODELO QUE DEPENDE DE AGROTÓXICOS, MONOCULTIVO E LATIFÚNDIO.
Concentra terras, produz para a exportação, expulsa o povo do campo, gera lucros para transnacionais mas mantém a fome e a pobreza no Brasil.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que **40% dos brasileiros (80 milhões de pessoas) vivem em situação de insegurança alimentar.** Isso comprova que o agronegócio não atende às necessidades do povo.

A AGROECOLOGIA É A SOLUÇÃO PARA ALIMENTAR A HUMANIDADE.

A agroecologia é um sistema de produção sustentável praticado pelos/as camponeses/as, que evita venenos e adubos químicos, usando os elementos da própria natureza para manter o equilíbrio. Para isso é necessário a **produção diversificada, rotação de culturas e defensivos naturais.** Esta base tecnológica natural já se mostrou a melhor forma de produzir alimentos saudáveis e acessíveis à população, preservando o meio ambiente e o conhecimento acumulado pelos camponeses ao longo de séculos.



PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM!

**CAMPANHA PERMANENTE
CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA**

A Campanha foi lançada em 7 de abril de 2011, no Dia Mundial da Saúde, por mais de 30 organizações sociais, com o objetivo de denunciar a falta de fiscalização e os efeitos prejudiciais dos agrotóxicos, defendendo alternativas como a agroecologia.



Para informações e contato:
<http://contraosagrototoxicos.org>
contraosagrototoxicos@gmail.com

Semana do Alimento Orgânico



*Produção agroecológica:
agricultura familiar socialmente justa,
economicamente viável e
ecologicamente sustentável.*

Alhol

Função: ferrugem, pulgões, fusarioses, murchadeira, bruzone do arroz, podridão negra do repolho e couve-flor, nematóide, controle de mildio, mosca do chifre no gado, lagarta da maçã e besouro da batata.

Ingredientes: para elaboração de 6 litros de alhol.

1kg de dente de alho;
200 gramas de sabão neutro;
100ml de óleo vegetal (glicerol);
5 litros de água.

Modo de preparar:

Debulhar e pesar 1kg de alho.

Moer ou triturar o alho, de modo que resulte em partículas menores possíveis. Pode-se utilizar liquidificador ou máquina de moer carne. Se necessário utilizar um pouco de água na operação de moagem, no máximo 2 litros, marcando o volume.

Após a moagem do alho, acrescentar 100ml de óleo vegetal, misturar bem com a massa do alho.

Deixar de repouso por, no máximo, dois ou três dias.

Após o repouso. Dissolver 200 gramas de sabão neutro em 3 litros de água fervente, em um balde.

Picar o sabão em pequenos pedaços e despejar água sobre eles, mexer com uma pá até o sabão se dissolver.

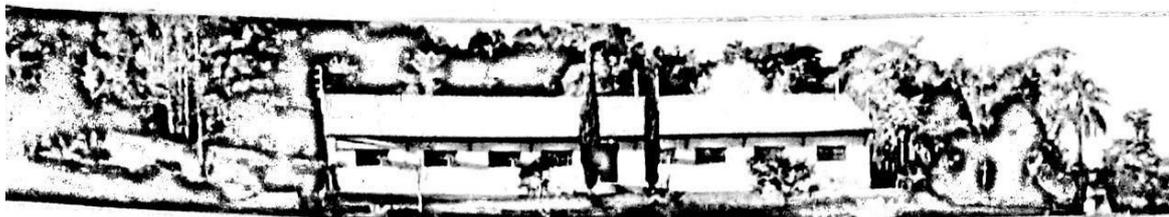
Esperar a água de sabão esfriar e misturar com o preparo do alho e óleo vegetal.

Esperar 1 dia e fazer a coagem, após, o alhol pode ser armazenado em garrafas plásticas.

O volume de água usado em todo o processo deve ser de exatamente 5 litros.

Modo de usar:

Depois de pronto usar de 200ml a 500ml por 10 litros de água, concentração de 2 a 5%.



Noções básicas para o cultivo da goiabeira em pequenas propriedades no Rio Grande do Sul

A goiabeira é uma frutífera promissora para a diversificação de cultivo, especialmente para as pequenas propriedades rurais da Metade Sul, podendo ser cultivada com baixo uso de insumos químicos. Alguns requisitos básicos para seu cultivo devem ser atendidos visando obter uma elevada produção de frutos com boa qualidade.

ESCOLHA DO LOCAL

Preferencialmente solos profundos, com bom teor de matéria orgânica e pH na faixa de 5,5 a 6,5. Deve-se evitar a implantação das goiabeiras em locais sujeitos ao encharcamento do solo e à ocorrência de geadas. Na Metade Sul do Rio Grande do Sul, preferencialmente, devem ser escolhidos locais com mais de 250 m de altitude para que sejam reduzidos os riscos de danos por geadas.

PREPARO DO SOLO

Deve ser feito de modo semelhante ao utilizado para as demais frutíferas. Três meses antes do plantio, deve-se fazer uma análise de solo para a correção das deficiências químicas, principalmente de pH e de fósforo. A calagem e a fosfatagem, quando necessárias, devem ser feitas 60 dias antes do plantio, juntamente com a subsolagem, aração e gradagem do terreno. Estas medidas são fundamentais de serem realizadas no momento de implantação do pomar, pois, após o plantio, estas tarefas são difíceis de serem executadas.

ESPAÇAMENTO

Como a goiabeira é uma planta frutífera de grande porte, devem-se utilizar espaçamentos variando de 5 m a 7 m entre filas e de 4 m a

7 m entre plantas. Espaçamentos adensados causam problemas para a realização dos tratamentos fitossanitários, bem como para o deslocamento de máquinas, equipamentos e pessoas. Este espaçamento permite que sejam cultivadas culturas intercalares, principalmente nos primeiros anos de cultivo.

CUIDADOS NO PLANTIO

Normalmente o plantio é realizado no final da primavera/início do verão, época em que as mudas são entregues pelos viveiristas. As mudas no campo devem ser tutoradas, utilizando-se estacas de bambu ou outro material disponível, com amarrão das plantas junto ao tutor até aproximadamente os dois anos de idade. Deve-se tomar o cuidado para que o material utilizado na amarração das plantas não cause o estrangulamento das mesmas. Após a implantação, em média, recomenda-se a realização de três adubações em cobertura, nos meses de novembro, janeiro e março. Recomenda-se também a irrigação, sempre que necessário, a fim de proporcionar um bom desenvolvimento das mudas.

Foto: Paulo Lanzetta



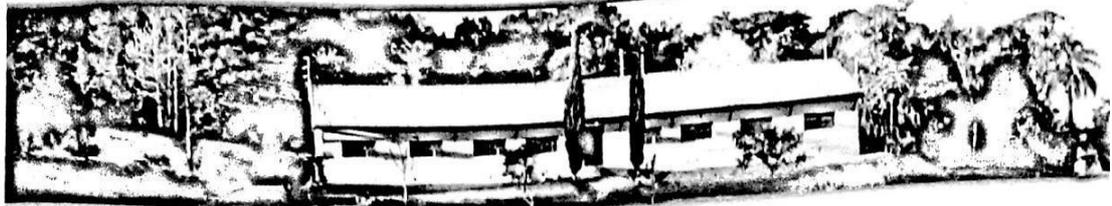
Frutos maduros da goiabeira.



base ecológica
Estação Experimental Cascata



Ministério da
Agricultura, Pecuária
& Abastecimento



Húmus líquido:

adubação orgânica líquida visando a transição agroecológica

A busca por fertilizantes orgânicos alternativos, fáceis de serem produzidos nas propriedades rurais e de alto valor nutricional e biológico, é uma das grandes demandas dos horticultores que optam pela produção de base ecológica.

O húmus de minhoca possui excelentes propriedades químicas, físicas e, sobretudo, biológicas, capazes de aviventar os solos agrícolas. Porém, muitos agricultores têm restrições ao seu uso, argumentando ser de difícil aplicação nas adubações de pós-plantio, nos cultivos com cobertura morta, ou ser um agente disseminador de sementes de plantas espontâneas.

O húmus líquido apresenta-se como uma opção para a adubação orgânica em hortaliças, sendo obtido pela mistura de húmus sólido e água. Sua produção é fácil, tem baixo custo e requer pouca mão-de-obra. Além disso, possui uma composição rica em nutrientes e ácidos orgânicos que estimulam o crescimento das plantas, bem como micro-organismos que auxiliam o equilíbrio biológico do solo. Quando filtrado de forma adequada, o húmus líquido pode ser aplicado através do sistema de irrigação, inclusive sob cobertura plástica do canteiro, eliminando assim o problema da presença de sementes invasoras.



Figura 1



Figura 2

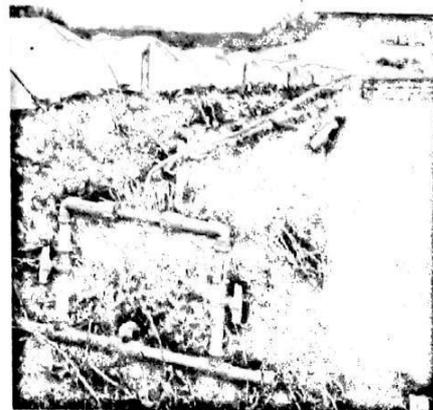


Figura 3

Fotos: Gustavo Schiedeck

ISSN 2237-7573



Resultados

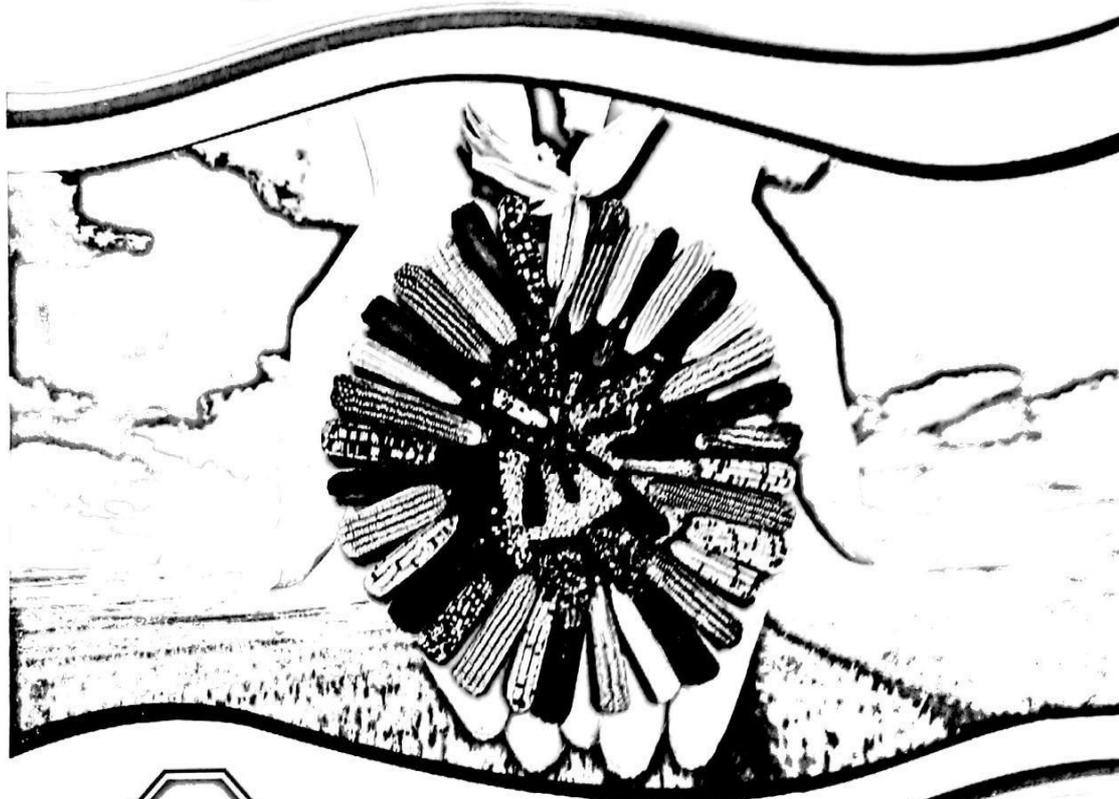
- » Desenvolvimento de **10 oficinas de formação**, envolvendo 100 jovens rurais, com carga horária total de 192 horas/aula;
- » Realizado **6 visitas de intercâmbio** à propriedades e/ou entidades de referência em agricultura de base ecológica;
- » Implantação de **duas unidades demonstrativas de base ecológica** em hortaliças e frutíferas para o desenvolvimento das práticas durante as oficinas;
- » Realização de **100 visitas às famílias**, de duas horas cada, em 12 municípios do Vale do Rio Pardo;
- » Organização de **4 núcleos agroecológicos**, um no município de Boqueirão do Leão, um em Santa Cruz do Sul e outros dois vinculados a feira pedagógica da EFASC, envolvendo diversas comunidades e estimulando a produção de alimentos ecológicos para a soberania alimentar das famílias e para a comercialização nos mercados institucionais (PAA e PNAE) e feiras locais.
- » Realização de uma **oficina de avaliação final e prestação de conta** das atividades desenvolvidas no projeto.





Sementes Crioulas

A sua saúde começa por aqui!



DIGA NÃO AOS TRANSGÊNICOS

Nós defendemos as Sementes Crioulas.

“ E que sirvam nossas façanhas, de modelo a toda terra! ”

Canguçu/2014

O que são Sementes Crioulas?

São sementes primitivas que sofreram cruzamentos seletivos em decorrência da natureza e domesticação do homem.

Aspectos Positivos

- Maior rusticidade;
- Maior variabilidade genética;
- Maior resistência a estiagem e pragas;
- Autonomia na produção de sementes;
- Fuga do pacote tecnológico - adubo, agrotóxico, sementes híbridas e transgênicas.



Carioca

Chileno

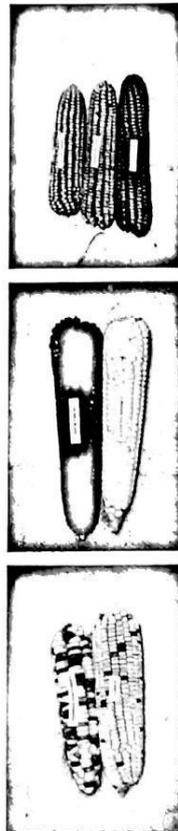
Praia



Cavallo

Olho de Cabra preto

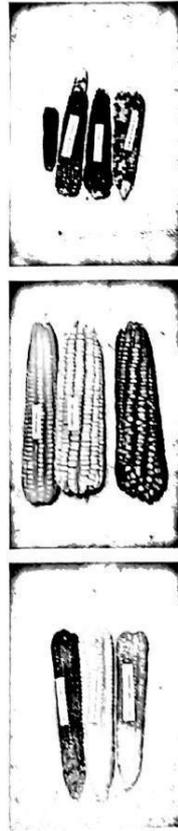
Feijão Pombinha



- Branco Roxo Índio
- Cunha

- Caiano Roxo
- Cateto Branco

- Caiano Amarelo
- Caiano Rajado
- Caiano Roxo



- Argentino Roxo
- Argentino Branco
- Argentino Amarelo

- Crioulo
- Amarelão

- Pipoca Crioulo
- Pipoca Roxo
- Pipoca Pintado

Você também pode se envolver neste debate sobre as mudas e sementes crioulas, participando dos diversos eventos que as organizações da agricultura familiar, Movimentos Sociais Populares promovem em todo Brasil. São feiras e festas de sementes crioulas, onde agricultores e agricultoras de todas as partes se encontram para trocar conhecimentos, experiências, é claro, sementes e mudas.

As pessoas já estão convencidas de que é uma falsa verdade que as sementes transgênicas salvarão o mundo da fome. Não é a falta de alimentos que provoca a fome no planeta, é o acesso a eles, a má distribuição.

SEMENTES CRIOULAS

COMPROMISSO COM A AGROBIODIVERSIDADE E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AGRICULTURA FAMILIAR